

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

# LITERATURA E SAÚDE PÚBLICA

VOLUME 2

TERRITÓRIOS E CUIDADO:  
GÊNERO, FAMÍLIA, VIDA E MORTE



Frederico Viana Machado  
Isabel Cristina de Moura Carvalho  
Janaina Liberali

ORGANIZADORES





Frederico Viana Machado  
Isabel Cristina de Moura Carvalho  
Janaina Liberali  
ORGANIZADORES

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

# LITERATURA E SAÚDE PÚBLICA

VOLUME 2

**TERRITÓRIOS E CUIDADO:  
GÊNERO, FAMÍLIA, VIDA E MORTE**

1ª Edição  
Porto Alegre  
2021

editora



redeunida

**Coordenador Nacional da Rede UNIDA**

**Túlio Batista Franco**

**Coordenação Editorial**

*Editor-Chefe:* **Alcindo Antônio Ferla**

*Editores Associados:* **Gabriel Calazans Baptista, Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Denise Bueno, Maria das Graças, Frederico Viana Machado, Márcio Mariath Belloc, Karol Veiga Cabral, Daniela Dallegrove.**

**Conselho Editorial**

**Adriane Pires Batiston** – *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;*

**Alcindo Antônio Ferla** – *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;*

**Àngel MartínezHernáez** – *Universitat Rovira i Virgili, Espanha;*

**Angelo Stefanini** – *Università di Bologna, Itália;*

**Ardigó Martino** – *Università di Bologna, Itália;*

**Berta Paz Lorido** – *Universitat de les Illes Balears, Espanha;*

**Celia Beatriz Iriart** – *University of New Mexico, Estados Unidos da América;*

**Denise Bueno** – *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;*

**Emerson Elias Merhy** – *Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil;*

**Èrica Rosalba Mallmann Duarte** – *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;*

**Françisca Valda Silva de Oliveira** – *Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil;*

**Izabella Barison Matos** – *Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;*

**Hêider Aurélio Pinto** – *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil;*

**João Henrique Lara do Amaral** – *Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil;*

**Célio César Schweickardt** – *Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil;*

**Laura Camargo Macruz Feuerwerker** – *Universidade de São Paulo, Brasil;*

**Leonardo Federico** – *Universidad Nacional de Lanús, Argentina;*

**Lisiane Böer Possa** – *Universidade Federal de Santa Maria, Brasil;*

**Liliana Santos** – *Universidade Federal da Bahia, Brasil;*

**Luciano Bezerra Gomes** – *Universidade Federal da Paraíba, Brasil;*

**Mara Lisiane dos Santos** – *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;*

**Márcia Regina Cardoso Torres** – *Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil;*

**Marco Akerman** – *Universidade de São Paulo, Brasil;*

**Maria Augusta Nicoli** – *Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália;*

**Maria das Graças Alves Pereira** – *Instituto Federal do Acre, Brasil;*

**Maria Luiza Jaeger** – *Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;*

**Maria Rocineide Ferreira da Silva** – *Universidade Estadual do Ceará, Brasil;*

**Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira** – *Universidade Federal do Pará, Brasil;*

**Ricardo Burg Ceccim** – *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;*

**Rodrigo Tobias de Sousa Lima** – *Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil;*

**Rossana Staevie Baduy** – *Universidade Estadual de Londrina, Brasil;*

**Sara Donetto** – *King's College London, Inglaterra;*

**Sueli Terezinha Goi Barrios** – *Associação Rede Unida, Brasil;*

**Túlio Batista Franco** – *Universidade Federal Fluminense, Brasil;*

**Vanderléia Laodete Pulga** – *Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;*

**Vera Lucia Kodjaoglanian** – *Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil;*

**Vera Maria Rocha** – *Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;*

**Vincenza Pellegrini** – *Università di Parma, Itália.*

**Comissão Executiva Editorial**

**Gabriel Calazans Baptista**

**Jaqueline Miotto Guarnieri**

**Alana Santos de Souza**

**Márcia Regina Cardoso Torres**

**Renata Riffel Bitencourt**

Arte da Capa | Projeto Gráfico | Diagramação

Lucia Pouchain

Ilustrações de Capa e Seções

Trabalhadores e usuários do CAPS AD III Amanhecer da cidade de Canoas/RS

Fotografias

Janaina Liberali

Revisão

Tânia Mara Vanin Cassel, Beatriz Vincent, Ana Lúcia Mandelli de Marsillac, Arthur Fernandes, Cláudia Gomes Fonseca, Claudson Faustino, Cupertino Freitas, Débora Pontes, Deyse Souza Alves, Jardel Garcia, Lucas Kirschke da Rocha, Marcos Aguiar Ribeiro, Maria Teresa Machado, Núbia Rodrigues

Amigos Leitores

Adilson Barbosa Jr., Adolfo Pizzinato, Aline Hernandez, Amana Mattos, Analice Palombini, Anderson Almeida, Andrea Zanella, Angélica Amâncio, Carlos Alberto Steil, Carlos Falci, Cássia Beatriz Batista, Daniel Albinati, Daniel Canavese, Deborah Castro, Djulia Justen, Douglas Silva, Felipe Comunello, Fernando Carrera, Frederico Salmi, Gustavo Frade, Gustavo Ramos, Heloisa Sousa Pinto Netto, Johann Heys, Julio César Matias, Leonardo Antunes, Lisiane Boer Possa, Luciana Barone, Maria Lúcia Miranda Afonso, Maria Luiza Nogueira, Mário Eugênio Saretta Pogleia, Marta Orofino, Monika Dowbor, Núdia Fusco, Pedro Augusto Papini, Renata Pekelman, Robson Nascimento da Cruz, Stela Nazareth Meneghel, Vitor Grunvald

---

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

**M149L Machado**, Frederico Viana; **Carvalho**, Isabel Cristina de Moura; **Liberali**, Janaina (orgs.).

Literatura e Saúde Pública: Territórios e cuidado: Gênero, família, vida e morte - Volume 2 / Organizadores: Frederico Viana Machado; Isabel Cristina de Moura Carvalho e Janaina Liberali; Prefácio de Ricardo Braga. – 1. ed.– Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2021.

220 p. (Série Arte Popular, Cultura e Poesia, v. 6).  
E-book: 4,5 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-87180-62-5

DOI: 10.18310/9786587180625

1. Disparidades nos Níveis de Saúde. 2. Literatura. 3. Política Pública. 4. Saúde Pública. 5. Sistemas de Saúde. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

21-3018058

CDD 614:800

CDU 614:82

---

#### ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Programas de saúde pública; Literatura.

2. Saúde pública; Literatura.

---

Catalogação elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

*Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA  
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre - RS. Fone: (51) 3391-1252*

**www.redeunida.org.br**



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	7
<i>Ricardo Braga</i>	
<b>INTRODUÇÃO</b>   Territórios e Cuidado: gênero, família, vida e morte .....	11
<i>Frederico Viana Machado, Isabel Cristina de Moura Carvalho, Janaina Liberali</i>	
<b>TERRITÓRIOS E CUIDADO: GÊNERO, FAMÍLIA, VIDA E MORTE</b> .....	19
O operário e sua máquina .....	21
<i>Elton Junio Sady Prates</i>	
Com açúcar, com afeto: O Samba da Vida .....	23
<i>Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza, Bianca Santos, Eucenir Fredini Rocha</i>	
Parentescos .....	33
<i>Núbia Bento Rodrigues</i>	
A dor de maior tamanho .....	47
<i>Nazaré Fraga</i>	
Ela .....	51
<i>Edeli Teixeira de Macedo Lima</i>	
Corpo-exigente .....	55
<i>Renata Castro Gusmão</i>	

A dor como forma de existência.....	59
<i>Aline Accorssi, Anelise Fernandes Silveira</i>	
Doutor, não vês que estou sangrando?.....	67
<i>Milena Camargo Barbério</i>	
História de amor .....	73
<i>Andréa Amorim</i>	
Palavra, silêncio e barulho.....	75
<i>Bruna de Almada Ghiorzi</i>	
Ode às Rosas.....	79
<i>Marina Medeiros Pombo</i>	
As Baratas .....	85
<i>Marina Medeiros Pombo</i>	
De onde nascem as respostas? .....	91
<i>Eliane Regina Pereira</i>	
Eu nasci pra ser mãe.....	101
<i>Barbara Correa Belamio</i>	
Encontros & desencantos .....	107
<i>Seiko Nomiyama, Ernande Valentin do Prado</i>	
O território que nos habita.....	113
<i>Ernande Valentin do Prado, Seiko Nomiyama</i>	
Morrer não deve ser fácil.....	129
<i>Arthur Fernandes</i>	

O médico, o amor, a morte e a estrela.....	133
<i>Geórgia Sibeles Nogueira da Silva</i>	
Vida de médico - Médico de vidas .....	137
<i>Marta Helena de Freitas</i>	
Insípida, incolor e Inodora.....	157
<i>Fernanda Kurebayashi</i>	
A prosa aos pés da maçã do elefante.....	161
<i>Vitor Rocha de Araújo</i>	
Cemitério de insetos.....	167
<i>Cupertino Freitas</i>	
Eu vi a cara da morte e ela estava viva .....	171
<i>Adriano De Lavor</i>	
“Aqui todo mundo tem um monte de bomba guardado dentro de si”: a expressão poética das periferias do Recife e suas potencialidades e possibilidades na promoção da saúde.....	185
<i>Philip Alexander Galvão McCormack, Andrea Cristina Tavelin Biselli, Wandson Henrique Elias da Silva, Odailta Alves da Silva, Jailson Leonardo de Oliveira, Arthur Novais Alves Carneiro</i>	
O anfíbio voador.....	197
<i>Marcos Aguiar Ribeiro</i>	
<b>POSFÁCIO</b> .....	205
<i>Stela Nazareth Meneghel</i>	



## PREFÁCIO

*Ricardo Braga*

Estabelecer relação da literatura com saúde pública por meio de crônicas, contos, poemas e relatos é a ideia central desta publicação. A literatura como ficção, a saúde pública como realidade. A ficção referencia-se na realidade do autor ou do mundo, tomada em sua extensão ou de um pingô dela. Neste livro, trata-se de dar voz à vivência de quem trabalha em saúde pública, sem as amarras de um artigo científico, usando cores e argumentos mais socializáveis. Evidente que as duas práticas não são excludentes, pelo contrário, se completam.

A escrita científica pressupõe passar para o texto o pensamento metodicamente organizado, exigindo sistematizar informações, submetê-las ao crivo analítico dos pares, e por fim, assumir o que se escreveu em uma publicação qualificada. O escrito é, assim, motivo de leituras e reflexões por terceiros, que agregam novas informações e interpretações, ou mesmo questionam e até desconstróem o que foi dito, na legítima dialética da ciência.

Na literatura se permite uma escrita mais aberta e criativa, trabalhando-se a realidade com poucas pinceladas ou enormes camadas ficcionais, mobilizando sentimentos em apoio à razão, para entendimento mais claro de fatos sociais e ecológicos.

A ciência também se vale da literatura ficcional. Em Dostoiévski, a condição humana é dissecada em seus matizes culturais, ambientais, políticos e sociais. E não por acaso, o médico Sigmund Freud encontra nas obras ficcionais, inclusive na do escritor russo, fortes traços comportamentais que evidenciam a condição humana encontrada em seus pacientes, e usa esses perfis comportamentais para suporte a suas teorias.

Ao abordar a relação da medicina com a literatura, o médico e escritor gaúcho Moacir Scliar indica o que há em comum: o interesse pela condição humana.

Trata-se, portanto, de ampliar as vozes daqueles que habitam o território clínico ou social na militância em saúde pública, para conhecer o que têm a dizer por meio de uma literatura ficcional com forte potencial de comunicação. É valorizar a experiência vivida e às vezes pouco falada, portanto, mal discutida.

Isto, a partir do lugar de fala de quem trabalha com saúde pública, expressada no formato de autoria literária.

Neste livro encontramos entre os autores trabalhadores em saúde: enfermeiros, médicos, agentes comunitários, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, nutricionistas, psicólogos, psicanalistas, graduados em Letras, jornalistas e músicos. Na academia, esses mesmos autores são doutores ou doutorandos, ou ainda professores de pós-graduação na área de saúde.

Seus textos partem de situações concretas, cotidianas: fome, medo, preconceito, ignorância, violência, alcoolismo, crack, estupro, prostituição, senilidade, demência, incapacidade para o trabalho e doenças transmissíveis ou não.

Em diferentes estilos, buscam inspiração em experiências vividas nas instâncias do Sistema Único de Saúde, como o Núcleo de Apoio à Saúde da Família, a Unidade Básica de Saúde, o Centro de Atenção Psicossocial, o Centro LGBT e a Estratégia de Saúde da Família.

É basicamente nas comunidades pobres que os marginalizados em seu direito à saúde enxergam ficção na sua própria realidade, a exemplo de Lisa, que diz fumar crack para ser feliz. É onde encontramos refugiados de uma sociedade que não os vê como gente de direitos.

Quantos desses profissionais estão cansados de saber que saúde é mais do que remédio e terapia. Como diz o poema, quase no final do livro: saúde tem que ser democracia. Ou ainda: poesia toca até onde bisturi não sonha em chegar.

São casos ficcionais, enraizados em plena verdade, tal o de Carolina, cujo marido José, que sempre a tratou mal e a traiu, terminou sendo cuidado diuturnamente por ela, depois de enfermidade crônica. Exausta, cansada, deu o troco: adicionava diariamente açúcar na dieta do diabético moribundo. Ficou livre, casou-se outra vez e foi feliz.

Ou então, o caso de Ela, mulher trans dos recônditos do Piauí, moradora de rua, alcoólatra e usuária de crack. O laudo de óbito atestou causa indefinida, mas em vida já era um corpo morto, por causas sociais.

Ainda se conta o caso de uma jovem cuidadora de seus avós. A avó, tetraplégica, mas ainda consciente, e o avô, com mobilidade, mas demente. A moça presa em si, embora em aparente liberdade, recorre a leituras de Clarice Lispector para se manter neta.

Intrigante é reconhecer a dor como forma de existência, quando Glorinha encontra na não-dor o prazer de viver. É a dor do pé que desaparece, quando, por alguma razão, sua angústia social é aliviada.

Sensível é saber que em uma UTI Neonatal, alguém se dedica a cuidar de recém-nascidos de mulheres sem lugar social, drogadas ou loucas, sujeitos cheios de narrativas detentoras de uma história para além da sua existência.

Quão crítico é experienciar territórios de saúde em amplitudes periféricas de cidade metrópole, onde a provisória parede de papelão se transforma em habitação permanente. Onde baratas se assustam na visita de uma agente de saúde que chega para resgatar uma grávida de nove meses, que não quer ir à maternidade com medo de o juiz tomar seu filho, por incapacidade de criá-lo. É saber do remorso dessa agente, que guarda em seu bolso um ticket de entrada em um parque de diversões à noite.

Como esquecer a burocracia imposta, muitas vezes, desnecessária? Questionários sociais a serem preenchidos, que pouco importam para a solução dos males da saúde da população, uma vez que as ações preconizadas não alteram as condições de vida diagnosticadas.

Mas não posso esquecer as bonitas narrativas sobre a humanização do cuidado antes da morte, na medicina paliativa. Por fim, registro a memória de dona Estrela, ex dançarina de setenta e oito anos, com metástases de um câncer uterino. Ao sentir a caçula chorando junto ao seu leito, teve poesia na sua última fala: suas lágrimas são amor líquido, obrigado minha filha.

Tudo isso é ficção ou realidade?

É ficção enquanto escrita criativa e pessoal, mas é também realidade ao partir de experiências individuais, marcadas na memória pela emoção que suporta a criação ficcional. No cotidiano da vida, realidade e ficção podem ser lados de uma mesma moeda. E este livro atinge em cheio essa intencionalidade.

\* \* \*

**Ricardo Augusto Pessoa Braga** é biólogo, Mestre em Ecologia e Doutor em Engenharia Hidráulica e Saneamento. É professor e pesquisador aposentado da UFPE e presidente da Associação Águas do Nordeste (Ane). Nos últimos anos tem se dedicado à literatura ficcional com os livros *Ecologia do Cotidiano* e *A Flor Lilás e outros Contos*, este, ganhador do Prêmio Nacional Cepe de Literatura, 2018.





## INTRODUÇÃO

### Territórios e Cuidado: gênero, família, vida e morte

*Frederico Viana Machado*  
*Isabel Cristina de Moura Carvalho*  
*Janaina Liberali*

O projeto “Literatura e Saúde Pública: a narrativa entre a intimidade, o cuidado e a política” nasceu de um produtivo encontro entre a narrativa de ficção e as práticas de saúde pública no Brasil. A equipe que concebeu este projeto, ao divulgar o Edital para inscrição de textos, mobilizou uma resposta ampla, numerosa e diversa de profissionais e estudantes da saúde, bem como de pessoas que, tendo formações diversas, se dedicaram a pensar a relação com a saúde, com o cuidado, com o adoecimento e a cura, em suas mais diferentes esferas e aspectos. Isto revelou uma produção literária significativa, mobilizada por este campo de experiências humanas, que integrou questionamentos e percepções existenciais, profissionais, políticas e culturais em reflexões sensíveis sobre o cotidiano, sobre nascer, sobre a vida, seus limites, finitudes e infinitudes.

Como relatado na introdução do Volume anterior, lançado em 2019, o projeto foi uma parceria entre a Editora Rede Unida e o Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LAPPACS/UFRGS). Este livro integra a série Arte Popular, Cultura e Poesia, da Editora Rede Unida, que versa sobre as relações entre arte e saúde que frequentemente ocupam os espaços de reflexão e interação dos atores que compõem o campo da saúde coletiva brasileira.

Entre outras coisas, a proposta se inspira em um exercício de escrita criativa utilizado em sala de aula, para trabalhar a história das políticas de saúde no Brasil. Nesse exercício, as/os alunas/os foram convidados/as a escrever uma narrativa ficcional relacionada com o sistema de saúde, evocando fatos e características históricas estudadas em aula. A obra *Sonhos Tropicais*, de Moacyr Scliar, é uma referência para este exercício. Ao construir um romance ambientado nas políticas públicas de saúde do início do século passado, o autor trata com sensibilidade os elementos do sanitarismo campanhista, articulando-o às tramas políticas arquitetadas pelas elites econômicas e aos impactos na vida cotidiana da população mais pobre.

A força com que esse exercício mobiliza os afetos e os esforços das/os alunas/os nos levou a buscar diálogos literários fora dos muros da universidade. Além disso, sabemos que as vivências profissionais e o contato com os diferentes campos e territórios da saúde produzem encontros e experiências riquíssimas, cuja beleza e significado ultrapassam os limites da escrita técnica e científica. As principais perguntas abertas pelo edital foram: *“Como pode a literatura e a política servirem de inspiração mútua nos dias de hoje? O que o tensionamento entre ficção e realidade pode nos fazer apreender sobre as políticas públicas de saúde?”*

Ficamos surpresos com a receptividade da proposta e com as formas criativas, afetuosas e potentes com que os autores responderam às perguntas feitas. Ao todo, entre contos, crônicas e poesias, 72 submissões foram aceitas e seguiram para avaliação. Dentre estas, 49 textos cujas narrativas se entrelaçam às temáticas relacionadas às “Políticas Públicas de Saúde” foram aprovados e compõem os dois volumes deste livro.

Diferente da tradicional revisão por pares, utilizada na avaliação de manuscritos em periódicos científicos, os membros da banca receberam a alcunha de “Amigo Leitor”. Ser um amigo leitor (ou amiga leitora), como o definimos, significou ser um parecerista especial. Embora lhe pertencesse a crítica, seu objetivo maior foi ajudar a melhorar a qualidade do texto. Coube ao “Amigo Leitor” ler os trabalhos e relatar suas impressões e os sentimentos despertados, mas também indicar as fragilidades na escrita e partes do texto pouco trabalhadas, cujas/os autoras/es poderiam desenvolver, dar mais corpo, além de sugerir revisões específicas. Com a intimidade que existe entre amigas/os, o “Amigo Leitor” pode

adentrar na escrita do outro, acompanhado pela consciência da singularidade que caracteriza um texto literário.

Como escreveu Giorgio Agamben, “a amizade é o compartilhamento que precede qualquer divisão, porque o que há para partilhar é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse con-sentir original, que constitui a política”<sup>1</sup>. Cada texto foi avaliado por pelo menos dois “Amigos Leitores” com trajetórias “mais acadêmicas” ou “mais literárias”, agregando percepções e diálogos que aproximassem os campos da saúde e da literatura.

Nossa proposta convocou a criatividade de todas e todos que quiseram refletir sobre a realidade das políticas de saúde no Brasil, com narrativas que tensionaram a realidade e a ficção. Estas narrativas compõem um mosaico de produções heterogêneas, relacionando variados períodos históricos, variadas políticas públicas, categorias sociais diversas, tecnologias e suas incidências sobre os corpos, aprisionando ou expandindo limites. Foram abordadas diferentes enfermidades, peregrinações nos sistemas de saúde e pelos territórios diversos e singulares e as burocracias que desafiam a vida. Foram evocados corpos doentes ou adoecidos, vulneráveis ou vulnerabilizados, enfrentando kálfianas burocracias do Estado e também criando alternativas de fuga e de modos de vida, desbravando a selvageria do capitalismo, desvelando nuances do sistema sensíveis às fragilidades do corpo e da alma. Da mesma forma, são heterogêneos os formatos e linguagens utilizadas: contos, prosas poéticas, poesias, cordéis, entre outras, que aprofundam a riqueza deste trabalho.

As políticas públicas de saúde, nesta proposta, deixam de ser vistas apenas como um conjunto de programas, protocolos, instituições, redes de atendimento, e ganham carne, corpo, sangue e suor. Os modos como são afetados, no dia a dia, pacientes e profissionais da saúde, estão situados na trama dos encontros humanos, onde a vulnerabilidade de ambos os lados, do paciente e dos profissionais, produz os excessos da experiência vivida, ultrapassa os protocolos e exige ser dita, escrita, ficcionada, elaborada. São estas produções narrativas que, ao seu modo, transpõem sintomas individuais e institucionais em uma miríade de cenários figurados, tão ricos quanto só a arte pode criar para, ao mesmo tempo, ultrapassar e tornar sustentável o vivido. As descrições/invenções de realidades matizaram o contato do corpo com a norma, com o Estado e com as políticas públicas da

---

1 AGAMBEN, Giorgio. O amigo. Chão de feira, 2007, p. 5.

saúde, abrindo a experiência do adoecer e do cuidar para novos significados e sensibilidades que a escrita imaginativa pode produzir.

No encontro entre a produção intelectual e científica e a criação artística e literária, nos chama a atenção a questão da autoria. Diferentemente dos artigos e livros acadêmicos, no âmbito literário é incomum encontrarmos textos com mais de um autor. Neste livro, temos textos de poucas páginas que somam autores, trazendo da cultura acadêmica para a literatura modos habituais de coletivizar a reflexão e a escrita. Isto nos leva a refletir sobre os múltiplos sentidos da “autoria” e da “obra”: *O que é ser autora ou autor? O que é compartilhar a autoria de uma obra?*

A ordem dos textos foi construída, por nós organizadoras, por critérios relacionados às temáticas abordadas em cada conto, mas que obviamente estão pautados pela percepção subjetiva que cada texto causou em nós, por meio de contrastes, associações e evocações. Alguns textos trabalham conjuntamente diversos temas, fazendo com que qualquer ordenamento seja imperfeito e contingente, tal qual a relação entre as categorias e a realidade, os mapas e os territórios. Preferimos adotar uma disposição que produzisse sentido do que algum critério objetivo, como ordem alfabética, por exemplo. Cada um dos textos é independente, possibilitando que o livro seja lido em qualquer ordem. Entretanto, acreditamos que todos juntos constroem um sentido potente e expressivo do imaginário das políticas de saúde e do seu entorno.

O Volume 2 não está dividido em seções e foi intitulado “Territórios e Cuidado: gênero, família, vida e morte”. Este volume reúne textos que abordam os territórios, a construção do cuidado e a diversidade das concepções de saúde. Nos cenários do cuidado, a escuta dá o tom para encontros que produzem vida, superando ou apenas escutando, ou seja, tratando a culpabilização, o automatismo, a violência e as desigualdades. Destacam-se temas como as relações de gênero, com várias questões de violência doméstica, de desigualdades entre homens e mulheres e as famílias com suas complexidades, o que também pode significar reinvenção.

As narrativas nos colocam dentro de territórios diferentes, abrem possibilidades de contato com histórias de vidas aprisionadas e de mortes que libertam e nos fazem adentrar em espaços de cuidados repletos de “verdades” prescritas que pouco dialogam com as verdades vividas pelos sujeitos adoecidos.

Da mesma forma, as concepções de saúde são postas em contraste, explicitando a beleza que emana das mais diferentes configurações existenciais, questionando qualquer tentativa de homogeneização, padronização, hierarquização e moralização das relações e dos corpos.

Narrativas que transitam entre a intimidade, o cotidiano e a vida pública, discutem a saúde suspendendo a tensão entre ficção e a realidade. Deste modo, como mote aglutinador dos diferentes textos, a saúde é ressignificada em um processo que podemos chamar de (des)ficcional, pois a saúde de cada um é uma ficção singular do bem viver e de sua ausência. Dito de outro modo, o bem viver é um simbólico singular com que cada um constrói sua verdade sobre a vida. Assim, estas narrativas criam uma ideia de permanência, de identidade frente à fragmentação e às contingências do cotidiano, sempre contraditório e fugidio. O texto literário, nesta perspectiva, é uma forma de dar um contorno simbolizável para a experiência bruta da vida. Bruta no sentido de não ter sido lapidada pela linguagem, mas também brutal por, muitas vezes, vir carregada de dores, opressões e violências de toda ordem.

Este projeto foi construído a muitas mãos e corações que se empolgaram com a proposta e doaram seu talento, seu tempo e sua energia para que ele se concretizasse. Agradecemos a todas/os que colaboraram para a realização deste trabalho tão gratificante e do qual tanto nos orgulha fazer parte. Agradecemos a Editora Rede Unida que acolheu entusiasticamente a proposta desse projeto, e também pelo competente e relevante trabalho editorial que tanto contribui para o pensamento crítico em saúde no Brasil. Nos contatos com a editora foram cruciais os diálogos com Alcindo Ferla e Gabriel Calazans Baptista.

Agradecemos especialmente a colaboração do Dr. João Guilherme Dayrell, que assina o prefácio do Volume 1 e participou da concepção do projeto e da condução do processo avaliativo. Da mesma forma, agradecemos a Ricardo Braga e a Stela Nazareth Meneghel. Ricardo Braga assina o prefácio do Volume 2. Stela Meneghel assina o posfácio, que está ao final do Volume 2, mas que discute esta coletânea como um todo. Estes autores trazem uma importante contribuição ao presente trabalho, com escritas de rara beleza, refletindo sobre as possibilidades de compreensão sobre a relação entre literatura e saúde pública e cotejando a particularidade de cada texto.

Agradecemos também o trabalho voluntário e dedicado dos “Leitores Amigos”, creditados neste livro, que enriqueceram o processo editorial com conversas e trocas sensíveis e edificantes. O trabalho de revisão de português foi todo realizado de forma voluntária. Agradecemos especialmente a Tânia Cassel, que revisou todos os textos do Volume 1, e Beatriz Vincent, que revisou a maior parte dos textos do Volume 2, mas também aos demais membros da equipe de revisão que está creditada no início deste livro.

Agradecemos ainda, a equipe de trabalhadoras/es e os usuárias/os do CAPS AD III Amanhecer da cidade de Canoas/RS, que gentilmente cederam suas obras para estampar a capa e outras páginas deste livro. Nosso muito obrigado à Alessandra Giovanella, coordenadora da Oficina de Artes deste dispositivo de saúde tão potente, que com sua criatividade e empolgação inspira a todos que participam desse espaço. Nosso agradecimento também à Diretoria de Políticas e Ações em Saúde Mental, que compõe a gestão da saúde no âmbito do município de Canoas.

Por fim, o agradecimento mais importante se destina às autoras e aos autores que aceitaram o desafio posto por este projeto, enviaram seus trabalhos e participaram ativamente dos passos finais de organização do livro com ideias e sugestões e, sobretudo, com a paciência e compreensão que tiveram pelos atrasos e contratempos ao longo do percurso. Nesta eterna luta contra o sucateamento das políticas públicas, frente a todos os desafios para fazer das práticas de cuidado um exercício de afirmação da vida, a imaginação é fundamental para reinventarmos utopias, reagregarmos coletividades, mobilizarmos afetos para o contínuo processo de fazer saúde. Viva o SUS!

\* \* \*

**Frederico Viana Machado** é psicólogo, mestre e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE/UFRGS). Coordenador do Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde (LAPPACS/UFRGS).

**Isabel Cristina de Moura Carvalho** é psicóloga, mestre e doutora em Educação, e tem Pós-doutorado em antropologia. É bolsista produtividade do CNPq. Atualmente é

professora na Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora na Universidade Estadual de Campinas.

**Janaina Liberali** é enfermeira e mestra em enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Enfermeira da Fundação Municipal de Saúde da cidade de Canoas/RS.



**TERRITÓRIOS E CUIDADO:  
GÊNERO, FAMÍLIA, VIDA E MORTE**



## O operário e sua máquina

*Elton Junio Sady Prates*

É sobre pessoas, lugares, afetos e invisibilidade que eu gostaria de lhe contar. Todo cuidado é, necessariamente, o cuidado de alguém. Era um tocar sem afetar, olhar sem perceber, falar sem ouvir, medicar sem consultar. Estava com pouca roupa, com saudades de casa e um tanto debilitado. A comida era fria, e a água, por vezes, quente. O desejo de retornar para a vida aquecia-me também, mas era um lugar frio, rodeado de máquinas, aparatos, sofrimento e pessoas. Um lugar cheio e vazio de alma, compaixão e empatia. Lá pude entender que o fazer sem o outro não vale nada. Eu gritava, clamava, chorava, e ninguém me ouvia. Eles tratavam, prescreviam e, eventualmente, até curavam. Eles falavam, falavam e falavam, mas não podiam me ouvir. Alentava-me, no silêncio amedrontador que reinava, um hiato entre operador e máquina. Era uma troca de olhares, que não se encontravam, toque permissivo e sem presença. Era, de fato, só um operário operando sua máquina. Não havia espaço para outra existência. Eu era invisível e nem mesmo sabia.



\* \* \*

*Ilustrações do autor*

**Elton Junio Sady Prates** é estudante do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de Iniciação Científica do Fundo Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Membro do Observatório de Doenças e Agravos Não Transmissíveis. Coordenador Geral do Comitê Estudantil da Associação Brasileira de Enfermagem - Seção Minas Gerais.



## Com açúcar, com afeto: O Samba da Vida

*Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza*

*Bianca Santos*

*Eucenir Fredini Rocha*

Chamava-se Carolina. E, assim como na música, tinha olhos fundos que guardavam muita dor. Cabelos desgrenhados presos com um lenço, rugas fundas na pele negra do rosto, que lhe davam uma aparência dez anos mais velha. Roupas puídas, mas limpas, como ela gostava sempre de lembrar. Uma aliança dourada como um fio de cobre era seu único adorno.

Todos no bairro sabiam quem Carolina era. Não era possível ignorar.

Aos olhos dos homens ela era, hoje, uma outra mulher, nada semelhante com a que tinha sido anos atrás. Uma linda e talentosa porta-bandeiras, capaz de maravilhar turistas e assombrar passistas da velha guarda da Vermelho-e-Branco. Aos olhos das demais mulheres, ela se resumia à esposa de José, traída com metade da cidade. Claro que, dizia à boca pequena, Carolina, no tempo do samba, também tinha se aproveitado muito da companhia masculina.

— Teve o que mereceu! — afirmava Anísia, uma vizinha — Tantas famílias ela destruiu e agora tá aí, amargando! Cuidando do marido em cima da cama... Cada um carrega a sua cruz. E ele é a dela!

Carolina cuidava, de fato, do esposo acamado após um Acidente Vascular Encefálico (AVE) que ninguém sabia ao certo como tinha acontecido.

Sabia-se, apenas, que foi em uma madrugada, como muitas vividas pelo casal, quando José chegou embriagado em casa. Mais tarde, os vizinhos disseram que ele berrava questionando com quem Carolina havia passado o dia e o porquê de estar arrumada.

— Calma, José! Eu fiquei aqui em casa, com as crianças!

Eram três filhos adolescentes numa gradação perfeita; quinze, dezesseis e dezessete anos.

— Mentirosa!

— É verdade, pai! A mãe estava com a gente!

Foi a única defesa que um dos filhos pôde proporcionar.

— Não proteges a vaca da sua mãe não! Eu sei porque você protege a sua mamãezinha, moleque atrevido! E esse moleque, Carolina? Ele é a cara do João do Açougue! Nunca gostei desse moleque! É isso que você faz quando não estou em casa? Recebe visitas do João?

— José, calma! Não é nada disso que você está falando! O Claiton é seu filho! Sempre foi... Para, José! SOCORRO!

E só o que se escutou foi uma série de sons ocos, secos, estalidos de cinta, móveis arremessados contra as paredes e contra pessoas. A gritaria habitual das noites em que José chegava embriagado. No entanto, naquela noite aconteceu algo diferente. Os gritos cessaram. Os vizinhos ouviram uma sirene e viram o carro do SAMU chegar.

— Valei-me, minha Nossa Senhora! Hoje esse monstro do José matou a desavergonhada da mulher dele!

Orava com o coração aflito a vizinha do barraco da frente. Para sua surpresa, era José quem ocupava a maca.

Após três meses hospitalizado, voltou para casa em cima de uma cadeira de rodas. Não firmava o corpo, não andava nem falava. Vestia um par de meias e uma fralda.

De um vizinho para o outro, o que se comentou foi que Carolina teria golpeado o esposo na cabeça durante a briga como forma de defesa, mas também de vingança. Diziam até que a vida dela estava melhor e que ela gostava da situação, pois recebia no banco a aposentadoria por invalidez do marido e poderia gastar o dinheiro onde bem quisesse. Ainda outros diziam que o filho, Claiton, tinha lutado com o pai, acertando uma cadeira contra sua cabeça. Um ingrato. Mesmo depois de tudo o que José havia feito por ele! Depois de tê-lo criado sem distingui-lo dos filhos legítimos!

Tentar apaziguar os vizinhos e acabar com o falatório virou uma nova função da Agente Comunitária de Saúde:

— Coitada da mulher, minha gente. — Dizia — Ela não teve culpa de nada! Seu José não se cuidava, só comia essas comidas pesadas, cheias de gordura

e sal, fumava e se acabava na pinga todo santo dia! Tinha diabetes e hipertensão e não tomava um remédio direito! Nunca veio a uma consulta com o Dr. Felipe! Além de tudo, saía com a mulherada por aí e abusava do azulzinho! Não tem santo que proteja um homem desses! Ele ia ter um treco mais cedo ou mais tarde!

Dentro da família a história também estava mal resolvida. Os filhos e mesmo Carolina se questionavam quanto à sua parcela de culpa no ocorrido. Talvez eles tivessem passado dos limites com o pai. Entretanto, ao mesmo tempo, se perguntavam como poderiam ter evitado aquela briga depois de tantos anos de abuso. José era um bom pai e esposo... Mas a pinga... Ah, a pinga! Essa virava a cabeça do cabra! Sem a pinga, ele era o melhor homem do mundo! Nunca deixava faltar nada em casa.

Carolina dedicava-se aos cuidados do marido dia e noite. Os filhos não tinham como ajudar... tiveram que trabalhar para auxiliar no sustento da casa. A aposentadoria, diferente do que os vizinhos acreditavam, não se comparava ao salário de mestre de obras que José recebia, e as contas não paravam de chegar.

Agora, José precisava de objetos específicos para o seu cuidado e isso acrescia os gastos mensais da família. Colchão caixa de ovo para evitar feridas, reformas no barraco que tinha muitas escadas e um banheiro pequeno que não cabia a cadeira de banho, almofada especial, roupas novas. José estava emagrecendo muito e rapidamente, e precisava de legumes e frutas para a sua dieta. Tudo prescrito pela equipe do NASF<sup>1</sup> da UBS<sup>2</sup>.

Carolina não se sentia no direito de reclamar de nada. Todo mês o Dr. Felipe a visitava, toda semana a Agente Comunitária e a Auxiliar de Enfermagem vinham medir a pressão e a glicemia de José, além de ajudar com o cuidado das feridas, e vez ou outra podia contar com a presença da Fisioterapeuta e da Terapeuta Ocupacional do NASF.

Recebia orientações de como pegar José, como colocá-lo na cadeira de banho, como trocar a roupa, como alimentá-lo para que não se engasgasse. Já sabia até algumas coisas diferentes: para que servia cada medicação, entendia o que era cada exame, aprendia alguns termos técnicos da saúde. Orgulhava-se por conseguir conversar com o Dr. Felipe dizendo coisas como “o edema melhorou” ou “esse mês não abriram escaras”. O Doutor elogiava:

1 Núcleo de Apoio à Saúde da Família.

2 Unidade Básica de Saúde.

— Sabe tudo, essa Dona Carolina!

E ela perguntava:

— Mas quando ele vai poder fazer uma fisioterapia, uma reabilitação que ajude ele a andar de novo?

— Veja, o caso do Sr. José é muito grave. Ele não tem chance de melhorar, Dona Carolina. Tudo o que podemos fazer por ele, estamos fazendo. A senhora precisa seguir as orientações, dar os remédios para ele direitinho, como a senhora faz, cuidar para ele não comer muito sal nem muito açúcar. Agora é ter paciência e esperar para ver como ele vai ficar. E é acreditar em Deus, Dona Carolina, porque o que é possível fazer, estamos fazendo.

— E aquela menina ginasta que ficou parálitica, Doutor? Ela não mexia nada agora tá mexendo a cabeça! Fez um monte de fisioterapia lá no exterior!

— Cada caso é um caso, Dona Carolina!

— Mas se ela pode, meu marido também pode! Ele é forte, era mestre de obras! Tem o Seu Jonas, aqui no bairro que teve o mesmo problema que o meu marido e vai na fisioterapia!

— O Seu Jonas é mais novo, teve uma AVE muito menor do que o do seu marido, Dona Carolina, ele tem chance de melhorar, e por isso estamos investindo mais nele. Agora, o Sr. José não entende nada do que a gente fala, teve um AVE enorme, hemorrágico. A senhora mesma viu quanto tempo ele ficou internado. Se ele está vivo hoje é por um milagre!

Milagre ou castigo?

Depois de apanhar uma vida inteira, de sofrer tudo o que sofrera, Carolina agora tinha de limpar as fraldas de José, a baba, dar comida em sua boca, dar banho, cuidar de suas feridas. E ela sempre teve aversão a sangue! Tinha de virá-lo na cama a cada meia hora e de cumprir uma série de manobras e exercícios diariamente para que ele não tivesse deformidades, seguindo os desenhos de uma cartilha feita pela Fisioterapeuta do NASF. Sentia-se um pouco amargurada ao pensar o porquê da Fisioterapeuta não fazer ela própria todos aqueles exercícios. Não tinha estudado Fisioterapia, não sabia se estava fazendo certo ou errado e não entendia direito a cartilha.

— E se eu estiver machucando? E se eu fizer um movimento errado? José não fala! Como eu sei que ele não está com dor? — perguntava durante a visita da Fisioterapeuta do NASF.

— Ora, Dona Carolina, a senhora criou três filhos e quando eles eram bebês não falavam. Como a senhora sabia que eles estavam com dor?

— Sabendo, doutora! Não sei explicar!

— Agora com José é a mesma coisa! Ele virou criança de novo. Se ele tiver dor, você vai saber!

— Mas ele é adulto! Já falou um dia! Não é a mesma coisa. Criança não urina na fralda de propósito, logo depois que a gente troca, só para ver a gente ter que trocar de novo! Criança não espera a gente virar ela na cama para puxar o nosso cabelo. Criança não cospe a comida no chão limpinho de propósito!

A Terapeuta Ocupacional interveio:

— Ai, Dona Carolina, que complicado dizer isso do seu marido. Não sabemos se é de propósito. Ele não fala. E não temos como ter certeza de que ele entende o que faz. A senhora precisa ter mais paciência com ele.

— Mais paciência do que eu tenho?

— Por tudo isso que a senhora está dizendo, vejo que a senhora precisa de ajuda. A senhora está se cuidando? Acho que meu trabalho aqui como Terapeuta Ocupacional está encontrando limites. Se a senhora não se acalmar e seguir nossas orientações, fica complicado. A senhora gostaria que eu falasse com o Psiquiatra para receitar uma medicação para auxiliar a senhora passar por essa fase? Gostaria de uma consulta com o Psicólogo?

— Eles vêm aqui lavar minha roupa? Banhar o José? Dar comida para ele? Vocês vêm ficar com ele 2 horas para eu poder passear um pouco? Sabe desde quando eu não saio de casa?

— Não. Nossa ajuda é diferente. A senhora sabe disso.

— Dessa ajuda eu não preciso. Não quero ninguém dizendo como eu devo levar a minha vida, como devo cuidar de José. Ninguém sabe o que eu passo nessa casa.

Essas confissões de Carolina renderam ao seu prontuário a frase “Cuidadora não aderente”, uma marca quase tão indelével quanto a marca de Caim. Isso sem falar em duas visitas do Psicólogo do NASF, uma visita do Psiquiatra, uma receita de amitriptilina e uma visita da Assistente Social, que ameaçara chamar o conselho do idoso caso Carolina não passasse a seguir as orientações da equipe, colaborasse e cuidasse bem de José.

— O que mais eles querem que eu faça? Cuidar melhor do que eu já cuido?

Carolina estava lavando louça sozinha certa tarde depois da visita da Enfermeira, quando olhou para o marido na cadeira de rodas ao lado e pensou: “Por que Deus não levou o José? Eu não mereço isso! Não mereço isso... Depois de tudo que passei por conta dele. Por que Deus não me levou aquele dia? Pelo menos meu sofrimento teria fim.”

Não demorou muito para que Carolina ficasse cada vez mais sozinha. Os filhos saindo de casa, construindo suas famílias, as amigas de outrora já não a visitavam. Nojo de José? Com certeza, nojo do cheiro que a casa tinha. Há alguns meses Carolina sentia fortes dores nas costas e só conseguia dar banho em José no leito, o que não era o mesmo que um banho no chuveiro.

Apesar de tudo, passaram-se dez anos. Apenas os dois em casa. As únicas visitas eram do posto de saúde.

— E então, Doutor, o José vai melhorar?

— Dona Carolina, entenda, o seu marido teve uma doença muito grave. Não existe mágica. Mas a senhora cuida muito bem dele. Ele vai viver por anos e anos assim! Se bobear, vai viver mais do que eu! — brincou o médico.

— Um senhor de sessenta e poucos anos vai viver entrevado em cima da cama mais tempo do que um médico de trinta anos saudável?

Carolina não conseguiu acreditar! A frase ressoou em seus ouvidos durante muitos dias. “Ele vai viver mais do que eu!” ... E ela, viveria daquela forma por mais quanto tempo? Não conseguia imaginar suportar isso por mais um mês sequer!

A equipe de saúde fora embora e ela estava novamente sozinha. Olhou-se no espelho: parecia uma bruxa velha e só tinha 45 anos. Questionou-se há quanto tempo não se arrumava, não ouvia um elogio, não ia pro samba... A porta-bandeira daquele ano da Vermelho-e-Branco não era boa, tropeçara na avenida e havia perdido pontos importantes para a escola. Ela nunca havia cometido esse tipo de erro grosseiro. Nunca mais os amigos do samba haviam batido em sua porta. Provavelmente estariam vivendo bem suas vidas, saudáveis e sem ter que cuidar de algum inválido.

Sem perceber, começou a cantarolar um samba-enredo dos tempos idos. Pegou a toalha de José, que estava pendurada em uma cadeira em frente à cama, e começou a dançar. Um novo estandarte, mas que representava bem o seu espetáculo diário.

Cantou mais forte e sentiu a alegria contagiá-la. Fez uma reverência à José, como ela costumava fazer nas passarelas, e sentiu-se tomada pela alegria das memórias. Imaginou-se na avenida e cantou e dançou como antigamente!

José estava mudo sobre a cama com os olhos fixos na cena. Como se fosse possível, sua expressão se amargou e o brilho de seus olhos era igual ao brilho das noites em que chegava bêbado e violento. Se Carolina não estivesse tão inerte em sua imaginação, teria ouvido o marido grunhir em desespero na cama enquanto tentava se mexer. Foi só quando o corpo do ex-mestre de obras caiu com um baque repentino, que a mulher voltou à realidade.

— José! — gritou preocupada largando a toalha e indo em direção ao marido.

Enquanto se esforçava para colocá-lo na cama, Carolina percebeu que o lado do rosto de José afetado pelo AVE parecia ainda mais torto e contraído. Notou que ele parecia estar fazendo uma careta, seus olhos furiosos. Lembrou-se de quando ele era saudável, do quanto era forte, de como pesava na mão sempre que batia nela e nas crianças. E sentiu medo. Afastou-se com as mãos contra o peito, quase para se proteger, antes de endireitá-lo na cama. José grunhiu ainda mais alto, parecia ferido e irado.

— C-Calma, querido. — Gaguejou nervosa — Vou pegar um pouco de água.

E se afastou dali o mais rápido que pôde. Apesar da curtíssima distância, Carolina chegou na cozinha ofegante, nervosa. Apoiou-se na vida, lembrando de todas aquelas noites horríveis que passara ao lado daquele homem. Com as mãos trêmulas encheu um copo de água e colocou um pouco de açúcar para se acalmar. Bebeu em um só gole. Nem em uma cadeira de rodas, entrevado, aquele homem ficava feliz em vê-la bem; nem mesmo depois de tudo que ela fazia por ele, sacrificando sua vida para cuidar dele. Deixou cair duas lágrimas de desespero ouvindo o marido gemer ainda mais alto, querendo chamar sua atenção.

— Já vou! — gritou. Encheu novamente o copo de água e sacudiu-o para limpá-lo dos resquícios do açúcar.

Porém, antes de jogar a água suja com açúcar na pia, os olhos de Carolina ficaram presos naqueles flocos brancos. Pensar que um pouquinho mais daquilo poderia matar José. Aquele inofensivo pó branco que era vendido livremente em

todos os mercados e que todos tinham em casa. Só mais um pouco daquilo e José estaria livre. Isso, livre! Livre daquela cadeira de rodas e daquela vida humilhante de depender de outra pessoa para tudo. O José que conhecia, o seu José, não gostaria de viver daquele jeito, Ah! — suspirou — Não, um homem tão viril reduzido a uma pessoa dependente.

Pobre coitado, Carolina pensou. Seria melhor colocar um pouco mais de açúcar para aumentar o efeito calmante. Jogou uma, duas, três, muitas colheres de açúcar na água. Mexeu e bateu a colher delicadamente no vidro.

— Beba, querido. — disse pacientemente a José, ajudando-o — Logo você se sentirá melhor.

Ao sentir o gosto em sua boca o brilho nos olhos de José mudou, mas Carolina continuava com o copo em sua boca e um sorriso igualmente doce nos lábios.

O Dr. Felipe continuou fazendo as visitas ao casal e sempre se admirando de como Carolina cuidava bem de José e até parecia mais conformada com o fato de que o marido não melhoraria nunca. A única coisa que tinha mudado era a glicemia do ex-mestre de obras que não abaixava.

— Dona Carolina, eu estou um pouco preocupado com a diabetes do seu José. Está sempre muito alta — confessou um dia à mulher perplexo.

— Meu Deus, doutor. O que pode ser? A comida dele ainda é a mesma de antes.

— Eu não sei, eu não sei... Mas desse jeito, ele pode não durar muito. As feridas podem demorar mais a fechar, e se ele pegar uma infecção...

— Meu Jesus!

Carolina levou a mão à boca em choque. Assim que o doutor se foi, contudo, andou até a cozinha cantarolando, pegou o açucareiro e temperou com vontade o suco que estava preparando para o almoço.

Por conta das dores nas costas, Carolina também parara de mudar José de decúbito com frequência. E logo as feridas apareceram.

— Como estão enormes, dona Carolina — dizia a Auxiliar de Enfermagem. — Precisa trocar o colchão, hidratar a pele, e mudar o José de decúbito!

— Queria poder conseguir, minha linda! Mas faço o que posso. Minhas costas me matam, mas eu sempre tento dar um jeito... Estou ficando velha, sabe?

— E a senhora está dando banho todos os dias? Ele não pode ficar sem banho! Principalmente agora com as feridas.

José passava quase uma semana sem banho. Os vizinhos reclamavam para a equipe do mal cheiro da casa. As fraldas passaram a ser trocadas duas vezes ao dia. A dieta sofreu alterações drásticas. Carolina justificava com humildade e imperícia:

— Ele adora comer sonho de padaria! E eu sinto dó! Coitado, fica nessa cama sem poder ter nenhuma alegria na vida. Dou um docinho de vez em quando só, mas não sai da dieta.

José engordava. Já não enxergava muito bem, e sentia terríveis formigamentos nas mãos e pés e dor ao urinar. Não que alguém soubesse, pois José não conseguia nem se queixar sobre isso.

Em um ano ou dois, José havia sofrido algumas amputações de dedos, pé e perna. José não resistiu à última, uma amputação transfemoral.

Carolina chorou e chorou muito, algo entre o desespero, o alívio e a culpa. No enterro agradeceu à equipe por toda a ajuda e despediu-se deles.

Com a morte do paciente o Dr. Felipe não foi mais à casa de Carolina e não a viu durante muito tempo, mas um dia foi parado na Avenida São João por uma mulher bonita de cabelos cacheados e um decote aberto num vestido vermelho bem destacado.

— Doutor? — ela questionou sorrindo. Um sorriso bonito. — Dr. Felipe?

— Isso. — Ele respondeu um pouco deslocado. — Eu conheço a senhora?

— Claro que sim, Doutor. Sou eu, Carolina. — Devido à expressão de interrogação do médico ela continuou — A esposa do José do AVE, lembra-se?

O médico negou com a cabeça, rindo.

— Não, não! A dona Carolina era uma senhora idosa.

— Doutor! Sou eu! — Ela continuou ainda sorrindo. Abraçou o médico pasmo e perguntou — Como vai?

Dr. Felipe realmente estava petrificado de surpresa. Aquela mulher na sua frente não tinha absolutamente nada parecido com a dona Carolina que tinha conhecido. Uma mulher acabada, sem brilho. Por fim, cedeu.

— Bem, bem... E a senhora?

Trocaram algumas palavras e no final o médico gaguejou:

— Bom, fico feliz que a senhora esteja tão... bem.

— É, Doutor. Depois da morte do José eu descobri como a vida é doce.

Deu uma piscadela para o homem e afastou-se elegante nos saltos.

\* \* \*

**Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza** é Docente temporária e Terapeuta Ocupacional do Laboratório de Estudos em Reabilitação e Tecnologia Assistiva (REATA) do Depto. de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP. Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. [camila.reaka@usp.br](mailto:camila.reaka@usp.br)

**Bianca Santos** foi Bolsista do Programa Unificado de Bolsas da Pró-Reitoria de Graduação USP do Laboratório REATA. Graduanda do curso de Letras Português — Italiano da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

**Eucenir Fredini Rocha** é Terapeuta Ocupacional. Professora Associada do curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP. Coordenadora do Laboratório REATA. Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DIVERSITAS/FFLCH-USP) e no Mestrado Profissional Formação Interdisciplinar em Saúde das Faculdade de Odontologia, Saúde Pública, Escola de Enfermagem e Instituto de Psicologia da USP.



## Parentescos

*Núbia Bento Rodrigues*

### Pretérito imperfeito

— Não, não, tudo bem, você pode ficar com tudo...

— Você tem certeza? Quer pensar melhor?

— Não. Não precisa. Pode ficar.

— E se você quiser usar algum no futuro?

— Pra ser sincero, isso não vai acontecer...

— E se mudar de idéia? Não quer manter, sei lá, um pra você?

— Não. Fique com todos. São seus. Você bem sabe, eu nunca fiz muita questão. Aceitei os dois primeiros, mas não quero outros. E também vai ser melhor não guardar mais nada de você... Onde devo assinar?

— Aqui — disse ela, indicando com a ponta da unha pintada de amarelo. Ele olhou para o verniz fosco. Ela tirou o dedo rapidamente do papel e o encolheu, junto com os outros, contra a palma da mão — Então, quer dizer, é definitivo? Você não vai mudar de ideia?

— De forma alguma... a não ser que você... — ele quase sussurrou.

— Eu, o quê?

— Pela sua insistência, até parece querer que eu mude de ideia...

— Estou querendo evitar confusões, só isso. - Ajeitou os cabelos displicentemente e contorceu os lábios enquanto desviava o olhar em direção às janelas, voltadas para o mar e sombreadas por belas mangueiras, repletas de micos e pássaros multicoloridos.

— Evitar confusões? Ah, está bem. Entendi. Mas não se preocupe com isto, pois se eu quiser ter mais filhos, não preciso de tecnologia. Mas você, hein, que azar, além de seus próprios problemas de fertilidade, agora se casa com um cara totalmente incapaz de procriar, até em laboratório. — Ele riu aquele riso de vingança e amargura.

— Olha aqui, eu dispenso o veneno, o despeito e as provocações — ela disse quase exasperada, para logo se controlar. — Você sabe que não é assim.

— E como é, então? — Ele colocou os pés sobre a mesa, recostou-se no espaldar da cadeira.

— O esperma dele não é de boa qualidade pra fertilizar. Não geraria bons embriões. A gente teria de procurar um doador entre os amigos, parentes, sei lá, ou comprar de um banco de sêmen. Seria ridículo, você não acha?

— É, de fato, acho — ele respondeu se espreguiçando; estendeu os braços para o teto, para depois dobrá-los e apoiar a cabeça entre as mãos entrelaçadas.

— E como já tenho embriões congelados, pra que pagar mais caro e passar por tudo outra vez? Você mesmo sabe como o tratamento foi penoso pra mim.

— Sim, sei — disse ele, de modo condescendente, mas carinhoso, enquanto seus olhos escrutinavam cada traço do rosto dela. — Você tem razão, não faz sentido passar por tudo aquilo novamente, ainda mais com sêmen de um desconhecido. Pelo menos vai ser 100% irmão dos nossos gêmeos.

— Isso te faz sentir melhor? — ela respondeu em tom conciliador, ao tempo em que olhava para os lábios dele.

— Bom, era só isso? — disse ele, desviando o olhar para um ponto distante entre a copa das mangueiras e o horizonte molhado de mar.

— Sim, era — ela retrucou, peremptória.

— Ele sabe de tudo?

— O quê? — Ela pegou o papel assinado por ele e disfarçadamente acariciou a assinatura.

— A história de nossa separação — ele concluiu a pergunta, enquanto desenhava os lábios com a ponta dos dedos.

— Claro que sabe — ela respondeu ofendida, recolocando o papel sobre a mesa.

— Nunca ficou encafifado?

— Algum motivo? — Ela franziu as sobrancelhas.

— Eu, no lugar dele, ficaria intrigado com a história de nossa separação.

— Mas você não está no lugar dele...

— Uma pessoa sensata, se soubesse detalhes de nossa separação, teria receio de receber estes embriões.

— Por quê?

— Por nada. Deixa pra lá! — Ele se levantou e se aproximou da mesa, embora tenha ficado de costas para ela.

— Agora você tem de falar!

— Eu não. Não vou encher seu saco com isso...

Um telefone celular tocou. Ela atendeu.

— Alô? Oi, sim. Tudo bem. Está certo, em três minutos eu desço – ela respondeu em voz baixa e logo desligou.

— É melhor você ir. Ele deve ter medo de você sentir saudades de mim.

— Não diga bobagem. – Ela guardou o celular na bolsa e fechou o zíper com força, sem olhar para ele.

— Nunca se sabe, não é? – Ele riu pelo canto da boca.

— Claro que sabe! Eu sei!

— Ah, sim, tinha me esquecido. Você sempre sabe. As crianças já sabem?

— O quê? – Ela pegou a bolsa e o papel, guardando-o num envelope.

— Dos planos pro novo neném?

— Sim, sabem.

— Estão contentes?

— Estão felicíssimos em ter um irmãozinho!

— Ou uma irmãzinha, né. Pode ser uma menininha, desta vez — disse ele, enquanto amassava os cabelos com a mão espalmada.

— É, pode ser. Você queria uma menina, lembra? — disse ela, mirando os movimentos que ele fazia com a mão.

— Lembro, sim. Bom, você poderá ter uma.

— É, se for uma menina, vai ser ótimo.

— Vai manter o nome de nossa possível menininha?

— Não. Nem pensar. Por que a curiosidade? Você nada tem a ver com essa criança! – Ela projetou o corpo na direção dele, tentando encará-lo, enquanto ele se manteve de costas.

— Eu tenho nada a ver com esta criança? Tem certeza? Por exemplo, pelo menos posso garantir que vai ser linda e bem parecida com os nossos gêmeos. E se não tiver a covinha do lado esquerdo do rosto, pode ter certeza de que não é nossa. Pode reclamar no laboratório e dizer que trocaram os tubinhos!

— Qual é a sua, hein?! Você nunca teve fissura por filho, agora vai querer me torturar com esse papo?

— Não, claro que não. Estou brincando com você. Por que ficou tão nervosa?

— Você sabe o motivo, você sabe o motivo – ela respondeu com os olhos fechados e a voz miúda de quem precisava conter o choro.

— Que motivo?!

— Pelo qual eu fui embora.

— Mas, uma coisa nada tem a ver com a outra...

— É óbvio que tem!

— É, você tem razão, talvez tenha mesmo. E por isso eu não entendo o motivo pelo qual esse cara topou ser o pai de um embrião meu. Mas você está mentido, está claro que não contou a ele os detalhes de nossa separação. Diga a verdade, contou ou não contou?

— Eu não tenho de lhe responder a esta pergunta cretina.

— Não contou, senão ele não aceitaria. Se eu estivesse no lugar dele...

— Já lhe disse: você não está no lugar dele e os motivos dele não te dizem respeito. E outra, os embriões agora são meus. Olha o papel que você assinou! Vai voltar atrás? — Ela tirou o documento do envelope e o balançou energicamente.

— Não estou falando desse papel. Pode levar, registrar em cartório, apresentar ao médico, implantar até os cinco de uma vez, se quiser. São todos seus.

— Então qual é a sua ao dizer “meu embrião”?

— Olha, seu celular está tocando outra vez. Deve ser ele. Melhor você ir. Leva essa cópia, em caso de perder a outra...

Ela pegou o segundo papel e o enfiou no mesmo envelope onde estava o primeiro. Saiu sem dizer palavra e bateu a porta furiosamente. Ele se aproximou da janela a tempo de vê-la entrar no carro e beijar o homem que esperava por ela.

## Presente Simples

Apesar do dia claro, o quarto estava em penumbra. As janelas ainda estavam fechadas, por causa de uma tempestade que caiu, na noite anterior. As nuvens cinzentas cobriam o céu; borravam o horizonte e o mar num só matiz granulado e melancólico. Mas esta não era a razão pela qual aquela manhã não se abriu, pois ele sempre foi afeito ao frescor singular da brisa escancarada e quase encharcada pela chuva. Talvez os moradores do apartamento ao lado não sentissem o peso daquela atmosfera. Talvez apenas se aborrecessem pelo inconveniente da

própria chuva, em pleno e alto verão. Para ele, ao contrário, a torrente serviu para lavar seu luto, para extinguir a última potência que o ligava a ela. Por isso, ele se recusava até mesmo a abrir os olhos. Ainda não tinha elaborado racionalmente o caráter irremediável daquela assinatura. Foi tudo muito rápido e, somente na manhã seguinte, ele se deu conta do peso da expressão “agora é para sempre”. Aquele papel simbolizou a ruptura do último laço com ela, exceto os que são relativos à criação dos filhos gêmeos.

Não quero dizer que os dois meninos não eram uma conexão permanente entre eles; apenas é preciso entender que os gêmeos representavam um vínculo afetivo e efetivo. Os filhos nascidos são o elo incontestável que envolve as obrigações e negociações comuns na vida de pais que optam pela guarda compartilhada. Os embriões, por sua vez, são o anelo, as aspirações. Pela sua natureza pressuposta e invisível, são tão intangíveis quanto os sentimentos, por assim dizer, em estado puro. São o misto de amor e de esperança numa palavra: promessa. Os filhos são o desejo e o sonho realizados; são a presença, o fenômeno, a passagem do tempo em plena ação. Os embriões são o projeto, o vir a ser em estado bruto, o tempo em suspensão, o devir humano literalmente congelado.

O tempo estava abafado. As janelas fechadas por causa da chuva faziam ainda mais concentrado o cheiro de café, impregnado nos cantos e nos livros espalhados por cada quadrante da casa. Era como se ele não pudesse associar este aroma a outra pessoa que não ela, e por isso chorava encolhido na cama. Além dos olhos cerrados, quase prendeu também o fôlego para fugir daquele cheiro. Há tempos não se sentia tão dilacerado pelas lembranças do desejo voraz que os manteve juntos durante tanto tempo. Contudo, esta mesma sofreguidão foi a ruína do relacionamento deles. Ao assinar o documento, se reconheceu derrotado, embora soubesse que não poderia deixar de atender ao pedido dela. Afinal, ela foi muito flexível, não impôs obstáculos à guarda compartilhada, inquestionavelmente a opção mais saudável e satisfatória para o ex-casal e suas duas crianças. Não há disputa entre os pais que justifique a penalização dos filhos ou “projetos de”. Por esta razão ele abriu mão dos embriões. Seria pura mesquinhez negar a ela o prazer de ter mais uma criança. Jamais pretendeu se vingar dela. Contudo, quanto ao rival, este sim, era merecedor de seus ardis. Divertiu-se com a ideia de ser, para o outro, um fantasma vivo. Se estivesse no lugar do atual marido

dela, ficaria bastante inseguro de receber este presente de grego, mesmo que não soubesse dos motivos pelos quais o antigo casal se separou.

Tudo foi decidido em comum acordo, como medida de segurança para ambos, preservação da liberdade dele e garantia de vida para ela. Não foi prudente terem rompido o silêncio e, ao confessarem o que jamais o deveriam, não lhes restou alternativa. Não foi a falta de amor, mas seu excesso, a causa eficiente para o afastamento. Num caso como o deles, não havia meio termo.

Porque ele seria capaz de matá-la. Era essa a razão pela qual ela o amava. Era essa a raiz do forte vínculo entre eles. Todavia, para evitar mal-entendidos, reformulo a sentença inicial: as mãos dele, firmes, delicadas e vigorosas, em torno do pescoço dela expressavam a suprema confiança que os unia. Juntos, desafiavam o equilíbrio precário entre a vida e a morte. Gozo, desejo e fascínio se misturavam numa estranha forma de dominação que um exercia sobre as pulsões do outro. Confiança absoluta e desdenhosa era o alimento da relação obsessiva e respeitosa que havia entre eles, desde o princípio. Era este o perigo que serviu de combustível para aquele relacionamento.

“Você domina minha inconsciência, minhas horas de sono; está presente como uma nódoa em meus pensamentos mais abusados e absurdos” — ela dizia. E ele se excitava ao apreciar o revirar dos olhos dela, quase desfalecida e sorridente, sem jamais se debater. Ela espreitava feliz a ideia de morte numa circunstância como aquela. Mas nenhum dos dois deveria expressar, em palavras, os detalhes desses sentimentos. O relacionamento durou enquanto puderam conter os excessos desta pulsão. Quando a dor imposta ao corpo aumentava o prazer do espírito; quando os arranhões; os puxões de cabelo; os impactos na mucosa ainda seca se tornaram mais violentos, eles sentiram medo. Reconheceram o perigo.

Inicialmente acreditaram ser uma mera atração pela novidade. Nenhum dos dois havia experimentado algo semelhante. Mas, certa vez, ao apertar o pescoço dela, ele teve medo de machucá-la. Teve medo de não controlar a própria força, embora tenha gostado de sentir este poder. Teve ainda mais medo ao perceber o quanto ambos amavam aquele jogo, que deixava marcas nas peles... “Nunca me senti tão à vontade como me sinto com você. Gosto de olhar para estas marcas quando estamos separados; cada célula reage ao arranhão, ou sua lembrança, alegremente. E meu pescoço se arrepia ao imaginar o contato com

teus dentes. E o dorso se contorce em pleno gozo, mesmo à distância” —, ela dizia. E ele lhe satisfazia os caprichos.

Na época do nascimento dos dois meninos, eles estavam juntos havia quatro anos. Acreditaram que as novas obrigações domésticas fariam o furor sexual arrefecer. Entretanto, não aconteceu nos dois anos seguintes. A escassez de tempo os tornou ainda mais esfomeados e, conseqüentemente, mais perigosos, quando podiam se entregar à luxúria. Por esta razão, decidiram se separar, seria mais seguro para todos, especialmente para os filhos. Foi um processo doloroso, mas amigável. A guarda compartilhada garantiu o contato igualitário entre eles e as crianças. Encontravam-se regularmente duas vezes por semana, quando intercambiavam os meninos de casa, mas não trocavam sequer um aperto de mão. Como se fossem alcoólatras em tratamento, era melhor evitar o primeiro toque.

Alguns meses depois de separada, ela conheceu Z., um cara recém-retornado à cidade, depois de dez anos vivendo em outro canto. Foram apresentados por amigos em comum. A paixão foi imediata e em pouco tempo estavam morando juntos. Z. se tornou o “pai de estimação” mais carinhoso que os filhos dela poderiam encontrar. O convívio entre todos era harmonioso; compunham uma família extensa, com direito a almoço de domingo e viagens de curta duração. Os dois meninos transitavam com segurança pelos ramos desta árvore de parentes justapostos, entre os consanguíneos e os estabelecidos por alianças.

No entanto, a aparente cordialidade escondia certa tensão, pois, o amor intenso e apaixonado que houve entre ela e o primeiro marido, emaranhado por imprudentes fetiches, nunca se extinguiu por completo. Quando o ex-marido perguntou se ela havia contado tudo a Z., ela não teve escolha senão mentir, dando a entender que se tornara indiferente aos motivos da separação.

Z., por sua vez, não queria parecer inseguro diante da situação. Aceitou os embriões porque se achava um cara “descolado”, “bem resolvido”, disposto a disputar uma parte de um espólio que não lhe dizia respeito. Os dois meninos nascidos do primeiro casamento de sua esposa jamais seriam seus filhos. Embora os amasse verdadeiramente, o pai sempre seria o outro, a principal referência. Ademais, Z. queria realizar seu sonho de paternidade, de acompanhar uma gravidez, de estar presente no momento do parto, ouvir o primeiro choro, trocar a primeira fralda, ensinar os primeiros passos e achar graça das primeiras palavras de uma criança

para quem ele tivesse ajudado a escolher o nome. Mas a tecnologia ainda não era capaz de o auxiliar a procriar. Precisaria de doadores, portanto, era mister reinterpretar o significado da expressão “fazer um filho”. Para evitar comentários, escondeu da família e dos amigos a origem dos embriões — dos cinco, apenas dois foram implantados e um se desenvolveu —, pois, ele mesmo reconhecia a insensatez se tornar o pai social de um filho biológico do ex-marido de sua esposa.

A princípio, Z. achou muito louco, confuso e arriscado aceitar a solução apresentada pela mulher. Mas decidiu pagar pra ver, devido à rapidez, praticidade e baixo custo financeiro. Parecia a saída ideal para o problema de infertilidade do casal. Apesar de sentir ciúmes da relação que a esposa mantinha com o ex-marido, não havia razão para desconfiar dela, já que a separação ocorreu por “decorso de prazo”, tal como ela sempre reafirmava. Para falar a verdade, quando ela propôs que usassem os embriões excedentes de sua primeira gravidez, de início Z. apercebeu-se bastante excitado, ao imaginar o despeito do outro diante de um filho que poderia ter a sua cara, mas jamais seria seu.

Com o passar do tempo, a excitação cedeu lugar a um mal estar indisfarçável que crescia no compasso do ventre. As especulações alheias sobre a aparência do neném ganhavam contorno de constrangimento. Entre o casal prevalecia um silêncio pesaroso, quando alguém especulava com quem a menina iria se parecer. Certo dia, num almoço em casa de amigos, alguém comentou que as filhas geralmente são mais parecidas com os pais, enquanto os meninos carregam as feições maternas — “vejam os gêmeos! São a cara dela! Os mesmos olhos, o tom da pele, os cílios longos e curvados, o sorriso”.

O comentário bobo, baseado em mera concepção popular de genética, entrou no coração de Z. como uma flecha envenenada. O pior era suportar o olhar vitorioso e o riso de canto de boca do pai biológico de sua futura filha. De qualquer maneira, o primeiro jamais teria direito à menina, após ter assinado o tal documento. Z. estava seguro de que poderia vencer esta batalha da “aparência” através da educação, pois, como diz o ditado, “pai é quem cria”. Sua filha cresceria à imagem e semelhança de seu espírito. E o parentesco seria traçado pela afinidade entre eles. Z. ensinaria para a criança seu gosto pela leitura, pintura, viagens e longas caminhadas. Tocariam juntos os primeiros acordes em instrumentos musicais. E, na prática de esportes, seriam grandes companheiros. De certo modo, ele já vinha

imprimindo estes traços nos meninos, que o chamavam de “papo”, termo inventado por eles para resolver a um só tempo o problema linguístico e o afetivo, sem ferir os sentimentos dos envolvidos. Conquistar o afeto dos gêmeos já era uma vitória suplementar em relação ao espólio biológico do outro. Mas esta batalha pelas heranças sociais ou genéticas entre os dois homens estava longe de chegar ao fim.

## Futuro do presente

A menina nasceu. Os grandes olhos emoldurados pelos cílios espessos, os cabelos negros e a covinha na face esquerda faziam dela a versão feminina dos dois meninos. Muitas pessoas não conseguiam distinguir as fotos dos três nenéns comparadas à mãe, na mesma idade. Z. olhava para a menina e respirava aliviado. Não quero insinuar que o amor dele pela pequena estava condicionado à aparência física, mas o alívio dizia respeito ao pesadelo de não ter de enxergar, na filha, o rosto do rival. Ele se sentia realizado como pai, e nada poderia atrapalhar esta felicidade. Estava presente em todos os momentos importantes da vida da menina, desde a gestação. Foi uma emoção indescritível tê-la em seus braços, tão logo ela saiu do ventre materno e sentiu o fogo do primeiro fôlego. Durante os primeiros meses, era ele quem a acalentava de madrugada, era ele quem dava banho e trocava as fraldas dela. Passou a trabalhar em casa para ficar mais perto dela. Era pai amoroso, cuidadoso e paciente. E a menina correspondia à dedicação dele com claro discernimento. Nos primeiros tempos, tudo transcorria muito bem e a constante presença do pai biológico, isto é, do doador de sêmen, não transtornava a vida da família.

No entanto, mal a menina completara dois anos, Z. deveria se ausentar do país por três semanas, para atender compromissos de trabalho. Pela primeira vez, após quase quatro anos de casamento, ficaria tanto tempo longe da esposa. O maior obstáculo seria a saudade da filha e dos gêmeos. Mas ele não tinha escolha, já que era algo importantíssimo para seu futuro profissional e financeiro. A viagem de Z. coincidiu com o início do ano escolar das crianças. A tranquilidade da casa era a situação ideal para a mãe retomar seu trabalho como tradutora, interrompido desde a última gravidez. Mas eis que uma mosca resolveu pousar naquela sopa, ou melhor, um mosquito veio perturbar o sono alheio. Um dos meninos foi picado

pelo *Aedes aegypti* e desenvolveu uma forma grave de doença tropical, exigindo da mãe atenção redobrada e cuidados intensivos. Os pais optaram por cuidar dele em casa. A mãe não permitiu que o ex-marido levasse o menino sadio para longe dela. Ao mesmo tempo, não tinha como cuidar sozinha dos três rebentos. O ex-marido se ofereceu para dividir com ela cuidados da casa e dos três pimpolhos. Ele voltava do trabalho e ia para a casa dela. Compartilhavam todas as refeições e passavam juntos todas as horas de vigília.

Enquanto a mãe cuidava do menino doente, o ex-marido se encarregava das outras duas crianças. Pegava-as na escola, então dava o banho e servia o jantar, brincava com elas e lhes contava histórias de ninar. Com a ausência de Z., a menininha passou a chamar o pai dos irmãos de “papo”, mesmo nome pelo qual os irmãos chamavam o pai dela. Ele, por sua vez, mimava a menina desmedidamente, chegando até a despertar os ciúmes dos irmãos.

Z. telefonava diariamente para falar com a esposa e as crianças. Nos primeiros dias, a menina perguntava sobre o retorno dele, mas não demorou para que esta preocupação fosse caindo no esquecimento. A convivência divertida e carinhosa com o “papo” preenchia a ausência do pai, o que era bastante natural, porque ele era plenamente integrado à vida familiar. A mãe ficava meio desconcertada ao ver o ex-marido e a menina em perfeita sintonia. E como se não bastasse, a semelhança física entre eles já vinha se acentuando havia alguns meses. Afora os olhos, quase nenhuma característica ligava a mãe à menina. A pequena parecia copiar do “doador de sêmen” até as papagaiadas. Por tudo isso, a mãe se deu conta do perigo inerente àquela decisão, em relação aos embriões, tomada quase três anos atrás. Não poderia remendar o passado, mas era possível evitar maiores danos. Por isso sugeriu que o ex-marido se ocupasse mais do menino doente, enquanto ela cuidaria dos outros dois.

Uns dias depois, o menino se recuperou e voltou para a escola, justamente quando haveria um passeio de final de semana para um hotel-fazenda, tranquilo e cheio de atividades para crianças. A mãe decidiu participar, pois seria uma maneira de celebrar o restabelecimento do filho e descansar, antes do retorno de Z., em três dias. O ex-marido hesitou bastante em acompanhá-los, mas as crianças se recusavam a ir sem ele. Ao ser consultado sobre o assunto, Z. não se incomodou, afinal, se algo tivesse de rolar entre a esposa e seu ex-marido, já teria rolado. Um

final de semana não mudaria o rumo da história. E em todo caso, nada poderia fazer a dez mil quilômetros de distância.

Os três dias se passaram tal como esperado. Os dois ex-amantes mantiveram o afastamento necessário. Não trocaram olhares demorados ou contatos físicos para não estamparem na cara o que sentiam. De todo modo, estavam cercados por algumas pessoas conhecidas, além de dividirem o chalé com as três crianças. Todavia, ao retornarem à cidade as coisas começaram a mudar. Mais precisamente, na porta da casa dela, no momento exato da despedida. A menininha insistia para que o “papo” dormisse lá naquela noite — após três semanas de convivência intensiva, as histórias de ninar contadas por ele eram as melhores do mundo! A mãe tentava convencê-la a deixá-lo partir, mas a menininha estava irredutível. Para a mãe, a força seria o último argumento. Segurou com firmeza as mãozinhas da menina, que estavam entrelaçadas ao pescoço do “papo”, como se fossem raízes de árvores do manguezal. O “papo” estava quase sem fôlego de tanto rir. Ele adorava quando os meninos faziam coisa parecida. Combalido pela situação, ele se abaixou lentamente e a ex-esposa o acompanhou no movimento até o chão; quem sabe de cócoras fosse mais fácil desfazer o laço criado pelos braços da menina. Contudo, diante do insucesso, a mãe, vencida, pediu ajuda aos meninos. Mas em vez de soltarem os braços da irmãzinha, os gêmeos se jogaram por cima da mãe. Em um instante estavam os cinco amontoados, se embolando na grama, fracos de tanto rir. Pela primeira vez desde a separação, os dois ex-amantes sentiram o calor, o peso e o gosto do contato com o corpo do outro. Não avançaram os limites, mas passaram a noite em claro, atormentados pela memória daquele desejo voraz.

No dia seguinte Z. retornou saudosos. Embora confiasse na esposa, estava temeroso de que o outro tivesse “tomado o seu lugar”. Mas a saudade dela parecia ser ainda mais desesperada que a dele. Foram três ou quatro dias de atividade sexual intensa. Ela precisava soterrar as memórias do outro, recentemente reacendidas. O marido nada percebeu, apenas gostou de encontrá-la tão bem disposta para o sexo, como nunca havia sido. Entretanto, se as mudanças em relação à esposa foram maravilhosas, isso não poderia ser dito no que se refere à menina. Por algumas vezes, ela o chamou de “papo” e ele ficou um pouco ressentido, mas isto não foi o mais grave.

Naquela mesma semana ao comparecer a uma reunião na escola das crianças, Z. caminhava por um corredor quando reparou uma pequena exposição

de fotografias da viagem ao hotel-fazenda. Ao observar aqueles registros, deu-se conta da semelhança física entre sua filha e o pai biológico dela - isto é, o doador do sêmen, tal como ele gostava de ressaltar. Sentiu-se traído ao ver o “rival” com a menina no colo. Algumas pessoas também pararam para ver as fotos, e Z., movido por um desejo mórbido, quase masoquista, perguntou a duas mulheres sobre o passeio. Rapidamente elas se tornaram verdadeiras cronistas de viagem. Então, sem muitos rodeios, ele perguntou sobre as pessoas de uma fotografia. Nem é necessário descrever a imensa dor que ele sentiu ao ouvir os relatos das duas desconhecidas sobre a paixão entre “pai e filha”. Maior ainda foi a frustração por não ser reconhecido como pai da menina. As duas mulheres ficaram estupefatas, quase em catalepsia, ao tomarem conhecimento de que ele, e não o homem da foto, era o pai da menininha.

Ao fim da reunião, Z. voltou para casa amargurado, mas nada comentou com a esposa. Os dias foram se passando e ele se tornando mais silencioso. Não demorou muito para perceber os olhares indiscretos e as perguntas insistentes das pessoas em relação à fertilização *in vitro* — naqueles dias, este já era um procedimento médico quase banal, mas repentinamente parentes e amigos próximos começaram a perguntar se eles haviam optado por um doador de sêmen ou se o embrião foi fertilizado com o material genético dele. Alguém mais indiscreto até insinuou algo sobre a participação do ex-marido neste imbróglio de parentesco. Mas tudo isso era passível de solução. Bastava que eles se mudassem para outra cidade, quem sabe outro país — ele até recebeu oferta de emprego no exterior. Se fossem viver em outro lugar ninguém saberia daquela história, e ele deixaria de ser atormentado pelo fantasma do outro, impresso no rosto da menina. Apesar da insistência de Z., a esposa não aceitou a proposta. Em parte, porque o pai dos gêmeos não concordaria que eles fossem viver, com a mãe, em outro lugar. Do mesmo modo, ela não abriria mão da guarda dos filhos em favor do ex-marido, para acompanhar o atual.

Como se pressentisse que o pior se aproximava, Z. decidiu sair de casa. Prosseguir só traria dissabores. Reconheceu o erro de ter entrado naquela disputa com o outro, sem conhecer os detalhes do passado. Somente neste momento compreendeu que havia algo muito mal explicado em relação à separação do ex-casal. Se tivesse prestado um pouco mais de atenção, talvez tivesse descoberto.

Mas a paixão doentia pela mulher não o permitiu (querer) enxergar. Ao se sentir incomodado pelos comentários alheios sobre a filha, Z. recobrou a sensatez. E então se lembrou do primeiro brinquedo recebido pela menina, um cavalinho de madeira oferecido pelo outro. Não poderia continuar se auto-enganando. Era a hora de admitir a derrota nesta última batalha. E o divórcio lhe pareceu o único desfecho.

Condoído pela perda que se delineava, Z. chamou a esposa e o ex-marido dela para uma conversa franca. Mas, para seu espanto, a esposa reafirmou seu amor por ele, recusando-se sequer a cogitar separação. O ex-marido, então, propôs que vivessem os três sob o mesmo teto, compartilhando o leito e as crianças. A princípio, Z. reagiu negativamente, mas a esposa e o ex eram ótimos argumentadores. Casamentos a três já não eram uma grande novidade, entre pessoas que eles conheciam. Por isso, não custava “experimentar”. Acima de tudo, Z. jamais poderia ficar distante da filha cujo nome, Helena, ironicamente, ele mesmo escolhera.

\* \* \*

**Núbia Bento Rodrigues** é Antropóloga, Professora Adjunta Departamento de Antropologia, Universidade Federal da Bahia. Tem pesquisa na área de Antropologia do Corpo e da Saúde, Antropologia da Religião e Antropologia da Literatura. Agradeço aos “leitores-amigos”, indicados pela equipe do LAPPACS, pelas valiosas leituras, ponderações e sugestões.





## A dor de maior tamanho

Nazaré Fraga

Viveu sempre no distrito de Feijão, vinculado a uma cidade de médio porte na maior bacia leiteira do Sertão Central do Ceará. Era órfão de pai, filho de uma viúva pela segunda vez. A mãe ganhava alguns trocados enquanto varria terreiros, lavava louças ou roupas nas casas das pessoas de melhores posses. Duca era o filho do meio. Desde cedo, ele e os dois irmãos ajudavam a tanger bois para o pasto, buscavam água no açude em lombo de jumento. Ajudavam a plantar e limpar roça, além de outros trabalhos do mesmo tipo. Tudo em troca de um almoço, um quilo de feijão, de farinha ou uma rapadura. Faziam isso prestando serviço aos pequenos proprietários de terra das redondezas.

Os três meninos eram amigos dos meus irmãos. E de minhas irmãs mais velhas. Levavam e traziam bilhetes secretos para os namorados delas. Em troca, uma guloseima vinda da cidade, uma porção avantajada de doce de leite, de mamão e outras iguarias caseiras, tudo da lavra de minha mãe. Surrupiadados por elas do paiol, às escondidas.

Duca cresceu como o típico sertanejo, que não se dobra diante das maiores dificuldades. Tomava umas doses de cachaça aqui e acolá, sem sair da medida, mas foi fumante desde que se tornou adulto. Tinha de acréscimo o bom humor, o sorriso aberto, a afeição nos olhos e à flor da pele.

Eu e minha irmã nos mudamos do povoado, que no nosso tempo de infância não tinha escola regular, atenção em saúde, energia elétrica ou água encanada. Crescemos todos e continuamos amigos. Quando nossos filhos nasceram, nos tornamos compadres. Duca nutriu respeito e amor filial por meu pai durante toda a vida. Quando de sua morte, chorou e dividiu conosco a mesma dor.

Fomos fazer outra visita a Duca. Já éramos todos idosos. Cada ida lá era regada a muitas alegrias e lembranças. Mais de 50 anos vivendo em Fortaleza não nos fizeram deixar de ancorar periodicamente naquele porto de afeto de nossa infância. Voltávamos sempre carregadas de mimos. Um queijo coalho especial,

um jerimum de sua própria roça, uma garrafa de mel de abelha de florada silvestre, colhido na caatinga por ele mesmo.

Quando Duca ainda gozava de saúde, não raro, o encontrávamos em sua bicicleta com uma caixa acoplada à garupa. Ia à cidade mais próxima se abastecer e vendia frutas, verduras e outros artigos ainda não disponíveis nos diminutos comércios do povoado que ensaiava se urbanizar.

Num desses encontros, com um sorriso largo no rosto enrugado e tostado de sol, em tom de comemoração, fez para minha irmã uma revelação até então incomum.

– Comadre, agora sou um homem rico, tô aposentado. E, acredite, todo mês eu vou lá no banco e tem um dinheirim certo pra mim! O governo que bota lá.

Muitos anos mais tarde ele teve diagnosticado um câncer de estômago. Por muita insistência da família ficou alguns dias em Fortaleza, na casa da única filha residente na cidade, para fazer os exames.

O médico até explicou com umas palavras difíceis que o tratamento ia ser longo, talvez tivesse que ser operado algumas vezes. Perguntou se ele estava entendendo. Permaneceu assustado e calado no consultório. Só a filha fez perguntas.

Quando chegou de volta à casa dela já foi pegando a sacola de roupas para ir embora. Disse que estava vendo o fim do mundo e que nunca na vida tinha imaginado ver uma filha vivendo como casada com outra mulher.

Preferiu remédios caseiros, garrafadas e idas à rezadeira a se submeter a radioterapia, quimioterapia e cirurgias. Se aceitasse o tratamento médico, teria que morar temporariamente com a filha que vivia melhor, mas de um jeito que ele não queria nem se lembrar. Era demais para seu coração de pai não acostumado com tais novidades, que considerava sem medida.

\* \* \*

Não era a primeira vez que o visitávamos depois que teve o diagnóstico de câncer. Sabíamos que seu estado de saúde vinha piorando nos últimos meses. Estávamos apreensivas, mas confiantes na sua força para lutar pela vida.

Entramos na casinha de piso cimentado. Sentado no sofá, ele nos esperava como sempre. Era uma pálida lembrança do nosso Duca. Respiração cansada, braços e pernas esqueléticos, precisava de ajuda para movimentar-se pela casa,

falava baixo e pausadamente. Já com ascite avançada, a barriga parecia pesar mais do que o resto do mirrado corpo. Só conseguia engolir líquidos, com dificuldades. Abriu um sorriso de alegria e não controlou as lágrimas abundantes quando nos abaixamos até o sofá para abraçá-lo.

Daquela vez ouviu mais do que falou. Com enorme esforço, pausado no cansaço, resumiu sua vida.

– Comadre, espie meu estado. Passei tanta fome no tempo de menino junto com minha mãe e meus irmãos. Depois só faltei morrer de tanto trabalhar pra dar de comer ao monte de crias que tive com a mulher. Tinha fome e quase num tinha com que comprar o de comer. Agora que tenho dinheiro pra comprar comida num consigo mais engolir.

Sáímos banhadas em lágrimas. Foi impossível disfarçar a dor que nos atravessou ao ouvir sua frase de despedida.

– Bem que o dotô disse que era preciso eu me operar. Tive tanto medo. Mas num sabia que no mundo tinha dor do tamanho dessa que tô sentindo.

\* \* \*

Depois de pouco tempo soubemos que se rendeu às dores e chamou a filha. Chegou a ir para Fortaleza. Nada mais pôde ser feito. O que lhe restava era o conforto de permanecer em casa entre os seus.

Quando de sua morte, a família foi surpreendida. Duca deixou um pedaço de terra para cada um dos nove filhos construírem sua casinha no primeiro arremedo de loteamento perto do povoado.

\* \* \*

**Nazaré Fraga** é enfermeira, doutora em saúde mental, professora universitária aposentada, membro do Coletivo Delirantes de escritores e escritoras e do Grupo Iluminuras de Literatura e Bordado.





## Ela

*Edeli Teixeira de Macedo Lima*

“Um óbito mal definido”, constava na evolução de um prontuário que, recém-aberto, acabava de encerrar-se.

Ela, um rosto sem nome, uma mulher trans, nordestina, dos recônditos do Piauí, moradora de rua e usuária de álcool e outras drogas. Traz em si, além de todas essas marcas, mais uma que lhe grita, estampa o descaso: “óbito mal definido”.

Os cabelos longos, o apelido de índia, que carregava risonha, os olhos sempre marcados pela maquiagem ora azul, que delineava tão bem o contorno de seus olhos puxados quase como se guardasse dentro de si segredos e mistérios, ora preta, marcando um tom pesado, carregado e ainda assim disfarçado por um sorriso. Ela, com uma voz quase mansa, embora às vezes enérgica, nos últimos dias tão silenciosa, talvez refletisse sobre sua vida.

Seria impreciso tentar reconstruir sua história, quando chegou a São Paulo, quando percebeu que seu sexo biológico não correspondia a sua identidade de gênero, como foi viver na rua, quando o álcool passou a amenizar suas angústias... Seria impreciso dizer. Talvez ela preferisse o silêncio diante de algumas dessas perguntas.

Reconstruir esses fatos seria imprimir uma cronologia à vida, dispor eventos numa linha temporal — um empreendimento tão humano para tentar captar o começo, meio e fim. Essa tentativa de apreender os acontecimentos, organizar, categorizar ao final não representa nada além de esforços vãos. A vida sempre nos escapa e a ordem dos acontecimentos pouco importa, talvez a ordem hegemônica de algumas vidas tenha sentido inverso: o fim pode representar o começo.

Sua existência tão divergente e incompreensível para alguns, seu corpo que lutou pra existir, gastando até mesmo sua única renda. Os noventa reais do Bolsa Família se transformaram: cédulas vazias metamorfosearam-se em hormônios. Transformando um benefício social em saúde, sem o auxílio médico, ela colocava seu corpo como prioridade. Talvez ela soubesse de uma portaria que garantia seu direito à hormonização, mas diversas barreiras a impediram de acessá-la.

O tempo tem uma dinâmica própria, nos invade, e a vida, mesmo quando reprimida, acontece, resiste e transborda. O Processo Transsexualizar do SUS, nascido em 2008 e reformulado em 2013, não alcançou em 2018. Os ponteiros e cronômetros da existência às vezes são irônicos e é impossível não olhar os dias, o tempo e tentar compreender cronologicamente. Não que a cronologia dos atos importe, mas o jogo de ironia do tempo é cruel.

Ela chega em 2007, um ano depois nasce uma política que pretende amparar todas Elas, dez anos depois do nascimento da política ela morre. Morte mal definida, abrupta, como uma dança interrompida, um espetáculo paralisado.

Aos 35 anos ela encontrou um outro lugar de abrigo, não aquele do corpo, mas da alma. Deixa em seu nome, inicialmente um óbito mal definido que ainda vai ser investigado e de onde nascem diversas explicações; leptospirose, broncopneumonia, hepatite alcoólica, AIDS e todas elas marcam sua exclusão.

Apesar disso, ela procurou modos de (r)existir, criou possibilidades, e alguns percursos foram construídos em parceria, idas ao CAPS AD, os percursos de ônibus, onde ela se sentava sempre à janela, o vento balançando seus cabelos longos e a sensação de que era possível apreender nos seus olhos: o olhar como estranha para um mundo em movimento lá fora. A peregrinação para conseguir seu bilhete único, desejosa de uma segunda via para circular, algo que lhe garantisse o ir e vir, tão cerceado pelos entraves da vida. Entre idas e vindas, um itinerário se destaca.

Naquela via tão bonita, a rua Visconde de Ouro Preto, uma rua de amores e dissabores, de alegrias, tristeza e melancolia, caminhamos juntas naquela quarta-feira ensolarada. As janelas estavam abertas, uma saudade intensa já nascia ali, pela rua, pelas vivências, uma nostalgia. Seria nossa última caminhada juntas e naquele momento eu não sabia. Naquela mesma rua onde outras caminhadas foram rompidas e mutiladas, nós não seríamos mais andarilhas em busca de cuidado, pertencimento. Ela estava receosa, a possibilidade de fracasso nos assolava, mas lembro que caminhamos lado a lado.

O caminhar nos levaria até a esquina da rua: um Centro LGBTI. Tentaríamos nos inscrever no projeto Transcidadania, pensando num resgate do que se pode chamar de cidadania. Poucos sabem da existência de um projeto em São Paulo que promove reintegração social da população travesti e trans para

conclusão da escolaridade. O projeto tem um auxílio mensal que para muitos garante a (sobre)vivência, uma oportunidade de pertencer.

Todas as nossas caminhadas tiveram um eixo comum: o fracasso. Não se vinculou ao CAPS, os grupos e os horários inflexíveis dificultaram sua trajetória, a segunda via do bilhete único não foi autorizada, não conseguiu participar do projeto Transcidadania. Talvez tanto fracasso, tantas barreiras já houvessem assassinado sua alma lentamente. Ela perdeu o pouco que a prendia à vida — a desesperança a consumiu.

No abrigo em que se encontrava, um atestado permitiu o prolongamento de sua vida, foi permitida sua permanência dentro do serviço, onde se amparou da dor da existência na rua, do ócio de não pertencer e não ter âncoras. O atestado permitia a organização no modelo institucional: a hora de acordar, a hora do café, a fila, ticket para o almoço, mais fila, almoço, outra fila, hora da janta, fila, banho, fila. Permitiu que ela existisse (Sob que condições? Pergunta-se).

Como de uma embarcação sem âncoras, a tempestade se aproximou, a ventania forte a levou à deriva, e ela se perdeu no mar, afogou-se nas águas intensas e ondas que a consumiram.

Ela não tem nome porque a sociedade cada vez mais luta para que ela seja esquecida, porque a história dela talvez seja a de tantas outras. Ela vai permanecer enquanto essas linhas contarem sua existência, viverá enquanto houver vestígios de sua história, para que permaneça a memória de como o estado mata sutilmente e aos poucos aqueles vulneráveis, em que explicações não serão pedidas e óbitos poderão permanecer mal definidos.

\* \* \*

**Edeli Teixeira de Macedo Lima** é terapeuta ocupacional e especialista em saúde mental com ênfase em dependência química pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.





## Corpo-exigente

*Renata Castro Gusmão*

Ângela: — (...) vivo numa dualidade dilacerante. Eu tenho uma aparente liberdade mas estou presa dentro de mim. Eu queria uma liberdade olímpica. Mas essa liberdade só é concedida aos seres imateriais. Enquanto eu tiver corpo ele me submeterá às suas exigências (LISPECTOR, 1999, p.58).

A conversa com Ângela mexeu comigo, revirou as gavetas da memória, as mais íntimas e afetivas. Ao remexê-las, me encontrei com a história de amor de Lena e Laudo e com todas as sensações que a peculiaridade da trajetória de seus corpos provoca no meu.

Lena e Laudo cartografaram com/em seus corpos a sua história - casaram-se, compartilharam caminhos, juntos e distintos, cada qual ao seu modo. Tiveram três filhas e quatro filhos, um total de sete, um deles meu pai.

Lena e Laudo tiveram sua velhice acometida por um diagnóstico clínico que os limitou. Cada qual ao seu modo.

Lena, minha avó, teve uma doença que afetou seus músculos, voluntários e involuntários. Seus movimentos foram limitando-se, minguando, até a impossibilidade de secar uma lágrima que lhe escorria pelo rosto, sentimentos que transbordavam, tamanha lucidez que teimava em habitar seus pensamentos.

Laudo, meu avô, teve uma doença que lhe afetou o cérebro. Sua memória foi ficando atrapalhada, distante, difícil de acessar, até a impossibilidade de saber se ele lembrava quem éramos. A comunicação foi ficando escassa, apesar de manter a capacidade de movimentar-se.

Lena e Laudo, dois corpos.

Ela, com razão e sem movimento.

Ele, com movimento e “sem razão”.

Uma história de amor que me remete à ciência e ao seu histórico de

rigores pouco amorosos, que polarizam corpo e mente. Uma dupla de um mesmo corpo. E quando a mente falha? O que há com o corpo? Há corpo? E quando o corpo falha e a mente teima em funcionar? É corpo? Qual o limite de um corpo? Que estas questões acerca do corpo não se façam cercas. Que as deficiências, os diagnósticos, as limitações, não demarquem uma gaveta de pertencimento, mas que representem novas possibilidades de mobilidades, de inventarmos movimentos em nós, novas possibilidades de escrituras no corpo, e com o corpo. Corpo: fronteira móvel e temporária. Neste ponto, me encontro com as palavras de Lóri:

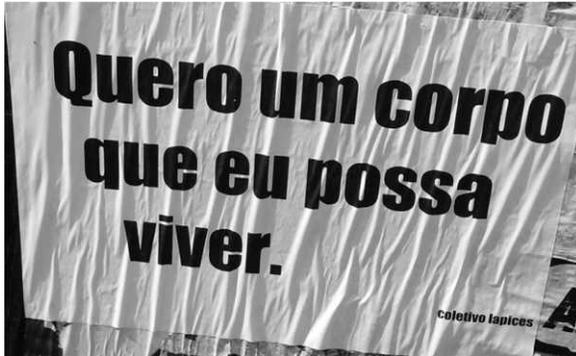
- (...) Mas existe um grande, o maior obstáculo para eu ir adiante: eu mesma. Tenho sido a maior dificuldade no meu caminho. É com enorme esforço que consigo me sobrepor a mim mesma. (...) - Sou um monte intransponível no meu próprio caminho (LISPECTOR, 1998, p. 53).

[pausa para respiração]

(...) senti a pulsação da veia bater em meu pescoço, senti o pulso e o bater do coração e de repente reconheci que tinha corpo (LISPECTOR, 1999, p.50).

A história de Lena e Laudo ainda pulsa em mim. Circulação ancestral que se embaralha a outras estruturas duras que nos estruturam, tais como: o patriarcado, o capitalismo e o colonialismo. Estruturas que adoecem e medicalizam a vida em nós. Curas expostas nas vitrines, nos anúncios e nas tarjas pretas - endurecem o coração até não sobrar sentir. A imunização do prazer e a padronização do existir, como efeitos colaterais. O corpo, tal qual uma máquina de produção, de anulação de desejos, de frustração, culpabilização.

Neste ponto, o corpo também conversa com as paredes. Nelas, encontra movimento, porosidade. Fora e dentro se embaralham:



a parede cheia de movimento  
interpela sobre a paralisação do corpo  
corpo duro, estagnado, colonizado,  
dopado, chapado, medicalizado,  
imobilizado, invisibilizado,  
violado, abusado,  
estuprado.  
parede-branca,  
Homem-branco,  
jaleco-branco,  
asepsias brancas,  
disciplinarizadoras de corpos,  
desbotadoras de prazeres,  
aniquiladoras de diversidades,  
o branco normalizador,  
o falo atravessado,  
que cala a fala,  
dá branco nas ideias.  
da parede, verte o grito:  
quero um corpo que eu possa viver.  
do corpo verte o desejo:  
quero um corpo que eu possa

(sub)  
ver  
ter  
um corpo  
quero ter um  
quero ter  
quero  
que  
seja meu  
eu?

Fui trêmula ao encontro de mim — e achei uma tola mulher que se debate dentro das paredes de existir. Rompo as comportas e me crio nova. Aí então eu posso me encontrar com eu, em pé de igualdade (LISPECTOR, 1999, p.131).

## Referências

LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Imagens: Instagram PaRedes tagarelas. Disponíveis em: [https://www.instagram.com/renatagusmao\\_poa/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/renatagusmao_poa/?hl=pt-br). Acesso em: 13 maio 2019.

\* \* \*

*Ilustrações da autora: paRedes tagarelas ([https://www.instagram.com/renatagusmao\\_poa/](https://www.instagram.com/renatagusmao_poa/))*

**Renata Castro Gusmão** é mulher, mãe, filha, formada em nutrição, mestra em Saúde Coletiva, doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, conversa com paredes e escreve poesias.



## A dor como forma de existência

*Aline Accorssi  
Anelise Fernandes Silveira*

De onde vinha a dor? Era isso o que Glorinha queria entender. Pensava que vinha do pé e nada mais. Mas por que doía? Vai ver era por conta das velhas sandálias já arrebentadas que usava. Procurou na caixa grande de calçados se havia algum par que pudesse substituí-las. Nada! A caixa estava cheia de doações, mas as que tinham pés iguais, da direita e da esquerda, não lhe serviam. Decidiu então colocar um preguinho para segurar as tiras e foi levando enquanto deu. Até que, num final de dia, olhou para si e viu um dos pés inchado, desfigurado. Preocupou-se, mas não tinha tempo para ir até o postinho, não no dia seguinte. Com um arranjo de fios elétricos, conseguiu esquentar um pouco de água em um balde. Colocou os pés nele e sentiu alívio por alguns segundos, um prazer da não-dor vivenciada. Lembrou que precisava passar na escola para justificar as faltas de sua filha mais nova, a única das três meninas às quais dera à luz que ainda morava com ela. Essa era a principal tarefa da manhã seguinte, pois já corria o risco de perder a pouca renda que a família tinha, vinda do Bolsa Família — ou apenas “bolsa”, como ela chamava. Essa situação a angustiava. Glorinha queria que a filha estudasse e tivesse um futuro mais bonito que o seu, mas o cotidiano nem sempre permitia. A fome era tanta que ela tinha a impressão de que o estômago a comia por dentro. Sozinha, Glorinha tinha dificuldades em dar conta do cavalo, da carroça e do material reciclável que conseguia nos condomínios fechados próximos de onde morava, por isso sua filha ia junto. Com um sorriso, uma gracinha aqui, outra lá, dela e da filha, enchiam a carroça, seu único bem. A casa onde moravam não era da família. Havia conseguido com uma conhecida que precisou sair rapidamente da comunidade, na promessa de que quando voltasse, e se voltasse, prontamente a entregaria de volta. Todo mês tentava pagar a quantia combinada, porém já havia alguns alugueis em atraso e isso a deixava chateada. A casa era pequena, mas limpinha e organizada. Orgulhava-se disso. O cavalo,

instrumento de trabalho e locomoção, era um bem precioso. Dormia dentro de casa, em um puxadinho com porta para ninguém roubá-lo à noite. Já tinha se acostumado com o cheiro e os barulhos. Aliás, até que gostava, pois era mais uma companhia para conversar, quando ninguém estava em casa. Seu marido, Ernesto, tentava ajudar a pagar as contas e comida com os bicos, mas a vida não tinha sido generosa com ele também e, frequentemente, acabava por encontrar amparo no bar da esquina. Nesses dias, Glorinha sabia que o melhor era não discutir, apenas fazer. Mas, naquela noite, seu pé doía muito. O som de uma voz familiar chegava aos seus ouvidos. Era Ernesto esbravejando com a fala enrolada. Pelo tom da voz, Glorinha sabia que ele havia passado no boteco. Levantou com certa dificuldade, recolheu o balde de água, guardou os fios e foi até a porta. Mal abriu e se deparou com um alguém que apenas lembrava o homem com quem havia se casado. O que teria acontecido, ou melhor, deixado de acontecer com ele nos últimos anos? Quantos sonhos foram perdidos, talvez esmagados? Lembrou-se do dia em que foram morar juntos, das promessas feitas, do amor que sentiam um pelo outro. Lembrou-se da admiração que tinha por ele, do orgulho que ambos tinham por Ernesto ter um bom emprego, da felicidade genuína daquele tempo. Glorinha continuava parada, simplesmente olhando aquele corpo que se aproximava. “Quando foi que isso acabou?”, perguntou a si mesma. Não conseguia recordar. Hoje em dia, se toleravam, quase sempre. Vez e outra aconteciam algumas brigas, com tapas e discussões. Mas isso era normal, coisa de marido e mulher, achava. Era seu papel manter o casamento e isso ela levava a sério. Mesmo não tendo aquele amor de antes, jamais pensou em se separar. Aprendeu com a mãe que casamento é para sempre e que deveria apaziguar qualquer problema, até mesmo relevar possíveis escorregões do marido, afinal é difícil controlar os homens. Ah, como ela tentava, com todas suas forças, dia após dia. Nem sempre conseguia, é verdade. Ernesto entrou e exigiu a janta, como sempre fazia. Contudo, a dor havia feito com que Glorinha se perdesse no horário. Com o pé latejando, tentou explicar o ocorrido. Inutilmente, pois, antes mesmo de se levantar, já havia sido atingida por um punho cerrado no rosto e escutado alguns desaforos. Em silêncio, engoliu o choro e se recolheu na cozinha. Lembrou-se da mãe apanhando. Dela, ainda criança, tentando apartar as brigas corriqueiras em sua casa. Pensou na própria filha e respirou aliviada. Hoje era a noite em que a criança dormiria na comadre,

que, aliás, a ajudava como podia. Suspirou. A imagem do pastor no sermão falando da importância do casamento e do fardo que todos são destinados a carregar foi aos poucos a tranquilizando. Vai ver era isso. Já que havia roubado a costela, a melhor das costelas, então certamente conseguiria aguentar essa dor do viver. Ernesto foi para a cama, ela deitou-se no colchão, na peça ao lado, no lugar que a filha dormia e onde todos ficavam durante o dia. Naquela noite teve um sono inquieto. Sonhou com a dança no terreiro que acontecia todas às sextas-feiras, nas quais há tempos não ia. Mesmo dormindo, reviveu o suor expulso do corpo, o batuque, os tambores, os giros. Acordou sentindo saudade da força que encontrava naquele lugar. Isso foi antes do pastor e da igreja, afinal, nessa última, havia a promessa, nem sempre cumprida, das cestas básicas e isso a importava mais agora. Glorinha lembrou a vez que encontrou sua antiga patroa misturada entre os pretos velhos. De imediato não a reconheceu, mas com o passar das horas e do constrangimento crescente da patroa, percebeu que era ela. Depois daquilo, ficou intrigada pensando o porquê de os ricos gostarem de ir lá. Pediam favores às entidades, contudo pareciam sentir vergonha. O terreiro era a casa em que se sentia inteira e viva. Lugar onde, outrora, sua carne humana e negra encontrou formas de resistência com outras mulheres, assim como ela. Essa memória reconfortante foi, aos poucos, sendo invadida pelas lembranças das falas, sempre inflamadas, do pastor. Ele gostava de dizer que aquilo que se vivia no terreiro era a manifestação do próprio demônio. Seu peito apertou e não conseguiu mais dormir. Decidiu levantar, pois logo amanheceria. Com esforço, colocou o pé no chão, se apoiou e conseguiu sair do colchão. Abriu a janela e o ar fresco do amanhecer fez com que uma tristeza ainda maior a invadisse. Novamente sentiu saudades, mas agora de um tempo não vivido, de uma casa decente, de um pouco de conforto. Sentia-se merecedora disso, mas nunca lhe acontecera. Pensava o que devia ter feito na vida anterior, será que havia jogado pedra na cruz? Por que aquele deus não lhe possibilitava uma vida melhor? Não encontrava respostas, apenas um vazio doído. Passou um café aguado com o pouco pó que ainda tinha em casa, reservado para dias especiais, e se sentou. Naquele dia precisaria fazer coisas importantes. Primeiro ir à escola da filha e depois ao posto de saúde, contudo eram para lados opostos. Como ainda era cedo, planejou o contrário: iria ao posto e depois à escola. Naquele horário imaginava que teria poucas pessoas

para pegar ficha. Arrumou-se e, com dificuldade, caminhou até o posto. Chegando lá, entrou na fila, atrás de uma amiga que estava com o filho doente em seus braços. Perguntou o que havia acontecido e logo percebeu que a dor não estava apenas no seu pé. Aguardou sentada no meio-fio, intercalando o colo da criança com sua amiga, que chorava. Uma mulher passou, entregou as fichas e disse que logo seriam atendidas. Glorinha estava receosa, tensa, não só por ela. Sentia diferentes tipos de medo, na verdade. Um deles era de que o médico não chegasse, pois já houve outros dias que, mesmo com ficha, precisou ir embora sem ser atendida. Não aguentaria ficar mais um dia sequer daquele jeito. Também pensava na criança que, agora, estava em seus braços, com febre e fortes dores de cabeça. Havia escutado no jornal da televisão que algumas pessoas estavam morrendo com uma doença grave que começava assim. Será que segurar aquela criança faria dela uma pessoa que contagiaria as demais? Será que ela adoeceria do mesmo mal? Sua filha mais nova, a maior preocupação, tinha tomado as vacinas, pois o “bolsa” exigia ver a carteira de vacinação regularmente. Tentou se acalmar. Mas, logo outro e outro medo apareciam. O posto abriu, e o filho de sua amiga ganhou prioridade de atendimento, indo imediatamente aos cuidados do doutor. Já ela ficou na fila. Embora preocupada, respirou aliviada. Horas se passaram, até que a médica a chamou. Assim que entrou na sala de atendimento, o olhar penetrante da doutora fez com que ela baixasse a cabeça, sem mesmo pensar a respeito. Glorinha mostrou o pé e relatou o que havia ocorrido. Pensava que em poucos minutos já teria a receita em mãos, era só falar rapidinho, como de costume. Contudo, para a sua surpresa, a doutora queria saber sobre sua vida, sua família, seu cotidiano, queria saber justamente daquilo que doía mais profundamente. Sem perceber, Glorinha foi cedendo e falou de si, da sensação de não existir ou, mesmo, a de existir para sofrer. Relatou a dor da fome, da miséria, da solidão, das brigas. Chorou ao contar da falta de dinheiro, da falta de amparo, da falta de reconhecimento. Sentia-se sozinha no mundo, quase invisível. Mas não naquele momento. Entre suspiros, foi capaz de liberar um pouco do tanto de sofrimento preso na repetição dos dias, na vida que lhe parecia falhada. A médica de família, que ali estava, abriu espaço para contar sua vida sem a urgência que já conhecia bem, sem a recriminação temida, mas com acolhimento genuíno. A doutora não a escutava só com os ouvidos, mas com outro órgão que tornava as palavras que

compunham sua narrativa algo possível. Em muitos sentidos os acontecimentos beiravam o absurdo, contudo era preciso continuar. Glorinha não carregava nenhuma fúria em si, mas o sentimento de impotência que a marcava desde o seu nascimento. A médica, por sua vez, a compreendeu, como poucos teriam conseguido compreender até aquele momento, pois conhecia um pouco da realidade vivida na comunidade, muito mais complexa do que tudo o que vira na faculdade. Já fazia algum tempo que percebera que apenas o conhecimento científico não servia para aliviar as dores desse tipo, que são as que mais existem. No caos do lugar, das várias pessoas que ainda estavam à espera de um atendimento, a médica destinou à Glorinha uma escuta atenta e um olhar interessado, além da administração dos primeiros remédios e a recomendação de seguir o tratamento com outros comprimidos. Pela primeira vez, Glorinha tinha sido percebida como alguém em sua totalidade e, ao final da consulta, sentia-se capaz de ressignificar sua existência, ainda que por teimosa obstinação. Saiu do consultório e, aos poucos, a dor do pé foi cedendo. A médica havia lhe fornecido alguns comprimidos, caso a dor voltasse. No final do dia, passou na comadre e agradeceu o cuidado com sua filha na noite anterior. Glorinha sentia-se mais leve e isso transparecia no seu rosto e no seu jeito de falar. Dirigiu-se até a escola e procurou a orientadora, pessoa que acompanhava esses casos por lá. Mas ela não estava e, como o caso parecia urgente, falou diretamente com a diretora. Ela explicou o que estava acontecendo e toda a dificuldade para ter o que comer. A diretora sabia da realidade de seus alunos e acreditou em cada palavra dita. Contudo, a escola precisava seguir as normas que vinham de cima, explicou. A Secretária da Educação fora enfática: era preciso notificar as faltas em excesso via sistema. Glorinha deixou sua palavra que a filha não faltaria mais. Estava convicta disso. A diretora disse, então, que passaria o recado para a orientadora, se ainda houvesse tempo antes de o caso ser reportado. Glorinha suspirou fundo. Ficava sem chão só de imaginar em perder o “bolsa”. Por um momento, sentiu a dor do pé voltar e subir rapidamente para o corpo todo. Era como se um veneno fosse se espalhando e a destruindo. Disfarçou e agradeceu a atenção da diretora. Deu-lhe um forte abraço e se sentou no primeiro banco que avistou na escola. Viu as outras crianças saindo com suas mães, entre risos e brincadeiras, coisas que não conseguia mais fazer há tempos. Enxugou as tímidas lágrimas e aguardou o horário de saída da

filha para então irem para casa. Os dias seguintes não foram fáceis. Sem dinheiro e sem comida, precisou explicar a situação para a família. Ernesto prometeu, como sempre, que se esforçaria para conseguir um bico qualquer. A filha apenas abaixou a cabeça e com uma tristeza doída foi fazer o dever de casa. Glorinha sabia que o melhor para a filha era seguir estudando e faria o impossível para que isso acontecesse. Os dias foram passando. O trabalho com a carroça exigia uma força nem sempre disponível em seu corpo agora solitário nessa empreitada, a despeito da promessa do marido. Os dias chuvosos e úmidos daquele inverno, a falta de comida já conhecida, a dor existencial e uma forte gripe fizeram com que Glorinha ficasse acamada. Ernesto havia saído fazia dois dias e ainda não tinha voltado. Mas isso era o de menos. Não era a primeira vez e não seria a última. Glorinha sabia de suas idas e vindas e o que isso significava. Tolerava, como sempre. Mas agora sentia a falta de seu companheiro de vida. Sentia frios inexplicáveis, depois calorões. Seu corpo enfraquecido ardia em febre e sua filha não tinha como ajudar. Numa tentativa de deixá-la menos preocupada, pediu que fosse passar a noite daquele final de semana na casa de sua comadre, o que prontamente acatou. A menina era uma boa filha e com a graça de Deus teria um destino melhor que o seu, pensou. Em meio à tristeza e à solidão Glorinha lembrou-se do cavalo. Precisava amarrá-lo fora para que ele comesse um pouco do capim, ao menos. Enrolada em um cobertor, foi até a peça onde ele estava e, em vez de fazer o que havia pensado, precisou se sentar. Estava sem força para ficar de pé. Olhou para o cavalo e repentinamente teve a impressão de ele ter falado algo. Ficou intrigada. Perguntou o que ele havia dito, mas o cavalo não respondeu. Glorinha queria que ele tivesse falado, queria acreditar que teria um companheiro para cuidar dela, que teria alguém para dividir suas dores. Mas não tinha. Decidiu voltar para a cama e mais tarde se preocuparia com ele, planejou. Adormeceu e a febre seguiu subindo. No decorrer da madrugada, uma vertigem lhe tomou: pensamentos desordenados, algumas vozes soltas, o pastor, a diretora e a médica. Já não sabia distinguir o que era real do que era delírio. Não conseguia lembrar as ressignificações experimentadas naquele pequeno atendimento realizado no posto, uma parte do que tivera sido bom na sua vida nestes últimos tempos. Teria de fato acontecido aquele encontro? Sentia como se não pudesse mais acordar. E naquelas horas da noite não conseguira mais compreender coisa alguma, a razão

já não estava mais ali. Toda vez que um tempo novo despontava no horizonte de sua vida, alguma tempestade o soprava para outro lado. Repetições marcadas pelas ausências de um lugar social quase sempre preterido. Quem sabe a história seja outra em uma próxima primavera. Até lá, para Glorinha e sua gente, a realidade era sempre distante dos sonhos e tudo sempre ficava longe demais.

\* \* \*

**Aline Accorssi** é psicóloga e doutora em psicologia. Professora do programa de pós-graduação em educação na Universidade Federal de Pelotas, RS. Coordenadora do grupo 'Mariposas: minorias sociais, resistências e processos de transformação'.

**Anelise Fernandes Silveira** é psicóloga, especialista em gestão de pessoas e mestranda em educação na Universidade Federal de Pelotas.





## Doutor, não vês que estou sangrando?<sup>1</sup>

*Milena Camargo Barbério*

Entra com passos rápidos e traz consigo uma menina agarrada ao colo. A menina se desprende do corpo da mãe com certa resistência, ainda qualquer coisa presa permanece umbilical. A filha corre pela sala, em movimentos abruptos e incompletos, sem medida entre seu corpo e as coisas daquele lugar, esbarra na mesa e cai no chão, onde encontra um carrinho e o pega, arremessa para o alto, enquanto faz um som incompreensível. Arrasta todos os brinquedos da prateleira com o braço, da estante para o chão. Caem bonecos, carros, ambulâncias quebradas, viaturas policiais de mentira. Caem jogos, peças, bolas, ela ri, depois pega o boneco de fraldas do chão e joga na parede com toda a força que cabe em seu corpo. Tombam os pedaços no chão, a chupeta antes na boca do neném se perde. Ela então começa um choro doído e desesperado, assustada, corre para tentar juntar tudo aquilo que desmontou, mas faltam peças e o choro aumenta. Ela junta o máximo que consegue e corre para a mãe. Mas a mãe já cansada, suada daquele sol gigante que fazia naquele dia, aquele sol repetitivamente abafado que não clareava, seus pensamentos e sensações todas entardecidas sem amanhecer nenhum. Cansada de carregar a filha para cima — para baixo em transportes públicos lotados de multidões e catracas. Cansada, se irrita com a menina que tenta em pânico remendar e formar de novo o boneco, grita e a empurra, diz que não aguenta mais. A menina chora mais alto, mas não desiste, com todas as partes que consegue carregar ainda em mãos me encontra e fala alguma coisa parecida com “tia”, puxa meus braços e tenta fazer com que eu segure as partes do boneco, enquanto olha para os plásticos em sua mão, olha para mim como quem não acredita que tudo se desmontou, chora. Puxo a gaveta e o que tem é uma fita adesiva, quem sabe. Vou para o chão e a olho, o rosto derretendo em

<sup>1</sup> Alusão à FREUD: “Pai, não vês que estou queimando?” Em: Capítulo VII — A interpretação dos sonhos (v. 5, 1900- 1901).

lágrimas. Mas quanto mais passo a fita mais percebo que as partes não colam, não grudam umas nas outras de nenhum jeito. As articulações desconectas se negando ao encaixe, a menina percebe e corre até uma caixa, começa a buscar outro boneco, encontra uma boneca com cabelos desgrenhados e um dos olhos contornados com caneta azul, fazendo um círculo. Alguma criança pintou um soco, talvez retratando o rosto da mãe agredida, talvez tentando simbolizar num boneco a dor que tem que assistir cotidianamente. Ela olha aquela cara arroxeadada e a leva na direção do peito, como quem segura um bebê. Depois joga a boneca para o alto. Algum adulto tenta dar contorno a criança, chega a tentar abraçá-la, fala qualquer coisa, ela empurra o corpo muito maior que o dela com as mãozinhas fechadas e corre. A mãe começa uma sequência de gritos cada vez mais altos à medida que a filha não faz o que manda. Aproximo da mãe e me apresento. Ela me olha por um tempo, depois diz que quem sabe, pelo menos dessa vez uma “menina nova”, quem sabe. E em seguida fala que não vai funcionar, que já passou por tantos e tantos lugares que perdeu as contas já faz tempo, e mais uma vez, naquele dia quente tinha vindo, para nada, para ninguém “dar jeito nessa menina”, que por ela não adianta mais, não vai mudar nada, e olha para a filha que parece entender que a mãe fala dela, a menina pára de correr e vai até a mãe e em um pulo pendura-se em suas roupas, e mesmo com toda a desesperança a mãe me segue pelo corredor até uma sala.

A menina e a mãe, a menina abre o armário da sala pequena e a mãe grita para ela parar, segura o braço tentando conter a filha, a criança começa a gritar mais que a mãe e não pára, cada vez mais alto, a mãe me olha com olhos cansados de quem absolutamente desacredita, pega a filha. Puxa, com a força que é necessária e não é pouca, espanta os cabelos da menina colados na testa, de repente a mão abrupta desembalando a boneca, senta a menina no colo tentando fazer caber ali aquele corpo grande que nem é mais de neném, mas há que caber, medidas são só medidas, talvez seja só o tempo que passou e só passou para os outros. A filha mexe os braços e as pernas em um balanceio desconexo, reluta ao colo, a mãe abaixa a blusa e o sutiã de um dos lados, põe a mão por trás da cabeça da menina e empurra o rosto dela contra seu peito, ela então abre a boca num ruído e fecha a boca no mamilo. A agitação vai cessando até ceder a sucção sem leite, o corpo em feto sucumbe e nada mais mexe além da boca e garganta, mãe e filha aninhadas formando um só. Mas ali definitivamente não há um neném,

depois descubro que a criança tem 7 anos, muitos desses marcados por consultas médicas e equipes de saúde; 7 anos, mas o tempo só passou para os meus olhos, passado e presente são apenas tempos, invenções de calendário.

A mãe então transforma os seus gritos em atos de doçura, puxa um cântico infantil, com a voz leve e começa o ninar. Acaricia as costas do seu neném e diz a ele que já passou, já passou. Diz em voz alta que tem que ser assim para a menina parar e que não há outro jeito de ser. Segue então falando o que já tem certeza que será o destino para aquele diálogo, um tempo futuro condenado ao descrédito pelas diversas vivências em outras épocas em outros lugares, olhando fixamente, endereça a mim esta afirmação:

— Você vai me chamar de algum nome de doença mental, quem sabe minha filha seja louca também para você, depois sei que você vai dizer a um colega também doutor que minha filha é “F” qualquer número e eu sou “F” mais alguma coisa, e o caso é grave. Vai ameaçar sim, se não tomar os remédios e dar a medicação para minha filha quem sabe até uma denúncia. Vai dizer de novo que faço drama e me faço de vítima, que sou uma mãe incompetente. Eu não sei por que ainda tento e venho em outro lugar.

Em seguida pergunta se não vou chamar outros doutores, porque inclusive estive em consultas que havia vários deles. A criança levanta do colo, sai e parece ainda mais sem domínio do corpo, vai até a porta, corre pelo corredor. A mulher se levanta e fecha a porta em tom de alívio, pergunta pelo diagnóstico da menina, já deram tantos e tão diferentes, quem sabe o que você me der será outro.

Conta-me todas as falas que ela já ouviu, ela nomeia de estudantes e doutores, enfermeiros, psicólogos, médicos e tantos outros profissionais que seu caminho já encontrou. Pelo seu discurso, imagino-os entrevistando a mãe e caçando sintomas na menina, um tempo determinado de entrevista, mas de repente até menos tempo se o “paciente tiver bem orientado e for objetivo, sem choros e lamentações”, como comumente escutamos quando trabalhamos com saúde mental.

No atendimento, ela me conta que no primeiro serviço de saúde que passou ela fez uma entrevista com algumas perguntas sobre ela e a filha. Tinha muitas outras coisas que queria falar, mas quando começava a tentar dizer ela se emocionava e era cortada a fala para voltar às perguntas do papel que o doutor seguia.

— Deve ser mesmo necessário cumprir protocolos, os doutores são eles. Não é coisa que se faça chorar assim para desconhecidos.

Imagino ela aguardando na sala de eterna espera na esperança de fazerem qualquer coisa, esse quem sabe o primeiro encontro de muitos que teve com o que ela chama de doutores, ela sai do atendimento e ficam eles discutindo diagnósticos antes de chamá-la de volta para dizer o que a filha e talvez ela mesma tenha. Mas os doutores estão avaliando porque também tem estes sintomas que preenchem critério para algum outro transtorno.

Ela relata que nesta primeira consulta, feita a entrevista, quando a chamaram de volta, foi com firmeza que o doutor declarou que a criança tinha “transtorno de conduta”, “transtorno de déficit de atenção e transtorno desafiador opositor”, ela me diz que começou a chorar e não entendeu nada. Não houve tempo para mais perguntas. Tentou perguntar o porquê daquele nome, mas ele levantou da mesa e abriu a porta dizendo que era esse o transtorno, “a criança tem prejuízos graves na relação interpessoal com os pares”, mas isso para a mãe não dizia nada e ela voltou a perguntar. O doutor interrompeu, e quem perguntou agora foi ele: “Que faculdade você fez?”. Ela disse: “Nenhuma, doutor”. Ele respondeu: “Eu fiz”.

Eu e ela sentadas uma de frente para a outra, ela pergunta se eu vou cronometrar o tempo de fala e se já passou muito tempo.

— As consultas duram em média meia hora — questiona — porque aqui não duraria? São sempre o mesmo apanhado de perguntas, quando andou, sentou, falou. Sou mãe solteira sim, se foi gravidez planejada? Não. Nasceu no tempo certo? Nasceu. Tenho quantos filhos? Só ela. Ela me dando as respostas decoradas sem que eu perguntasse nada daquilo, repetindo para ela mesmas perguntas e respostas robóticas. Imagino as perguntas feitas a ela restritas e repetidas, não há tempo para ouvir o que os doutores entre eles - e até para os sujeitos - chamam de choros e dramas e atuações.

Depois em outro lugar, nos diversos trajetos em serviços de saúde, ela conta que um “doutor” disse que não era aquilo, deu outro nome, vários conselhos, deu broncas: — Onde já se viu ainda não ter tirado o peito dessa criança? — Perguntou a ela. Filha e mãe dessa vez medicadas, para a filha era necessário conter toda essa agitação, para a mãe remédio para dormir, ela olha para mim e diz que há muito tempo acorda às 3 da manhã e não dorme mais: — Sofro de insônia. E também ele me deu uns outros remédios, porque sou mesmo depressiva.

Em meio às histórias de seu percurso — e o da filha — as instituições de saúde, volta à primeira vez que, ainda quando era menina, junto com a sua mãe, foi até um lugar que diziam tratar da saúde. Recorda o tempo em que o dia nascia dentro da noite, pois era necessário correr sem luz. Corria a mãe e mais quatro filhos, ela me conta que era uma das filhas que correu do medo em tantos escuros. Quando era vital esconder-se para não ser espancada por um homem bêbado que costumavam dizer para ela que era o “pai”.

As noites em que ele saía era prenúncio que a volta carimbaria em todos eles o horror. A mãe dela rezava enquanto apanhava os filhos ainda sonolentos antes do amanhecer, a luz só podia ser da lua, para que o marido não os achasse naquele pedaço de terra. Saía com as crianças agarradas em seus braços, costas e pernas. “Pai nosso que estais no céu” conta que rezava em mais profundo silêncio. Escondiam-se todos. No início desses episódios ela era ainda muito nova, uma criança pequena, mas não levou tempo para entender que se fosse descoberto o esconderijo reinventado a cada noite bêbada, a boca da mãe sangraria até fazer nos lábios fenda, misturado com os gritos alcóolicos do pai e o cheiro de dor impregnando tudo, pregando nos olhos das crianças a impotência de ver o único elo de afeto — a mãe — sendo violentada. Seja feita a vossa vontade assim na terra.

Atrás do curral a mãe desfigurava o rosto em lágrimas, encostava o dedo na boca e pedia aos filhos um silêncio que eles entenderam ainda no desespero dessa infância que era mesmo uma súplica à vida. O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Algumas vezes, porém, não dava para fugir. Nessas vezes, eram invadidos por angústia e desespero. Depois vinha a raiva que consumia até o último pedaço do corpo. Ela então coloca seus olhos nos meus com força enquanto chora, me diz em voz alta que não há alma que sobreviva sem pesar de medo. Conta que há muito que acorda todos os dias às 3 da manhã, e ainda vestida com os olhos pesados de sono, não dorme.

Nessa época minha mãe — ela me diz — cansada de tanta violência em um impulso de coragem, foi a um posto de saúde, ou outro serviço, não me lembro. Da zona rural à cidade, uma viagem, sabe lá Deus como conseguimos chegar. Ela, a mãe que na cena era filha, me conta que chamaram a senha, sua mãe não conseguia conversar com a recepcionista, era tanto medo do que podia acontecer se ela dissesse o que tinha para contar. Com a voz rasgada de choro

tentou explicar, mas choro é uma coisa que definitivamente as pessoas não estão preparadas para escutar, e a moça da recepção abriu uma agenda e disse que era para daqui umas semanas a consulta. A mulher tenta explicar — mas eu vim de muito longe, você não imagina a dificuldade que foi. Mas agendas são agendas, e lhe disse para voltar outro dia. Nunca a justiça, nunca parou de bater, bateu até matar.

Interrompe sua história e questiona se não deu o tempo, como se mergulhasse na dor, mas tivesse que voltar e me perguntar para não afogar: — Não entendo porque não são as mesmas questões de sempre, aquelas que já sei o que digo para não vir aquela enxurrada de ordens e orientações, faça assim, não faça assim. Ou talvez eu seja mesmo bipolar como outro doutor me disse.

Puxei para minha mãe em arrumar homem que não presta — ela relata violência física e na descrição do que ocorrera os olhos chovem até trovoarem doídos de raiva.

— O abandono veio depois que fui abusada por um desconhecido. O episódio aconteceu há 7 anos — E por um momento interroga a paternidade da filha, depois diz que não é nada daquilo e que não sabe porque está falando. Vai enxugando as lágrimas como quem tem que voltar ao eixo, como quem recupera a identidade. Ela denunciando uma vida de tentativas frustradas de dizer que há muito estavam sangrando, a mãe dela, ela e agora a menina, e os coágulos e fios de sutura em forma de nomes, diagnósticos, conselhos, ordens, julgamentos, saberes e poderes que não escutam nada, não escutam nada.<sup>2</sup>

\* \* \*

**Milena Camargo Barbério** é psicóloga, formada pela UNESP (2012). Foi membro integrante da rede clínica da USP-SP (2013). Foi residente do programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Unicamp (2014 e 2015). Concluiu o primeiro ano do curso Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (2018). Atua na rede pública de Campinas, em um Caps infanto-juvenil há 4 anos; também em clínica particular.

---

<sup>2</sup> Este conto teve alterações para esta submissão, a primeira versão fez parte do trabalho de conclusão da Residência Multiprofissional em Saúde Mental da UNICAMP. É uma ficção pois condensa, em um único conto, diversas falas, fatos e condutas profissionais, ainda que a escrita esteja baseada em experiências vividas pelo autor. O conto é de autoria única. Não foi submetido a concursos e nem publicado em livro, coletânea ou revista, atendendo a norma solicitada.



## História de amor

*Andréa Amorim*

Ela queria engravidar. Na verdade, tinha dúvidas, então foi procurar o médico. Ele, o médico, tinha muitas certezas, e, ao chamá-la no corredor pelo nome, abriu a porta, a fez sentar-se e escutou atento, na medida certa da necessidade (havia outros à espera).

Ela então lançou a pergunta: “Doutor, eu quero engravidar!”

Ele então indagou: “Já tem filhos?”

Ela tinha uma filha, morava com o pai em Pernambuco. Aliás, o pai pediu pensão porque soube que ela possuía uma casa. Antes, agora não... não terminara de pagar, foi despejada, por isso estava na rua, por isso conheceu o atual companheiro. Não tinha dinheiro para ir a Recife, perdeu as duas audiências. Também não tinha advogado. O juiz a mandaria prender provavelmente: “Não pagar pensão dá cadeia, na certa!” (dizem).

O médico perguntou sobre sua saúde e qual a dúvida em relação à gravidez.

Ela disse que o companheiro tinha HIV. O médico não disse nada, mas pensou: “Que loucura querer engravidar nessa situação”, ele tinha suas certezas, convicções e pré-julgamentos...

Ele disse dos riscos e que a decisão era dela. Que a gravidez deveria ser acompanhada e tal... Ela aproveitou e pediu um medicamento para o companheiro.

“Ele não pode vir à consulta?” - perguntou o médico.

“Não, ele está preso” - disse ela, abaixando o olhar.

O médico não disse, mas pensou: “Além de HIV, está preso, que loucura”. E perguntou: “Pode-se saber por que está preso?”

Ela então explicou: “Vai ser julgado, é injusto, ele roubou, mas estava em crise, quando fica em crise, fica fora de si. Ele nem se lembra. Sempre me pergunta: ‘Por que estou aqui? Eu não fiz nada!’. Ele estava sem medicamento, quando fica sem medicamento, fica assim, andando pra lá e pra cá, sem saber direito o que está fazendo”.

“E o que ele tem?” - perguntou o médico.

“Esquizofrenia” - disse a moça.

O médico não disse nada, mas pensou: “Que absurdo querer engravidar de alguém que tem HIV, esquizofrênico e que está preso! Essa moça não tem juízo!”

O médico tinha muitas certezas em seus pensamentos.

Pediu para ver as receitas.

A moça abriu a bolsa, procurou em meio a vários papéis... “Sabe, ele sempre me escreve, o senhor quer ver?” E tirou junto com as receitas uma carta, estendeu a mão e a abriu para o médico. Ele não conteve a curiosidade. Largou a caneta, deixou as receitas sobre a mesa, encostou-se na cadeira, respirou profundamente e leu... Começava assim:

“Minha gordinha querida, você não sabe a falta que me faz. Penso em você a cada minuto. Quero agradecer pelo seu apoio e confiança. Sem isso, não sobreviveria aqui. O que me fizeram é injusto. Eu tenho esperança que logo vou sair desse lugar. Quero te abraçar e beijar muito. Não vejo a hora de voltarmos pra nossa casinha e te levar café na cama e te fazer feliz. Tenho muita saudade, meu amor. Logo estarei com você. Um grande beijo, daquele que te ama...”

O médico quis falar, mas não pôde: “Como sou estúpido!”

Talvez as certezas do médico voaram com o vento, talvez tenham escorrido pelo chão. Ele estava parado quando a moça disse: “Doutor, muito obrigada, agora eu já vou, já tomei muito do seu tempo e o senhor tem um monte de gente pra atender!”

E apertou sua mão, sorrindo.

\* \* \*

**Andrea Lúcia Torres Amorim** é médica, terapeuta comunitária, educadora popular, jongueira. Trabalhou com saúde de povos indígenas, população em situação de rua e populações vulnerabilizadas no SUS. Fez mestrado e doutorado em saúde coletiva.



## Palavra, silêncio e barulho

*Bruna de Almada Ghiorzi*

Quem atende crianças e adolescentes já sabe: é preciso inventar todos os dias novos modos de escuta e intervenção para aplicar onde o protocolo é insuficiente. Com as crianças, o malabarismo é ainda mais necessário. É ali que a gente resolve que é contadora de histórias, desenhista, cantora, cabeleireira, enfim, muito além da nossa formação original que não nos ensina de que maneira fazer as palavras surgirem quando ainda não se sabe exatamente onde dói e como dizer do problema que insiste. É nessas horas que, muitas vezes, precisamos recorrer aos adultos em volta para que nos ajudem a desvendar a linguagem que busca caminho para se expressar. Sendo assim, a primeira vez que as pessoas chegam no serviço de saúde mental para dizerem de si e das suas queixas é preciso tempo e espaço adequados para que a escuta aconteça.

Para quem chega agora é importante que saiba, o movimento desses serviços é intenso. A procura é imensa. Os técnicos sobem e descem chamando os nomes e preenchendo papéis, desviando no caminho de brinquedos, pernas e braços que correm e puxam. Telefone tocando. Barulho, quase todo o tempo. A gente se acostuma. No silêncio da sala de acolhida é que a coisa se modifica, o silêncio ocupa um lugar, intimida, faz a gente percorrer os olhos pela ficha de atendimento para começar a desfazer o mau jeito. As crianças mais falantes ajudam muito nessa hora. Entre os adultos é que o constrangimento inicial é mais intenso.

Desse modo, a gente vai travando uma batalha contra o inesperado das histórias que ouve e a rotina massacrante dos protocolos, ouvido contra papel, olhar contra caneta, vontade de segurar o tempo e de que ele passe de uma vez. Em um desses dias de agitação e barulho, eu conheci a Maria e a história dela fez com que a escuta vencesse o papel e a caneta. Ela entrou pedindo licença, cabeça baixa, meio que arrastando o menino pelo braço, daquele jeito que as mães têm de arrastar a criança que parece que o braço vai descolar do corpo. Dudu não queria entrar na sala, sabe-se lá o que uma criança de oito anos pensa que significa uma

sala branca e quase vazia daquelas. Tinha medo de injeção ou remédio amargo. Ninguém explicou direito para ele. Pois bem, Maria entrou, como entram as Marias, e, humildemente, desatou a falar o que se passava com o menino.

*“O colégio mandou a gente vir, sabe? Ele não é muito de conversar com os colegas, não gosta muito de falar”* sem fazer pausas, Maria seguiu: *“em casa, ele fica bem, fala, tem amiguinhos, brinca. É muito carinhoso comigo, sabe? Somos nós dois, ele ajuda. Não tenho do que me queixar”*.

Bem, uma mãe que não tinha do que se queixar não era algo cotidiano no serviço de saúde, mas também não muito incomum. Vulneráveis às opiniões dos especialistas, as mães costumam achar que não estão vendo aquilo que precisava ser visto. O problema é que se ela não me diz qual é a queixa, como que eu preencho o papel? Pois aí é que surge mais um dilema entre a ficha em branco e o ouvido que quer escutar mais.

Dona Maria responde às perguntas insistentes de praxe, converso longamente com ela e Dudu — que, realmente, pouco quer falar comigo — quando questiono sobre o paradeiro do pai, uma resposta acompanhada de um engasgo: *“É falecido, já, a gente era separado há tempo”*. Pausa no instante. Um olhar cúmplice me diz que aí tem coisa. Sigo a entrevista com ambos, guardando a informação do olhar de dona Maria. Falamos sobre as reações de Dudu com a morte do pai e o menino se emociona. Quem atende, também, a gente se contém — por pouco — mas fica firme. Conversamos sobre a escola, mas também falamos sobre o luto e as lembranças.

Antes de liberar os dois, peço que dona Maria se demore um pouco mais comigo pois preciso tirar algumas dúvidas enquanto Dudu conhece os brinquedos do pátio. Olho para a ficha, ainda em branco, lembro do olhar dela me dizendo que tem mais história para me contar. Fecho a porta da sala — e a ficha — e faço uma pergunta: *“Como foi que o pai do Dudu morreu?”*

Assim. Uma pergunta apenas, direta e sem meias palavras. Dona Maria suspira, se acomoda na cadeira e passa a me contar mais de dez anos de uma história de amor. Da sua história de amor. Inicia pelo primeiro encontro, o namoro, a decisão de morar juntos, as brigas. *“Ele era doente, sabe? Bebia, usava droga”* nunca foi violento com ela, diz; na rua, brigava, mas com a família não. *“Demorou pro Dudu nascer, ele tinha adoração por esse filho, eram unha e carne. Quando ele era*

*pequeno, o pai prometeu não beber mais, mas não conseguia, era doente, coitado*". As lágrimas eram discretas e o discurso não permitia pausas ou interrupções, vinha em torrente, estava esperando pela brecha da voz faz tempo. Ela contou sobre a dificuldade em que viviam e sobre o momento em que decidiu sair de casa com o menino, tinha muito medo das ameaças que a família sofria. *"Eu sei que ele gostava da gente, era um bom pai, era um bom marido pra mim quando não tava bebendo, mas se metia em confusão. Ele adorava o Dudu, carregava ele pra cima e pra baixo."*

Não demorou para que o ex-marido a procurasse após saírem de casa. Ligou, ameaçou, fez o que podia para que Maria voltasse. Nada deu certo. Foi aí que chegou o dia fatídico: *"Ele me disse pra ir lá, ia fazer uma besteira se não fosse, mas ele tava bêbado e eu tive medo. A gente nem pensa que uma coisa dessas pode acontecer, eu liguei pra mãe dele, pedi que ela fosse lá, mas ela chegou tarde, já encontrou ele morto"*. Nesse momento do relato, eu pensei que era a hora de dizer alguma coisa, alguma intervenção de psicóloga, mas ela mesma não deixou, seguiu falando com uma urgência de quem estava em silêncio há muito tempo: *"A mãe dele me culpou, sabe? Disse que eu tinha abandonado ele, que não cuidei, não quis que eu fosse nem no velório, e a gente se dava tão bem antes... agora ela nem quer ver o menino"*. Dudu e a mãe estavam apartados do restante da família, como refugiados, se abrigavam um junto ao outro, no afeto e na linguagem compartilhada entre os dois. *"Eu fui lá em seguida, falar com eles, a mãe, os irmãos, cheguei a entrar na casa. A mãe dele me entregou uma carta que ele deixou pra mim"*.

Pausa no discurso. A primeira pausa prolongada, cabeça baixa. Já não existe mais ficha, existe Dona Maria, sua história de amor, essa carta e eu, com os meus ouvidos em suspense. Com um fio de voz eu pergunto: *"E o que ele lhe dizia nessa carta?"* Ela me olha diretamente nos olhos, suspira, dá de ombros e responde que não sabe, nunca abriu. Dois anos. Dois anos de uma carta fechada. De uma mensagem que nunca foi lida. D-o-i-s a-n-o-s. *"Tenho medo, medo que ele me culpe. Eu tenho medo de palavra ruim. Eu ameí muito ele, ele também me amava e amava nosso menino. Tava doente, foi a doença que matou ele de tristeza, não fui eu. Mas, talvez, se eu tivesse ido..."*

Todas as palavras "boas" que eu pudesse falar para dona Maria não substituiriam essas palavras ruins que não foram lidas, dúvida infinita, eterna. Todas as intervenções terapêuticas naquele instante me escapavam por completo,

só me restava dar espaço para que ela, a sua história e sua dor ficassem naquela sala por um momento de silêncio. O silêncio da carta. O silêncio da sala. O silêncio de Dudu com os colegas. Ela mesma escolheu retomar a palavra: “*Sabe, talvez eu abra aquela carta ainda e eu volto aqui para contar.*” “*Volte, dona Maria, podemos ler juntas, se a senhora quiser.*” Um sorriso triste e cúmplice, Maria ainda amava aquele homem e queria que esse amor não fosse embora junto com ele.

Finalizei o atendimento com o menino e com ela, protocolarmente. Orientei, conversei. Ela me deu um abraço, quase saindo da sala. Eu fechei a porta e, por um momento, fiquei sozinha pensando no silêncio que restava antes de voltar ao barulho. Eu fiz apenas uma pergunta. Uma pergunta. Meio fora do protocolo, meio que por curiosidade pelo olhar de dona Maria, um pouco porque precisava preencher a ficha. Uma pergunta e uma história que vem aos borbotões. Tem histórias que esperam muito para serem contadas, precisam juntar as palavras, sejam elas palavras boas ou ruins. Também é preciso cavar um caminho de saída, e esse caminho é alguém que esteja disposto a ouvir, mais do que a escrever.

O problema é que no dia a dia, no sobe e desce das escadas, na gritaria do telefone e das crianças, na insistência dos papéis em branco que precisam ser preenchidos e encaminhados, às vezes não dá tempo suficiente para que as palavras sejam encontradas ou para que os ouvidos se aprontem. Mas naqueles momentos em que a gente percebe que o tempo precisa esgarçar, que tem uma história tropeçando no olhar, não dá pra deixar pra trás, tem que dar jeito de segurar o instante. Palavra é coisa forte, tem gênio, quando elas querem sair já não tem mais como controlar. Quem atende, sabe: com criança e com adulto a gente precisa só de tempo e jeito para resgatar, caçar, pescar, encontrar as palavras, uma a uma, escondidas entre o silêncio e o barulho.

\* \* \*

**Bruna de Almada Ghiorzi** é psicóloga, psicanalista e mestranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com experiência no campo das políticas públicas de saúde mental.



## Ode às Rosas

Marina Medeiros Pombo

Oi, saiam daí e venham comigo, vou lhes mostrar o local — diz a preceptora de campo. Saibam que o dia-a-dia dentro de uma Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal é intenso como sua nomenclatura denuncia, e a alta do paciente ali internado só ocorre por três vias: morte, indicação médica ou baixa social. Logo, a duração da internação na Unidade é sustentada por prematuridade e complicações de saúde física ou abandono e uso de substâncias psicoativas ilegais por parte das mães desses bebês. O período limite de internação é de vinte e um dias, sem definição clara de critérios para exceções - que ocorrem.

Durante o caminhar na Unidade, deparo-me com uma incubadora sem nome, ao olhar para dentro, é como se escutasse um leve cantar:

*— Ô seu moço, quem me nomeia me nomeia do lado de cá ou do lado de lá? Será que meu nome diz alguma coisa, seu moço, algum afeto de quem me deu ou alguma história sobre mim que eu não tenho tempo de recordar? E esses corpos aí deitadinhos em caixas quentinhas como colo de mamãe, cheios de fios e outros aparatos têm nome, seu moço, ou não existem para gente não recordar?*

*O que será que esse nome fala de sua história ou de seu corpo, seu moço? Ou é apenas algo para documentar? Os cuidadores que ali se apresentam contam histórias sobre as letrinhas que escolheram lhe chamar, será que você saberá disso, meu bebê? Um dia alguém irá lhe contar...*

Oi? Está me ouvindo? — diz a preceptora me olhando fixamente, como se quisesse me puxar para algum lugar. Ela continua: - Parece distante, preciso de sua atenção para que entenda essa burocracia toda. Então, como dizia, existem salas que dividem os bebês por gravidade ou possibilidade de alta, nessas salas enfermeiros residem, mães visitam, médicos e outros profissionais circulam. O bebê colocado em bercinho ou incubadora é identificado pelo nome, e, se ainda não o possuir, é o nome da mãe a referência escrita. Há uma sala de descanso para

os pais ou cuidadores onde alguns profissionais residentes dedicam uma ou duas horas na semana para ofertar oficinas e grupos de relaxamento.

Divido com vocês que, entre as ofertas, meu grupo dedicou-se à história de cada bebê, como uma resposta àquela voz baixinha que escutei no primeiro dia. Começamos pelo início, pela história da escolha de seus nomes por parte dos cuidadores que ali conseguiam/podiam estar. A cada história escutada sobre a nomeação do bebê, também se ouviam os discursos do jogo de identificações e afetos atrelados àqueles corpos pequenos que, no ato de nomeá-los, seus cuidadores lhe entregavam junto uma história e, assim, ali já iam tomando corpo de sujeitos cheios de narrativas, detentores de uma história para além de sua existência.

Os relatos cessam, os cuidadores se retiram, nós — residentes multiprofissionais — trocamos ideias e percepções a respeito do que poderia ser construído a partir dali. Fecho a porta da sala de convivência e, entre sorrisos das colegas e conversas nossas, recorro-me que não desliguei a luz, aviso então: - Vão indo, vou apagar a luz! Uma delas retruca rindo: - Esquecemos de novo! - Era difícil para nós apagar qualquer luz ali dentro. No retorno à tarefa de apagar a luz, olho para a ala em que ficavam os bebês que saíam da incubadora, mas não podiam ainda ter alta — por um daqueles três motivos explicados pela preceptora. Ao me aproximar de um dos corpinhos, é como se escutasse novamente aquela melodia...

*Hey! Você aí...Ô, seu moço, não chama atenção os corpinhos que sobrevivem apenas pelos aparelhos sem visitas ou mudanças de status, às vezes, sem carinho de sujeito? Seu moço, essa vida quem escolheu? A natureza ou a medicina será possível, seu moço, o questionar?*

*Ali naquelas salas, seu moço, conheci um corpo que não se mexia, não respirava sem ajuda ou coisa alguma, eu intrigava-me, isso seria um bebê, seu moço? Ou a medicina que não deixou alguns órgãos pararem de funcionar? O vi passar dos vinte e um dias ali, sem visita ou conversa, seu moço, a quem poderíamos chamar?*

Uma enfermeira corta a melodia ao me questionar se já não estava no horário do meu intervalo - os cuidados com o ponto eram extremamente importantes, apesar de ele não existir. Mas estava contando sobre? Ah! As oficinas, então: - A continuação da oficina sobre a história dos bebês se deu

através das imagens. Meu grupo se deteve em tirar fotos dos bebês no intuito de demonstrar que - mesmo ali paradinhos - eles já possuíam suas formas de expressão. Foram utilizadas algumas imagens e desenhos para criar cenários lúdicos nas fotos transportando aqueles bebês - naquelas condições - a outros lugares de significados expressos anteriormente na fala de seus pais: uma rede na praia, um show de rock no qual o pai do bebê decidiu seu nome ou a cadeira da vovó que o esperava, até bebê astronauta teve!

Expostas as fotos — com devida autorização dos cuidadores, o que necessitou de uma busca ativa dos mesmos — aqueles que por ali não apareceram - mexendo em algumas configurações das visitas já postas — os corpos foram ganhando uma vida extra a cada comentário que surgia a partir do efeito nas pessoas que por ali circulavam e se detinham frente às imagens/fotografias. Essa experiência/exposição durou o mês todo e confirmou, para o grupo, que, através do olhar e da palavra de um outro, ali se dava a construção de um sujeito, e isso por si só já alterava o como a equipe toda se direcionava aos bebês. Terminado o período de exposição, fomos retirar o papel pardo que continha as fotos e separar aquelas que foram solicitadas pelos cuidadores, quando novamente me deparei com aquela melodia que mais parecia um frio na barriga.

*Ah, é! Pergunta, seu moço, sobre aqueles corpinhos da baixa social? Algumas mães participaram, outras nem conheci, como isso, seu moço, será que isso ocorre sem preconceito? Há jeito de (re)significar? Ô, seu moço! Responde, responde! Elas - porque é sempre elas - podem não querer participar e isso faz parte da humanidade e é sobre a construção da maternidade que vocês precisam falar...*

Na última volta do dia, entre os bebês internados na UTI neonatal, devido a “baixa social” encontra-se Magali. Em poucos dias, a vida e a história dessa menina - até ali conhecida - já contemplava situações de grande ação e emoção. A mãe de Magali teve seu trabalho de parto às pressas no pátio do hospital, diz o prontuário que a mesma estava sobre efeito de substâncias psicoativas durante todo o processo de nascimento do bebê.

As condições do parto configuraram uma situação social que, pelo protocolo de cuidado e proteção da criança, gerou a saída do bebê do pátio direto

à UTI neo, onde permaneceu por baixa social - a baixa social é entendida como uma ação protetiva do hospital em relação à criança, a motivação de tal internação é a identificação de uma situação de risco avaliado segundo critérios profissionais. Essa medida impossibilita a saída do bebê com sua mãe da instituição antes de uma averiguação e tomada de decisão por parte da equipe profissional responsável. Nesse primeiro dia, a equipe que iria averiguar/acompanhar o caso de Magali era chamada e se movimentava para tal. Enquanto isso nós fomos acolher a puérpera e conversamos por um bom tempo — já contarei sobre esse episódio. No segundo dia de internação, a mãe de Magali expressa o desejo de doar o bebê para a equipe de profissionais contratados; logo, a situação do parto ou da decisão de doação não se faz livre de um julgamento moral por parte da equipe institucional há anos no mesmo local que considerava o desejo materno uma obrigação e o uso de droga como incapacitante.

*Pois é, não faça essa cara, seu moço, há muitos estudos que comprovam a capacidade de uma mãe que usa substâncias psicoativas - ilegais no nosso país — de cuidar de seu bebê. Tem gente por aí, seu moço, mostrando por A mais B que o bebê que permanece com sua mãe “usuária” tem desenvolvimento mais sadio que os abrigados. Vai! Fala, seu moço, esse monte de coisas para tirar as coisas de lugar!*

Enfim, quero contar sobre o acolhimento da mãe de Magali por parte da nossa equipe multiprofissional: fomos as quatro residentes no turno da tarde até a unidade - ela encontrava-se internada no Alojamento Conjunto (Unidade do Hospital responsável pela internação temporária das mães e seus bebês de um pós-parto sem complicações). A puérpera estava bastante sonolenta, e a imagem dela foi se construindo na nossa frente pouco a pouco, uma mulher em cima da cama, molhada e cheia de cicatrizes profundas. Esta imagem gerou um impacto e medo intensos que foi significando-se ao longo de uma conversa.

Rosa (mãe de Magali) ganhou nome e uma história longa de maus tratos. Dizia que o motivo pelo qual não iria ficar com a filha era a situação de perigo que vivia, além de não se sentir capaz de cuidá-la. Enquanto ela falava, suas palavras ressoavam fisicamente em nossos corpos, escutávamos com atenção e nossos olhos encontravam cortes e mais cortes — a maioria em processo inflamatório

- na pele daquela mulher que contava de outros cortes: cortes de vida. Falamos sobre as feridas e oferecemos cuidados que naquele momento não pôde ser aceito, pois Rosa só queria um chinelo.

Já nos despedindo, resolvemos perguntar à Rosa sobre o nome de Magali. Aquela mulher enche os olhos d'água e diz que Magali era o nome da pessoa que cuidava dela, era uma profissional do serviço de referência da assistência social (CRAS) de sua região. Despedimo-nos dela e fechamos a porta...

*Psii...Ô, seu moço, essa menina que vai parar em outro lar tem o querer de uma mãe e o registro em seu documento de um afeto potente. Será que é isso, seu moço, que vão lhe contar?*

- Rosa fugiu do hospital, sem chinelos.

*Ô, seu moço, hoje quando me recordo dessa história penso naquela moça e nesse mundo cheio de preocupação e proteção com as Magalis... Onde, seu moço, eu ponho Rosa para morar?*

Hoje, sempre que retomo esse caso penso em Rosa, nas Rosas a quem precisamos olhar...

\* \* \*

**Marina Medeiros Pombo** é psicanalista, psicóloga, especialista em saúde da criança com transversalidade em violência e vulnerabilidade pela Residência Multiprofissional do HMIPV/UFRGS e especialista em análise institucional pela UFRGS.





## As Baratas

*Marina Medeiros Pombo*

ERA FANTÁSTICO - no sentido daquilo que existe apenas em nossa imaginação, e nos recusamos a acreditar — o “experenciar” alguns territórios de saúde da cidade de Porto Alegre a pé. A residência multiprofissional tinha dessas coisas, (re)conhecer e adentrar os territórios onde vivem os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) para melhor atendê-los. Nós, residentes, nos campos de atuação das ESF (Estratégia de Saúde da Família), participávamos dos circuitos de caminhadas e intervenções dos Agentes Comunitários de Saúde. As caminhadas/itinerâncias pelos territórios mais pobres nos levavam a cenários de intensos afetos e sensações, inúmeras vezes não catalogados. Diversas vezes me vi a andarilhar por algumas ruas e becos com aquelas visitas abertas ao cemitério de Bachelor’s Grove (um cemitério no subúrbio de Chicago que ficou conhecido por relatos de aparições fantasmagóricas) - durante as quais os mortos saem de suas tumbas e contam suas histórias. É interessante o que dizem sobre o cemitério: - “Ali os mortos não descansam, mas vagueiam”.

Alguns territórios/espacos de Porto Alegre são como túneis de terror ou de escassez que denunciam a quem pode ver um descaso. É como se fossem espaços de muitos “ninguéns”. Ninguém ali vale o suficiente para ser reconhecido como sujeito. Essa experiência de itinerar e se deparar com os ninguéns colocava em nossa frente os recortes desiguais da cidade. A certeza que tivemos é de que alguns espaços são significativamente diferentes dos Parques de Diversões que parte da população Porto Alegrense habita. Sabemos que o território oferta ou recusa condições de subsistência aos seus habitantes, o que nos leva a questionar se recordamos ou conhecemos os valores cobrados pelos tíquetes de entrada... pensando nesse desconhecimento/esquecimento, assim como os mortos levantam-se das tumbas, será pela palavra escrita que uma história será contada aqui - uma caminhada - na intenção de que ela continue a itinerar pela memória de vocês.

Pelas ruas em que os pés pisam naquela tarde de verão de sol escaldante, as casas são feitas de tudo menos de chocolates e doces como as da história de João

e Maria - há papelão, plástico, lata, pedaços de madeira, um verdadeiro engendro sem fim - mas o clima para muitos desconhecidos seria parecido com a história, um perigo não iminente na possibilidade de perder-se por ali e acabar na casa da bruxa. Ali o que é provisório, na verdade, transforma-se em habitação, e os sujeitos viram personagens assustadores com facilidade aos que ali se aventuram — esse assustador faz parte do imaginário (social) do estrangeiro que está longe da realidade dos moradores.

Caminhamos no sol, no vento, na chuva, embaixo de canivetes, caminhamos como se atravessássemos parte da cidade — e realmente atravessamos. Durante o caminhar, faço um esforço físico/emocional tentando disfarçar meu não pertencimento àquele local, no entanto meu esforço é em vão, pois todos percebem meu disfarce e o fato de que não estou nem perto de viver aquela realidade — trago comigo estampados os tíquetes do parque de diversões que é meu território de moradia. Finjo não me incomodar com os cheiros fortes e as texturas diferentes que sinto, mas meu corpo os reconhece como estranhos, quase intrusos. Ao caminhar na casa dos outros, meus pés e minha consciência sabem que devo respeito aos moradores que habitam aqueles lugares — afinal, é o lar deles. Então, vou adentrando as ruas/becos/engendres com alguns pedidos de licença ao passar, alguns sorrisos sem graça, e cabeça baixa em ambientes mais íntimos. Todos esses protocolos improvisados de comportamento são, na verdade, várias tentativas de pôr em prática os ensinamentos de minha vó: -“se não gostamos que falem mal da nossa casa ou reorganizem ela sem nosso acordo, então não podemos fazer isso na casa dos outros”.

Essas palavras são recordadas com tamanho afeto que a respiração chega a apertar quando as caminhadas adentram corredores de madeira estreitíssimos — são pensões engendradas em prédios escuros que já na fachada mostram a tinta descascada a tal ponto que se torna quase inexistente, além de vidros e janelas quebrados ou feitos de buracos - labirintos com pé esquerdo baixíssimo a ponto de andarmos curvados. Esses corredores labirínticos direcionam nosso destino a espaços pequenos como banheiros de casas de classe média, diria que os espaços de moradia nessas pensões se dividem internamente como vários banheiros enfileirados. Nas ruas desses territórios, são pensões e mais pensões a possibilidade que se dá de moradia para boa parte da população. Famílias dividindo uma peça

multiuso: cozinha, quarto e sala, tudo numa coisa só. A panela fica guardada em cima do travesseiro ao lado do brinquedo do filho junto ao saco de sabão em pó enrolado sobre algum outro objeto não identificado. O barulho da madeira da escada alerta que cada passo nesses corredores deve ser lento porque parece estar prestes a desabar; o corpo treme, e os olhos identificam as estruturas cheias de desgaste e enjambre — uma realidade assustadora de moradia. E, sinceramente, o aspecto das coisas, no meu conceito de limpeza, é sujo. Faço o exercício constante de lavar meu higienismo a cada dois metros de distância.

Em uma, dentre tantas dessas portas — amarradas ou pregadas - se encontra a gestante a qual viemos visitar, demanda da ESF. Dentro de uma das pensões, então, é feita uma busca ofegante e claustrofóbica. “Cadê ela?” Era a única frase que conseguia expressar o desespero de se deparar com aquele cenário de descaso e desigualdade social. Subimos e descemos escadas como nos desenhos de Escher - escadas sem fim ou gravidade, verdadeiros labirintos infinitos. De repente, levanto a cabeça que cuidava os degraus de madeira que pisava com medo de cair e, ao olhar para frente, sinto o corpo esmagado por duas paredes feitas de madeira escura — ou escuro era o corredor? Enfim, meu corpo se molda e ando de lado para caber no espaço limitado que dá acesso ao quarto da gestante — segundo a indicação de um dos moradores do local, aquela era a direção.

De repente, vejo baratinhas minúsculas caminhando em diversas direções pela parede que me esmaga, estávamos coabitando o mesmo ambiente e era como se deslizássemos juntas por aquele espaço na tentativa de locomoção. Elas corriam tanto de cima para baixo, em diagonal e quase contornando meu corpo que pareciam desesperadas por ar, ou era eu? Quando parei de admirar aquele cenário estranho que se montou e a realidade deu lugar a um pensamento concreto, veio o nojo que logo em seguida deu lugar ao humor - numa tentativa de triunfar sobre a realidade e pensei: - Ali até as baratas necessitaram adaptar-se a condições precárias e diminuíram seu tamanho, tornaram-se minúsculas. Isso que estamos longe dos textos de Kafka — em que o personagem principal vira um inseto gigante ao acordar em um dia qualquer.

Olha! A porta! A porta! - grita uma residente/resistente — Ali na frente!

Encontramos a porta tão procurada, ela era marcada de amarelo, como indicou o morador que descreveu o caminho e amarrada por cordas não descritas.

Aquele pedaço de madeira nomeado de porta era a entrada à lacuna de duas vidas. Batemos, esperamos, batemos de novo - sempre na esperança de que alguém a abrisse -, esperamos e chamamos pelo nome da moça. Em alguns minutos (ou mais, não sei, o tempo se confunde nesses lugares/experiências intensas) de supetão um homem aparece; afobado, respirando ofegante, passando as mãos pelo rosto, olhos inchados como se tivesse sido acordado por nossas batidas e falas. Ele sai tão rápido que esbarra (tromba) em um de nós, os segundos de sua passagem só permitem questionar “gritando”:- onde está a fulana (nome da gestante)? Ele, sem olhar para trás, grita de forma objetiva enquanto veste uma camiseta: - ela ali!

Ali? Atrás da porta? Não deu tempo de perguntar. Bem, uma vez a porta aberta é nossa chance de entrar. Cabeça baixa ao passar para não bater no teto enquanto descemos esse degrau que liga o corredor em que estávamos à peça minúscula em que vive essa moça, ela está acordada, deita-se num colchão do qual não consegue levantar - oito meses de gestação, dizia o prontuário e nossos olhos visualizavam o efeito de alguma substância química pelo atordoamento e delírio: ela mal conseguia se comunicar. A técnica da Unidade de ESF que acompanhou a visita dos Agentes (e nossa) senta-se no colchão ao lado da moça e começa a tentativa de uma conversa. Tira sua pressão, procura os documentos de saúde em uma caixa de papelão e numa mesa de cabeceira quebrada que estavam ao lado do colchão, limpa o rosto da jovem com seu avental e faz vários outros cuidados que se fazem possíveis. Nós — os outros (Agentes e Residentes) — mantemos nossos olhos ocupados e curiosos, olhando para todos os lados daqueles cubículos, havia em todos os lados recortes e cortes de diversas coisas misturadas e em dado momento os olhos pararam — um desses objetos se mexe, e esse fenômeno prende a atenção de um a um como numa coreografia.

Um pote branco - desses de sorvete, sem rótulo e com tampa - mexia-se como se tivesse vida, meio que balançava em cima de umas madeiras empilhadas que continham roupas dentro, provavelmente os restos de uma cômoda. Olho aquele acontecimento — o pote mexer sozinho - e não entendo o que está acontecendo, minha memória não tem registro desse fenômeno nos arquivos para tentar arriscar uma explicação —, os Agentes Comunitários vendo aquela cena, olhos e expressões confusas e intrigadas em que me encontrava trocam olhares como se soubessem de algo que eu não sei.

Um dos profissionais se aproxima do pote de sorvete. Para isso ela passa por cima de algumas roupas embotadas no chão e se apoia nas paredes. Abre o pote e solta num lugar visível. Nesse momento, descubro onde estão as baratas de tamanho regular daquele local.

Olha para dentro do pote com atenção e repulsa, o pote continha um pouco de arroz com algo misturado que parecia ter sido algum dia um pouco de feijão - uma gosma meio verde e marrom em algumas partes do resto de arroz - garfo e baratas. O pote não parecia ter vida, ele (con)tinha vida. Sou capturada pelo pensamento de tempo/espaço: - há quanto tempo essa comida está no pote? Ela comeu isso há quanto tempo? Será que foi ela que comeu? Se comeu fez isso junto ou separado das baratas? Há quanto tempo ela não come? Não sei!

Nova consulta de pré-natal é marcada para ela na ESF, alguns cuidados são orientados, e a visita termina, saímos do quarto, daquela pensão, daquele território... O período de campo da residência na ESF termina duas semanas depois desta visita, tenho notícias tempo depois pelos colegas que estavam passando por aquele campo que em outra visita encontraram a moça em trabalho de parto. Ela foi levada ao hospital às pressas pelos agentes comunitários. Era a outra residente quem contava a notícia da forma que foi possível, porque a ambulância teria se recusado a atender. A urgência pelo atendimento hospitalar, segundo ela, foi devido ao estado adiantado do trabalho de parto. Ela relatou que a moça foi encontrada sozinha e com muita dor no quarto da pensão.

Meses após esse episódio, soube por outra colega que a moça encontrou o Agente comunitário na rua de seu território e teria contado em tom de queixa/reclamação/acusação a ele que estava gestante novamente e que, “dessa vez, o agente de saúde não iria retirar o filho dela”. A tentativa de argumento do agente comunitário a respeito do fluxo e responsabilidade de cada instituição no (não) cuidado da moça não teve efeito, mas o registro afetivo que nossas visitas fizeram na trajetória daquela mulher era clara; nós havíamos roubado seu filho.

A menina — era menina o bebê aguardado — havia nascido num hospital da região, e a equipe de saúde e assistência desse dispositivo de alta complexidade decidiu encaminhar o bebê à tutela do governo, sendo então a recém-nascida encaminhada a um lar de passagem. Foi o que soubemos ao entrarmos em contato com o hospital.

Ninguém tomou conhecimento das baratas “mutantes”/adaptadas. O prontuário hospitalar falava apenas da inexistência de familiares do bebê e do uso de substâncias químicas por parte de sua mãe, constatado durante o parto — foi o passado. A moça desmaternada contou que uma enfermeira disse ser uma menina linda que havia nascido — sua filha.

Hoje, quando falo sobre isso, todos se remetem à proteção dessa menina que nasceu, e eu, com afeto na garganta, engasgado pela realidade que a itinerância me permitiu conhecer, pergunto sobre a proteção e o cuidado que essa moça possuiu e possui aos nossos olhos. Afinal, não são apenas as baratas que diminuíram para conservarem sua possível existência frente às condições não humanas de vida construídas socialmente naquele território habitado por vários “ninguéns”.

\* \* \*

**Marina Medeiros Pombo** é psicanalista, psicóloga, especialista em saúde da criança com transversalidade em violência e vulnerabilidade pela Residência Multiprofissional do HMIPV/UFRGS e especialista em análise institucional pela UFRGS.



## De onde nascem as respostas?

*Eliane Regina Pereira*

Era segunda-feira, treze horas, de um dia qualquer de julho. Clara passou a manhã ansiosa, com seu primeiro dia de estágio. Um dia quente, como qualquer outro, afinal, nesta cidade, inverno não existia há muito tempo. Apesar do calor, seu corpo estava tomado de calafrios, Clara inteira estava tomada de calafrios. Seus pensamentos construíam castelos de desejo e medo, de certezas e inseguranças. Clara chegaria ao serviço de saúde para seu primeiro dia de aprendizado, mas sem acreditar que aprenderia algo importante. Havia sido preparada para conhecer o serviço e, quem sabe, em algum momento, pensar ações para o lugar, mas, nesse primeiro dia, apenas conheceria o serviço. Clara chegou ofegante, havia perdido o ônibus que a levaria até à porta da unidade de saúde. Ônibus que passa a cada duas horas. Clara havia sido avisada da necessidade de chegar na hora, de que estagiário responsável não se atrasa, e foi tomada por uma insegurança. Pegou o primeiro ônibus que passou e desceu três ruas antes do serviço. Chegou no ponto às 13h53min e lhe restavam apenas sete minutos para chegar no horário. Clara correu, correu muito, apesar do salto, que não era nem muito alto nem muito baixo, mas que a atrapalhou na corrida. Clara suou e sentiu medo que a tocassem e descobrissem o que considerou ser irresponsabilidade.

Clara chegou suada, descabelada, desarrumada e sentindo-se nada profissional. E, ao invés de começar as observações do serviço, ela foi observada. Primeiro foi um senhor barrigudo, com a camisa faltando o primeiro botão, de cabelos brancos e com óculos escuros que em nada combinavam com seu rosto. Clara não o conhecia e nem percebeu que ele a observava. Depois foi a enfermeira chefe, que, ao vê-la, torceu o nariz e apontou para duas mulheres que conversavam próximo à porta de um consultório. Na sequência, duas mulheres a fitaram com olhos de julgamento. Os olhos de julgamento que Clara acreditava serem externos a fizeram justificar seu atraso. Elas interromperam sua fala para avisar que saíam para uma visita domiciliar. Nesse momento, buzinaaram do estacionamento, chamando-as. O carro da prefeitura estava à espera de todas.

O carro, um fiat uno, branco, velho, com emblema da prefeitura nas laterais, era dirigido pelo homem barrigudo, que só agora Clara observava. O motorista buzinou para avisar que deveriam partir. Clara entrou no carro. Sentia seu corpo agitado, uma vez que não sabia o que esperar. Clara acompanhava a conversa no carro e entendeu que uma das mulheres era agente comunitária do bairro e, a outra, a psicóloga da unidade de saúde. As duas conversaram o trajeto todo e, Irene, uma das mulheres a serem visitadas, foi o alvo das inquietações da agente comunitária. Clara ouviu a história de Irene, ou a história que contavam sobre Irene. Clara não conhecia detalhes, mas ouvia com atenção e se perguntava: Quem define e quais são os critérios usados para determinar as casas a serem visitadas? O que teria Irene para merecer tanta preocupação? Clara se perguntou, mas não teve coragem de perguntar a elas.

Irene era uma mulher de 35 anos, separada ou abandonada pelo companheiro, como preferia contar a agente. Tinha sob sua responsabilidade uma mãe acamada e duas crianças, uma de sete e outra de nove anos. Dona Bráulia, a mãe de Irene, era a dona da casa que visitariam. Há oito anos, um AVC deixara D. Bráulia acamada, precisando de muitos cuidados. A agente comunitária contava que Irene havia relatado dificuldades para dormir, que demonstrava fazer uso excessivo de cigarro e álcool. Que se queixava de dores de cabeça e coluna. Irene descrevia uma sensação de que não tinha mais domínio sobre seus pensamentos, seus sentimentos e até seu humor. Irene narrava que sentia uma ansiedade imensa quase 24 horas por dia, o que lhe causava medo de morrer e, conseqüentemente, a deixava irritada e facilmente fora do controle. Os vizinhos haviam descrito à agente comunitária as surras que Irene dava nas crianças quando ela estava fora de si. Os pensamentos de Clara fogem do relato sobre Irene e ela se preocupa com as crianças e com a idosa acamada. Clara se questiona: Por que teriam as crianças que aguentar surras mesmo estando Irene em sofrimento? Será papel da agente comunitária ou da psicóloga denunciar ao conselho tutelar? Como está sendo cuidada essa idosa acamada se a cuidadora está tão sofrida. Clara retorna sua atenção à fala da agente comunitária, a qual continuava relatando que a cada nova visita na casa, Irene contava que precisava aumentar as doses do remédio para dormir e que desejava muito dormir. Ela ouviu, ainda, a agente contar que Irene tomava remédios para dormir há mais de cinco anos. A visita da psicóloga havia sido solicitada para uma avaliação real da

condição de Irene. Clara refletia sobre o papel da psicóloga, questionava-se sobre o que observar e quais encaminhamentos fazer. Clara se manteve atenta à história, calada, dividindo seu tempo entre a observação do trajeto e a leitura de um roteiro de entrevista para a visita, que mais parecia um diagnóstico socioeconômico. No roteiro nenhuma questão específica sobre o caso, nada relacionado à violência, nada sobre sintomas, dores, falta de sono. Nada. O roteiro angustiava Clara, que se perguntava: Como a psicóloga com esse roteiro consegue construir um olhar cuidadoso sobre Irene, sua mãe e as crianças?

O carro da prefeitura estacionou na frente do portão de Irene e imediatamente uma das vizinhas entrou em casa e fechou a porta, enquanto outras passaram a conversar. Clara imaginava que as vizinhas se questionassem sobre a presença daquele carro na casa de Irene. A casa que Clara havia forjado em sua imaginação, em nada se parecia com a casa de Irene. Quando se deparou com a casa, ficou impactada. Não parecia uma casa, mas um amontoado de pedaços de madeira, placas de sinalização e restos de diversos materiais que, juntos, formavam paredes, portas e janelas. O muro era também um amontoado de pedaços de madeira. No quintal, havia galinhas soltas convivendo aparentemente de forma harmoniosa com dois cachorros, cuja magreza já era esperada por quem observava atentamente os detalhes da arquitetura da pobreza. Clara lembrou-se das cantorias de seu pai. O pai, um simples taxista, havia na juventude sido cantor na noite, com um grupo musical chamado “O negro gato” e ele sempre cantarolava umas músicas que Clara sequer valorizava. Mas ali, na frente daquela casa, não tinha como não lembrar dele cantando: “Não tem nada não, seu doutor; Não tem nada não; Amanhã mesmo vou deixar meu barracão. Não tem nada não, seu doutor; Vou sair daqui; Pra não ouvir o ronco do trator. Pra mim não tem ‘probrema’; Em qualquer canto eu me arrumo; De qualquer jeito eu me ajeto; Depois, o que eu tenho é tão pouco; Minha mudança é tão pequena; Que cabe no bolso de trás<sup>1</sup>”.

Clara sentiu como se estivesse abandonada embaixo do viaduto e não conseguia acreditar que naquela casa moravam 2 adultos e 2 crianças. Elas chamaram e ninguém atendeu. Tornaram a chamar, ou quem sabe, por falta de campainha, a gritar. A porta se abriu e, de dentro da casa, saiu uma mulher baixa, robusta, de pele branca muito maltratada, com um rosto claramente torturado

1 Música “Despejo na Favela” de Adoniran Barbosa, 1969.

pelas rugas e que aparentava ter uns 55 anos. Irene tinha cabelos desorganizados e parecia estar acordando naquele momento. Usava roupas simples e visivelmente sujas. Assim que abriu a porta, Irene avistou o carro, quem sabe reconheceu a agente, e nem perguntou quem elas eram, apenas as chamou para entrar.

Clara caminhou junto às outras profissionais-visitantes até a porta da casa e se estaqueou na porta. Literalmente se apoiou na porta e nem tentou entrar, pois, de onde estava, era capaz de enxergar a totalidade do caos no qual viviam Irene, sua mãe e as duas crianças. De onde estava, Clara via os dois cômodos da casa. Irene parecia envergonhada, com os três pares de olhos julgadores que revelavam o pecado da sua pobreza. Na cozinha pequena, havia um fogão, uma pia, um pequeno armário e um sofá de dois lugares. No segundo cômodo, um quarto com uma cama de casal onde, possivelmente, dormiam Irene e as duas crianças e uma cama de solteiro onde permanecia acamada sua mãe. Clara olhou para a mãe de Irene que, apesar de não responder aos estímulos, parecia reagir àquela presença, com gemidos. O cheiro da casa também não era bom, ao contrário, lhe fazia pensar sobre como era difícil a vida de Irene. Clara ficou imóvel, com uma estranha vontade de chorar e com um medo que a cortava como gilete, de que o choro surgisse de fato e, com ele, fosse revelada sua inexperiência. Clara não se mexeu. Ficou ali, imóvel, com seus pensamentos e sentimentos, tentando não ver mais nada ao redor. Clara desejava saber o que fazer, como ajudar. Pensava sobre o papel dos profissionais do SUS frente a tantas outras necessidades.

Elas abriram o questionário e a conversa começou. Irene manteve-se calma, respondendo a todas as perguntas como se fosse obrigada a agradecer às profissionais-visitantes, mas com olhos distantes como se não quisesse de fato qualquer contato. Elas queriam saber sobre tudo. O roteiro parecia interminável e tão detalhado que a paralisava. Clara sentiu vontade de dividir a cama com mãe de Irene, dada a angústia que sentia das perguntas. “Quantas pessoas trabalham em casa?”, elas perguntaram. Parecia óbvia a resposta, uma vez que Irene cuidava de uma mãe e de duas crianças, todas dependiam dela quase o tempo todo. Como trabalhar, pensava Clara. Como ser responsável por algo mais além do que já parecia ser um exagero. Como pensar que alguém, naquelas condições, já não tivesse trabalho suficiente, pensava ela. Irene, calmamente respondeu que desejava trabalhar, mas não conseguia emprego e, portanto, dependia totalmente da assistência que lhe ofereciam. Irene parecia

desejar esconder quem era, não queria revelar toda a solidão. Clara refletia sobre a ineficiência do serviço oferecido até aquele momento. Refletia sobre como aquele roteiro de perguntas, tão invasivas e ineficazes, ajudariam o caso de Irene. As profissionais-visitantes pareciam não ter visto nada ao seu entorno e as condições de Irene não pareciam ser chocantes aos olhos de quem está há tempos no serviço. Clara pensava sobre elas. Clara acreditava que estar muito tempo no serviço poderia ter-lhes aberto os olhos, retirar qualquer pré-julgamento e permitir uma outra compreensão do humano. Entretanto, claramente, o tempo no serviço fechou-lhes e endureceu o olhar, encurtou os horizontes pelo medo de explorá-los e pela angústia que acompanha qualquer amplidão. Clara viu em si mesma essa encruzilhada, seu presente e seu futuro, a profissional que queria e estudava para ser e a dor de olhar, o medo de não ver. Clara interrompeu seus pensamentos e ouviu as profissionais-visitantes sugerirem que Irene procurasse uma agência de empregos ou quem sabe pudesse fazer faxinas na casa de outras famílias para melhorar a condição de vida dela e não ficar dependendo dos benefícios do governo. Irene ouviu tudo atentamente e balançava a cabeça concordando como se elas tivessem razão sobre sua vida já tão sofrida e pareceu concordar que lhe faltava um pouco de esforço para melhorar sua história. As profissionais-visitantes abriram seu questionário novamente e com a desculpa de tentar entender as condições de vida de Irene, começaram um bate bola. Quantas pessoas moram na casa? As crianças estão na escola? Em qual horário? Como está a condição de saúde das crianças? As vacinas estão em dia? Algumas perguntas escapavam ao roteiro e pareciam pura curiosidade, que Irene respondia subservientemente. O que aconteceu com sua irmã? Por que ela não cuida da própria filha? Não há nenhum parente que possa cuidar dessa criança, uma vez que você já tem sua mãe para cuidar? Clara, calada, estaqueada na porta aberta, quase saindo, ou desejando sair correndo, não sabia como ajudar Irene. Clara acreditava que as respostas já estavam estampadas em suas caras de julgamento e que nada que Irene falasse seria suficiente para agradar às profissionais-visitantes.

As perguntas continuaram e o olhar de tristeza de Irene ou os gemidos de sua mãe, no quarto ao lado, não foram suficientes para que Clara, por sorte, conseguisse não ouvir a desastrosa questão. Vocês têm banheiro em casa? Clara respondeu mentalmente, antes mesmo de Irene. Não. Elas não têm. Vocês não veem que só tem dois cômodos na casa! Irene respondeu, baixando a cabeça e

o tom de voz. Não. E como fazem as necessidades? Perguntam as profissionais-visitantes. Clara não conseguia acreditar no que ouvia. Clara se espantou com o tamanho da cruel curiosidade. Clara pensou que talvez fossem encaminhar um pedido à prefeitura para que a condição de moradia de Irene fosse alterada, mas, mesmo justificando tal ação para si, não conseguia entender a necessidade da pergunta. Clara se questionava sobre como uma agente comunitária de saúde e uma psicóloga da área de saúde podiam perguntar tais coisas. Clara lembrava de seu estágio no CRAS e do quanto aquele questionário parecia estar na política errada. Irene reagiu e se fez de surda. O silêncio de Irene não foi suficiente para calar a curiosidade e a pergunta veio em tom enfático, como quem cobra uma resposta necessária. Clara não sabia exatamente como, pensou em interferir, mas não conseguiu. A voz de Irene surgiu no silêncio absurdo dos pensamentos dela e ela ficou enojada de si mesma, por sua incapacidade de proteger alguém. Irene, com a cabeça curvada, assustada com a possibilidade de revelar a si, seus pecados, suas dores, emite um zumbido baixinho como quem semitona sem cantar, e responde: Nós usamos um penico.

Clara suspirou silenciosamente. Pensou, ótimo, elas usam penico, agora chega, vamos embora. Clara até deu um passo atrás como se convidasse a todas para sair dali. Clara, angustiada com tudo o que já havia aprendido nesse primeiro dia, pensou que havia acabado, quando ouviu um novo questionamento: Vocês fazem o quê com os dejetos feitos no penico? Clara sentiu vontade de gritar alto. Tentou entender como seus afetos atravessavam seus pensamentos, mas não entendia nada. Clara pensou que estava desaprendendo. Clara queria entender como aquelas perguntas mudavam a condição de Irene, seu sofrimento, sua dificuldade. Clara queria verdadeiramente saber para que serviria essa revelação? Como uma verdade tão absurda resolveria os problemas de Irene e sua dificuldade emocional? Clara queria entender como o fazer com que Irene contasse o tamanho da sua dor, com detalhes de tamanha crueldade, mudariam a complexidade de quem Irene era. Clara sentiu nojo da crueldade. Crueldade de quem perguntava e fazia Irene se sentir humilhada. Crueldade de quem ouvia a pergunta e não era capaz de defender Irene. Crueldade da vida injusta de uma mulher pobre, que sem condições cuida sem ser cuidada.

Irene fez de conta que não ouviu a pergunta. Não queria se revelar. Queria manter-se complexa. Tentou se calar. Parecia uma tartaruga com medo

dos predadores a se esconder dentro do casco. Mas elas insistiram e a pergunta retornou duas outras vezes em tom cada vez mais eloquente. Irene respondeu: A gente faz num saco e joga no lixo. Irene é obrigada a confessar sua desgraça, como se essa já não estivesse exposta. Como se não fosse suficientemente obscena.

O que aconteceu depois foi formalidade. Elas saíram de lá indicando a Irene uma oficina terapêutica que acontecia no CAPS da região. Irene parecia não ouvir mais nada. Lixo, foi assim que Irene se sentiu. Lixo, foi assim que Clara se sentiu. A vontade de chorar encheu os olhos de Irene de lágrimas, mas só Clara viu. A vontade de chorar embargou sua garganta já silenciada pela condição de aprendiz.

As profissionais-visitantes saíram de lá. Entraram no carro. Os comentários no carro, foram sobre a pouca limpeza da casa, a roupa suja de Irene, o quintal desorganizado, o mal cheiro. Clara era a única que pensava sobre as perguntas e respostas, sobre quem perguntou e quem respondeu, sobre porque se pergunta ou por que se responde. Clara sentia vergonha de fazer parte disso. E no meio de tantas falas sem sentido, Clara assumiu responsabilidade por seus afetos e decidiu interromper seu silêncio, questionando a crueldade. As profissionais-visitantes, com olhos odiosos, falaram da importância dos detalhes. Elas argumentavam e não entendiam a indignação de Clara. Clara se sentia cruel por não ter defendido Irene e elas estavam preocupadas em justificar que a maioria das mulheres prefere tomar remédios para dormir a ter que falar sobre suas dificuldades. Clara havia estudado muito antes de enfrentar o campo e sabia que nem todas as psicólogas ou as ACS reagiriam como essas. Sua revolta se sustentava na certeza de que Irene não esbarrou com as melhores profissionais e Clara questionava, pois acreditava que elas precisavam se ver nesse processo, abrir seus olhos para a dor e os sofrimentos reais de Irene. Clara tinha certeza de que elas não entendiam a complexidade da vida e das relações de Irene e, ela não acreditava que alguém pudesse morar naquele lugar. Um lugar como aquele era, em si, um risco considerável à saúde mental de qualquer pessoa.

Clara lembrou de novo de seu pai. Sua voz ecoava em sua cabeça e tudo que ele cantarolava agora fazia todo o sentido. “Mas eu não estou interessado, em nenhuma teoria; Em nenhuma fantasia nem no algo mais; Longe o profeta do terror, que a laranja mecânica anuncia; Amar e mudar as coisas, me interessa mais. (...) Um preto, um pobre, uma estudante, uma mulher sozinha; Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais”<sup>2</sup>.

2 Música Alucinação, Belchior, 1976.

Para Clara, ficava claro que o pecado de Irene era ter nascido pobre, ser mulher, e estar sozinha. Irene havia se transformado em uma pessoa cinza normal e, por isso, seu pecado era ser pobre, mas ninguém culpava o sistema que a fez vivenciar péssimas condições de trabalho e que inviabilizou a ela e a sua mãe uma mudança de status. Seu pecado era a sujeira da casa, mas não a falta de saneamento básico do bairro onde vivia. Seu pecado era cuidar sozinha de uma mãe e de duas crianças, mas não do homem que a abandonara, sem se responsabilizar pela filha que deixara para trás.

Quando saiu de casa naquela tarde qualquer de julho, Clara imaginava que não iria aprender muito. Mas, ao contrário, aprendeu demais. Aprendeu para a vida toda. Aprendeu que perguntas doem e algumas delas são desnecessárias. Aprendeu que algumas verdades não precisam ser ditas, para não aumentar a dor e o sofrimento de quem já sofre e precisa de acalento. Aprendeu que o desajustamento não era de Irene, mas da vida, da luta de classe e, naquela tarde de julho, do processo como a intervenção foi feita. Aprendeu que a intransigência nos procedimentos pode produzir muito sofrimento mental.

Chegaram até à Unidade de Saúde e Clara, exausta, sentindo-se um lixo, foi embora. O ônibus demorou a passar. Clara, sentada no ponto do ônibus, olhava tudo ao seu redor, mas já não via nada. Desejava ir para casa, tomar um banho e se esquecer de tudo. O ônibus chegou, estava quase vazio. Clara entrou, sentou-se no fundo, de onde via todos entrarem, mas, apesar de olhar, só enxergava mesmo a lembrança das duas profissionais-visitantes. E pensou na formação profissional dos trabalhadores da saúde, no quanto tal formação não permite a todos enxergarem a complexidade da vida, enxergarem as relações de poder que diminuem as potências, enxergarem vidas sofridas para além daquilo que naturalmente consideramos certo ou errado. Clara pensou nos salários que recebem esses profissionais, principalmente os da ponta. Pensou nas dificuldades de acesso a bons materiais, bons livros, e, fundamentalmente, em boas supervisões em serviço. Clara lembrou que algumas dessas profissionais vivem na mesma comunidade e muitas vezes se confundem com seus semelhantes. E passou a compreendê-las. Ao se afastar um pouco do caos vivido naquele dia de julho, do sofrimento intenso que carregava consigo pela vida de Irene e pela intervenção realizada, ela conseguiu compreender que, muitas vezes, sem cuidado, as

cuidadoras (profissionais-visitantes), já calejadas, decidem não sofrer e se distanciam demais do sofrimento. Clara novamente si viu em uma encruzilhada, entre o presente e o futuro, e escolheu ser igual a muitas outras profissionais que se envolvem, refletem, cuidam, e questionam suas práticas.

A visita domiciliar lhe havia feito dormir se perguntando sobre o aprendizado do dia e martelando em sua cabeça: Para que tantas perguntas? De onde nascem as respostas?

\* \* \*

*Agradecimento especial à Profa. Maria Lúcia Miranda Afonso pela leitura cuidadosa e intervenções que favoreceram a escrita.*

**Eliane Regina Pereira** é psicóloga e doutora em psicologia. Professora do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.





## Eu nasci pra ser mãe

*Barbara Correa Belamio*

Em uma tarde comum no bairro das Tamarineiras, eu fazia meu costumeiro trajeto pela rua principal em direção ao posto de saúde. Ao longe observei um pequeno aglomerado de mulheres e, conforme fui me aproximando pela calçada contrária, pude notar que a agitação atípica daquela tarde envolvia duas senhoras e uma moça com uma bebê nos braços. Aos berros mas, acomodando de maneira segura a bebê, a moça gesticulava energicamente para as duas senhoras que se afastavam lentamente da cena.

Atrás dessa mãe, sentada em frente à porta da padaria Nova Esperança, havia uma garota pequena e magra, que aparentava adolescência, com olhar determinado e os cabelos desalinhados, ela estava segurando um grande copo de café com leite. No chão, em frente à garota, havia migalhas de pão e sacos de papel rasgados. Pouco se compreendia do real motivo que levou a agitação entre as três mulheres, mas algumas palavras se faziam predominantes na fala daquela com a criança nos braços: “eu sou a mãe dela, eu sei cuidar dela”.

No estabelecimento ao lado da padaria, alguns homens fumavam na calçada e acompanhavam em silêncio a situação. Olhavam por vezes para a mulher com a bebê e em seguida, se entreolhavam com uma expressão que me parecia um certo incômodo.

Eu fazia esse trajeto diariamente para chegar até o posto de saúde, mas nunca havia visto aquela moça. Tocada com a cena que presenciei, me aproximei da padaria e entrei. Percebi que o ocorrido havia despertado em mim um desejo de saber mais sobre aquela mulher. Será que ela frequentava a Unidade de Saúde que eu trabalhava?

Após as senhoras atravessarem a rua e irem embora, a moça sentou-se ao lado da garota, na calçada bem na porta da padaria. A bebê seguia em seu colo, enrolada em um cobertor rosa, um tanto desgastado e sujo. As três se alimentaram com o copo de café com leite que estava com a filha mais velha. Me aproximei

delas e fui surpreendida por olhos negros muito bonitos e melancólicos. A moça me disse que eu poderia chamá-la de Nega e pediu que eu comprasse um café para alimentar suas filhas.

Nega estava com o corpo emagrecido, seus cabelos cacheados estavam presos, suas mãos cheias de marcas e cicatrizes e, naquele momento, notei alguns nomes tatuados em seu braço. Depois desse dia passei a conversar com ela quase todas as tardes em frente à padaria a caminho do posto de saúde.

Para ela, seus filhos eram a sua maior motivação de vida. Falava deles com orgulho, por vezes com raiva do comportamento do terceiro filho, mas sempre com preocupação e carinho. Tinha, ao todo, cinco filhos: duas meninas, uma de 16 e outra de 13, dois meninos um de 9 e um de 5 e a bebê de 9 meses. O filho de nove, Rodrigo, era para Nega o que mais gerava inquietação: ela o descrevia como um menino esperto, agitado e muito bem articulado. Na comunidade onde viviam, o moleque era conhecido por todos e começou desde muito novo a se envolver com o tráfico local.

Rodrigo levava um baseado pra cá, uma farinha pra lá, e assim, segundo a mãe, ele iniciou o consumo de algumas dessas substâncias. Envolveu-se algumas vezes em brigas locais devido a pequenos furtos que cometeu, mas sempre foi protegido por Nega, que sabia, mesmo sem ele contar, de todos os seus passos.

Nega sempre falava desse filho de forma aflita, com um tom de preocupação, até que um dia, lá no posto de saúde em que eu trabalhava, enquanto aguardávamos o médico chamar Nega para a consulta, ela lembrou que também foi assim quando criança, muito parecida com o filho. Ela me disse que quando tinha a mesma idade de Rodrigo, sofreu violência sexual por parte de um tio, fugiu de casa e começou a trabalhar junto ao tráfico - única possibilidade que achava viável para si, desse modo, conheceu algumas drogas, fez pequenos roubos, passou pela FEBEM<sup>1</sup> algumas vezes e se envolveu com companheiros violentos.

Certa vez, durante uma visita domiciliar que eu e a equipe de saúde fizemos a Nega, ela nos contou, em voz baixa, que todos os dias ia até a porta da Nova Esperança para se alimentar, e também aos filhos e depois atravessava a linha de trem que ficava no final da rua principal. Prossegui dizendo que lá, depois da linha do trem, era onde suas dores podiam ser levadas, uma por uma,

---

1 Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor: Instituição ligada ao Governo de São Paulo, sua função é executar as medidas socioeducativas aplicadas aos adolescentes infratores.

pela fumaça do crack. É como se todas as dores e marcas que Nega carregava dentro de si se tornassem a própria fumaça do crack, navegando leves e livres pelo ar, deixando seu peito confortado.

Nesse dia ela marejou os olhos d'água e me mostrou um machucado na mão, contou que foi do dia em que se perfurou com o cachimbo. O dia em que se sentiu tão exausta de precisar da pedra diariamente, que resolveu marcar o próprio corpo e, assim, perfurou a mão com raiva:

— Tem coisas que são difíceis de aguentar limpa.

Filha de pais falecidos, com o corpo marcado pelas duras lutas que travou na vida, Nega nunca perdeu o hábito de visitar semanalmente o irmão mais velho. Alegrava-se em ver os sobrinhos e passava horas com a pequena sobrinha no colo. Ela ama crianças. Um dia, me convidou para acompanhá-la na casa de seu irmão e, enquanto segurava a criança, me disse:

— Eu nasci para ser mãe.

Poucos dias depois, eu soube pelos donos da Nova Esperança, que os filhos de Nega haviam sido levados a um abrigo pelo Conselho Tutelar e que ela havia reagido muito mal: foi até a porta do Conselho e ameaçou colocar fogo em tudo. Naquele momento me lembrei de nossas conversas; e da frase que ela havia me dito na visita à casa de seu irmão. Ela nasceu para ser mãe, como estará se sentindo agora?

Fiquei dias sem ver Nega. Perguntava aos vizinhos e eles sempre respondiam com frases similares, como se todos tivessem um pacto silencioso que se concretizava por meio de um discurso evasivo e frio:

— É uma drogada, ela é perigosa, melhor nem procurá-la. Nunca ligou pros filhos mesmo.

Minha busca foi em vão. Algumas semanas se passaram e em uma tarde, eu e a equipe fomos até a casa de Nega. Ao encontrar a casa vazia, fiquei uns minutos sentada em frente ao local, a porta estava toda quebrada; e havia muitos objetos aglomerados dentro e fora da casa. Estava olhando para essa cena sem conseguir concluir qualquer raciocínio, mas me mantinha esperançosa quanto a ter notícias sobre o paradeiro daquela mulher. Em determinado momento, fui surpreendida por um menino pequeno, magro, de olhos atentos e cabelos negros que me diz:

— Está procurando minha mãe? Ela não está aí.

O menino continuou caminhando sem me responder seu nome e nem olhar para trás. Ao perdê-lo de vista, desci pelas vielas da comunidade e segui caminho em direção ao posto de saúde, em um lampejo de esperança, me dirigi à padaria. Os funcionários me disseram que Nega havia aparecido na noite passada, mas estava mais magra e com semblante entristecido.

Passados alguns dias, no final de uma tarde a encontrei na porta da Nova Esperança, estava encolhida e chorou ao me reconhecer. Sentei-me do seu lado e ela me contou sobre a dor de estar longe dos filhos. Sentia muita falta da bebê. As duas meninas e o filho mais velho haviam fugido do abrigo em que estavam acolhidos. As meninas foram morar com uma tia distante e o Rodrigo, que sempre foi o grande centro das suas preocupações, estava cada vez mais envolvido com o uso de drogas. Já fazia cerca de três dias que ela não o via.

O corpo de Nega doía, seus ossos estavam mais aparentes e seu olhar transmitia um vazio. Sua fala ágil e desenrolada era agora mansa e cadenciada. A alma de Nega doía. Me mostrou a tatuagem no braço com o nome dos filhos e chorou pedindo minha ajuda.

Naquela madrugada, Nega havia feito uso de muitos tipos de drogas, disse-me que sentou na linha do trem e desejou com toda sua alma que sua vida fosse interrompida. Lembrou-se dos filhos e de sua própria infância. Relembrou das surras que levou do pai de seus filhos e sentiu-se ingênua ao pensar que um dia acreditou que ele fosse diferente dos outros. Suas memórias a levaram para a cela da FEBEM e, quase que nitidamente, pôde ouvir naquele momento a voz de uma de suas companheiras de cela dizendo: “tem homens que são como o lobo mau: parecem bons, mas, na verdade, seus olhos, orelhas e bocas só estão esperando o momento certo para te abocanhar”. Sua cabeça girava a mil por hora. Seu corpo doía. Num impulso sem racionalidade levantou-se da linha do trem. Jogou-se no chão a cerca de uns 100 metros de distância e chorou como criança.

Pensou nas filhas: não gostaria que elas passassem pelo mesmo que passou.

Pensou nos filhos: não gostaria que eles passassem pelo mesmo que passou.

Lembrou-se de sua bebê e do quanto sempre desejou ser mãe.

Naquela tarde estendi minha mão para Nega, falei sobre o quanto eu me importava com sua história e o quanto eu gostaria de vê-la com

saúde para retomar a guarda dos filhos e cuidar deles novamente. Disse que acreditava que ela era uma boa mãe e que, se ela me permitisse, eu gostaria de ajudá-la. Ofereci de irmos até o posto de saúde para que ela fizesse uma consulta e ela aceitou. Durante a consulta, com os olhos fixos na mesa do médico, ela me disse:

— Sei que preciso me tratar, mas preciso achar o Rodrigo. Tenho antes que saber onde ele está. Ele só obedece a mim!

Passei vários dias buscando informações de Rodrigo. Encontrava Nega na padaria, agora conversávamos bem menos, ela estava sempre chorosa e retraída.

Essa rotina se repetia, ela era resistente a qualquer proposta de cuidado enquanto não achasse o filho, até que numa quinta-feira, dentro do posto de saúde, ouvi gritos e alguém bateu em minha porta afoito:

— Você precisa vir, essa mulher está aqui e ela vai matar esse menino!

Saí da sala, sem muito compreender, quando vi Nega no corredor segurando Rodrigo pelos cabelos e o ameaçando com um extintor velho. Ela gritava que ele precisava, imediatamente, voltar ao abrigo e ficar com os irmãos. Ele respondia que a odiava e pedia para que o soltasse. Tentei me aproximar, mas logo Rodrigo fugiu correndo pelos corredores e sumindo pelas ruas.

Nega chorou.

Cinco dias depois desse ocorrido, tive a notícia de que Rodrigo havia ido ao Conselho Tutelar e pedido para voltar ao abrigo. O Conselho tomou as devidas providências.

Contei a Nega em frente à padaria, ela repetiu algumas vezes a pergunta:

— Ele voltou ao abrigo?

Depois seguiu chorosa e entristecida, comprei um café com leite, e ela o segurou sentada na calçada, encolhida, com os olhos tristonhos. Me pediu que a levasse ao Centro de Atenção Psicossocial de Tamarineiras, agora que seu filho havia regressado ao abrigo, podia enfim cuidar de si. Assim foi feito.

Nega já estava há 15 dias na hospitalidade noturna do Centro de Atenção Psicossocial quando, numa terça-feira, fui mais uma vez visitá-la. Seus cabelos cacheados estavam soltos e bem lavados, seus olhos estavam um pouco mais vívidos e ela sorriu ao me contar sobre os amigos que fez na oficina de artesanato. Levou-me para o quarto aonde dormia e então, encheu os olhos d'água ao dizer:

— Olho para essas camas e lembro dos meus filhos. Lembro da minha bebê. Tudo o que sempre quis dar a eles foi uma cama, um fogão, uma casa limpa. Tudo aqui me faz lembrar deles!

Duas semanas depois dessa visita eu soube pelo Conselho Tutelar que Rodrigo havia fugido do abrigo novamente. O menino estava jurado de morte no território por ter se envolvido em um roubo local. Ninguém sabia nada sobre seu paradeiro. Os dias se passaram e ninguém tinha notícias de Rodrigo, toda a rede sócio assistencial de Tamarineiras havia sido comunicada. Nega se sentia devastada, passou a desinvestir em seu tratamento e recorria ao crack para aliviar sua dor.

A Vara da Infância nos informou que devido à gravidade da situação dessa família, havia um processo de destituição do poder familiar sendo tramitado. Nega poderia perder completamente o direito de exercer a maternidade.

Nunca mais a vi na porta da Nova Esperança e sua casa estava sempre vazia. Eu sabia que agora ela passava a maior parte de seu tempo do outro lado da linha do trem. Os moradores do bairro continuavam afirmando que Nega nunca foi capaz de ser mãe e um silêncio de tom incômodo pairava no ar quando eu perguntava sobre ela.

Ainda não encontraram Rodrigo. Há poucos dias eu soube que o filho mais novo de Nega disse no abrigo que deseja um novo pai e uma nova mãe.

Não posso afirmar, mas talvez Nega tenha sentido que falhou em impedir que os filhos passassem por dores como as suas, falhou em protegê-los, e entendendo o quanto isso a feriu ainda mais. Sinto que ela desejava fazer por eles o que ninguém nunca fez por ela, nutrindo assim uma esperança silenciosa de poder romper com esse ciclo de violências. Eu ainda não desisti de encontrá-la novamente, acredito em amanhã melhores, apesar de sua ausência sigo discutindo a situação de seus filhos nas reuniões da rede intersetorial e todas as tardes, no caminho para o posto de saúde, olho atenta à porta da padaria como um gesto de esperança e cumplicidade.

\* \* \*

**Barbara Correa Belamio** é psicóloga, Mestranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela Santa Casa de São Paulo. Trabalha no campo da Saúde Pública há cerca de oito anos.



## Encontros & desencantos

Seiko Nomiya  
Ernande Valentin do Prado

### Lisa

Eu fumo crack porque eu gosto, porque eu fico feliz (sorrindo). Fiquei grávida do meu primeiro filho com 16 anos... Meu companheiro me batia muito, por isso saí da casa daquele cretino (longa pausa).

Moro com meu pai porque as mulér do Conselho falaram que não daria pra tirar meu filho da Casa de Passagem se eu continuasse morando com um agressor, isso que elas falaram, agressor, aquele cretino (rosto corado, com saliva no canto da boca, com raiva).

Fiquei sem a pedra por oito meses porque precisava tirar meu filho daquele lugar... Aquelas mulér não cuidavam direito dele, eu briguei com todo mundo lá, e falaram que eu era uma louca drogada... O juiz falou que se eu não tratasse do vício eu ia ficar sem meu filho, e disse que eu tinha de trabalhar (olhar distante).

Meu Deus! (chorando). Eu nasci pra ser uma rainha! Olha minhas mãos! Não era pra mim trabalhar! Eu nasci para ser uma rainha (chorando muito)... Mas eu comprei pão e vou levar pro meu pai. Quer um? (rindo)

— Não, Lisa, leva para vocês tomarem café, respondeu Sara, a enfermeira da Unidade de Saúde.

— Ainda bem, assim sobra mais prá nós! (gargalhando). Me dá um abraço! Eu te adoro! (beija e abraça a enfermeira e sai dançando porta afora).

### Armandinho

— Bom dia, enfermeira, como vai? Hoje eu preciso de um curativo no ombro, gostaria que você fizesse, por favor (entram dois rapazes armados, um se posiciona na porta do consultório e outro na janela. Armandinho entra e senta na maca).

— Eu levei um tiro ontem à noite, fui para o hospital e me deram uns pontos. Preciso de curativo porque está sangrando. O esparadrapo soltou e ficou feio.

— Você é muito gentil, enfermeira, tem uma mão boa para curativo, não estou nem sentindo dor. Ontem, no hospital, a pessoa me machucou, depois que tirou a bala e fez os pontos, me machucou. Mas você não, você é delicada, cuidadosa. Eu gosto (sorrindo e levantando a sobrançelha esquerda).

— Essa semana eu venho aqui no mesmo horário todos os dias. E só você vai me atender, sozinha, aqui nesse consultório. Com meus camaradas, só por segurança (sorrindo).

— Até amanhã no mesmo horário, enfermeira. Sozinha.

## Nilza

Meu nome não é Maria, mas colocaram assim na indentidade. Eu perdi meus documentos. Acho que colocaram Maria porque era o nome da minha mãe, só que eu tenho outro nome, esse que tá escrito ali depois, do lado (apontando no documento).

Eu bebi muito quando era nova, eu bebi muito. Eu bebi muito e não criei meus filhos. Dei um pra uma vizinha, outro pra uma prima, outro pra uma conhecida e eu tive nove filhos. Nenhum viveu comigo porque eu bebia muito (olhar distante).

Eu tenho um pobrema de tiróide, fico zozna, enjoada, com dor nas pernas, tive até ataque e fiquei baixada no hospital. O Clésio me trouxe porque ele disse que eu tremia, que eu tinha uma cor estranha, e ia ter outro ataque. A dotora, ela brigou comigo, falou que os eixame não tinha melhorado. Tem uns dois anos que faço o tratamento e não melhora.

— Como a senhora toma os remédios, dona Nilza? Perguntou enfermeira Sara.

— Dois de manhã que a dotora pediu.

— Esses remédios a senhora precisa tomar mais comprimidos porque a dose é menor. Então, esse da caixa azul a senhora toma quatro pela manhã... A senhora sabe ler?

— Não, mas o Clésio que olha prá mim porque ele também não sabe ler, mas ele sabe ler os números.

— Então, vou fazer um desenho e separar os comprimidos para a senhora. Na próxima semana, quando a senhora pegar mais remédios, me traz aqui para eu olhar a dose e ver quantos precisa tomar por dia, tá bom?

— Tá bom, minha filha, eu vou trazer todos os papel que eu tenho lá em casa pra senhora olhar e os remédios também (sorrindo). Eu tenho uns remédios que não sei pra que serve (rindo).

— E um montão de papel que não serve prá nada e tá lá, atirado no armário ocupando espaço, deve de ser um monte de lixo! Gritou seu Clésio lá do corredor.

Quatro meses depois.

— Trouxe um presente pra senhora, uma bolsa de palha com uma flor bem bonita! Tá usada, mas dá pra senhora sair passear com ela (sorrindo).

## Jussara

— Boa tarde, Jussara, tudo bem?

— Tudo bem (sisuda, escondendo a barriga).

— Fiquei sabendo que você está grávida.

(silêncio, rindo baixo, desdenhando, balançando a cabeça)

— Jussara, você precisa fazer o pré-natal.

(silêncio, desviando o olhar, desconfiada)

— Eu vou te esperar no posto mais tarde, pode ser?

— Eu trabalho até de manhã, Sara, você sabe, os clientes chegam lá pela meia noite, só termino o serviço pelas seis.

— Então, eu te espero de manhã.

— Eu não vou, as pessoas têm nojo de mim, me olham de canto de olho (fazendo careta). E eu durmo de manhã pra trabalhar de noite.

— Que horas você quer ir? Senão eu venho te ver, você sabe.

— Não! Se a patroa souber ela me mata! (arregalando os olhos) Eu vou lá no posto, mas só posso ir pelas seis e meia.

— Combinado, eu te espero às seis e meia!

— Mas o posto só abre oito horas... (sorrindo com o canto da boca)

— Mas eu tenho a chave e aviso o segurança que vou te atender antes do posto abrir.

Cinco dias depois.

— Quando estou com o cliente, sinto um pouco de dor na barriga. Eles pedem pra gente não usar camisinha, pagam o dobro e daí a gente precisa de dinheiro e aceita. Mas eles fazem com força e eu tô sentindo dor aqui embaixo (passando a mão na barriga). Será que o bebê está com dor? E esse barulho? É o coraçãozinho dele, é?

— Sim, Jussara, é o coraçãozinho do teu bebê!  
(silêncio, chorando muito)

Cinco meses depois.

— Eu decidi ir embora pra minha cidade. Eu liguei pra minha mãe, tinha uns dois anos que não falava com ela. Contei que ela ia ter um neto e ela ficou feliz, sabe. Nem pensei que ela ficaria, mas ela ficou e pediu pra eu voltar pra casa. Ela vai me ajudar a cuidar do meu filho. Vou embora amanhã (chorando).

## Gelson

Eu perdi o emprego e fiquei desesperado. Daí meu patrão tinha uma arma em casa e eu sabia. Peguei e botei duas balas na cabeça. Abri a boca e atirei. Os médicos falaram que eu só tinha uma bala, que não dava para atirar duas vezes, mas eu atirei duas vezes.

Depois que eu acordei da cirurgia, eu não enxergava direito, achei que tinha morrido, mas uma moça veio tirar minha pressão e minha temperatura (rindo).

Agora eu vim aqui para fazer o curativo. Eu meti duas balas e só perdi uma parte da visão. Desse olho eu enxergo bem (apontando o olho esquerdo). Só que desse olho eu enxergo pouco (apontando o olho direito). Acho que a bala pegou nele.

Agora eu não penso em fazer de novo. Acho que não tá na minha hora.

## Paulinha

Eu vim aqui hoje porque eu quero me tratar. Eu sou viciada. Eu cheiro desde meus quinze anos. E já tô com trinta e dois. Já usei de tudo, baseado, pinga, pedra, pó e cola, mas meu problema mesmo, mesmo, mesmo... É a branquinha! (rindo).

Meu padrasto me estuprou quando eu tinha nove anos. E me bateu. Muito. Mas minha mãe achou que era minha culpa porque eu era saidinha. Ela também me batia, daí eu apanhava dos dois. Eu tenho marca aqui, ó, de bituca de cigarro (mostrando as coxas com vários sinais de queimadura).

Todo mundo ficou sabendo que eu tinha sido estuprada e meu namorado disse que a gente já podia transar porque eu não era mais virgem. Eu não queria, mas ele disse que eu já tinha sido arrombada uma vez, então, podia fazer. Hoje eu penso, né, ele me estuprava, porque eu não queria e ele fazia mesmo assim (olhos cheios de lágrimas).

Eu fiquei grávida desse namorado e na escola todo mundo ria de mim, eu tinha treze anos. Faziam gestos e falavam palavrão, falavam que eu era uma chupadora, os guris me chamavam de fácil, de piranha. Minha mãe não me defendia, ela falava que a culpa era minha.

O meu namorado começou a me bater quando ele chegava bêbado em casa. Ele falava que eu tinha que apanhar, que eu merecia apanhar (fazendo gestos com as mãos).

Meu filho quis morar com a vó dele quando fez nove anos. Eu fiquei sozinha. Daí eu conheci o José Antônio, ele era traficante e me dava as drogas que eu queria. Ele me dava roupas novas e me dava a cocaína. Eu só tinha que fazer o que ele mandava e eu nunca podia sair de casa e nem ter celular.

Um dia o José Antônio foi preso, mas ele fugiu. Tá foragido até hoje. Eu fiquei sem as drogas porque eu não tinha dinheiro pra comprar. Tive que sair da casa dele. Daí eu comecei a me prostituir porque senão eu ficava sem nada.

Agora tô aqui, na tua frente! (rindo)

Dez dias depois.

— Gente, viram a notícia ontem à noite? Encontraram o corpo da Paulinha...

## Shyanne

Enfermeira, tô com vergonha de dizer, mas tem uma coisa ali embaixo que tá me incomodando. Eu sinto dor quando vou, sabe, fazer aquilo (agitando repetidamente as mãos sobrepostas) com meu marido, mas não tenho coragem de

dizer pra ele que tá doendo.

Ele não gosta que eu faça aquele exame de preservativo do câncer, sabe? Eu só fiz uma vez e ele brigou comigo, disse que não era pra ninguém olhar minha perereca. Eu já expliquei que era um exame pra não ter câncer, mas ele fala que não tem essas coisas. Eu falei que era a enfermeira que fazia, mulher, mas não adiantou, daí não fiz mais.

— Tem uma camisinha enrolada lá no fundo, eu vou tirar bem devagar para você não sentir dor, tá bem? Já está saindo, falou enfermeira Sara, calmamente.

— Esse cheiro forte é meu???

\* \* \*

**Seiko Nomiya** é enfermeira, especialista em Gestão de Redes de Atenção à Saúde e mestre em Saúde Pública. Servidora pública da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e colaboradora do Coletivo Série SUS.

**Ernande Valentin do Prado** é enfermeiro, sanitarista, mestre em Educação e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da ENSP/FIOCRUZ. Educador Popular, trabalha na Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP/PB). Membro do Coletivo Série SUS e do Blog Rua Balsa das 10.



## O território que nos habita

*Ernande Valentin do Prado*

*Seiko Nomiyama*

### Antes

Na Unidade, quatro equipes da Estratégia Saúde da Família atendiam todos os dias. Naquele horário estava lotada de mulheres acompanhando filhos, maridos, parentes e até sozinhas. Pessoas com suas melhores roupas (roupas de ver Deus), outros com roupas de trabalho. Havia quem estava ali depois de uma noite inteira de labuta e quem ainda iria trabalhar depois do atendimento, geralmente em obras, casas de família e pequenos biscates no próprio bairro.

Crianças corriam fugidas do controle das mães, homens preocupados com o tempo esfregavam as mãos, coçavam a cabeça, iam até a porta para fumar, no pé da escada de acesso, junto com trabalhadores de jaleco branco. Uma nuvem azul de fumaça subia espantando as muriçocas.

Na recepção duas mulheres se revezavam dando informações, sempre insuficientes, sempre menores e sempre piores do que as pessoas precisavam, enquanto procuravam prontuários, checavam e respondiam mensagens no celular, simplesmente virando as costas para as pessoas, como se apenas seu tempo fosse sagrado.

— Não é comigo, senhor...

— Seu exame ainda não chegou...

— Não sei dizer que hora a médica chega, senhora...

— Passe amanhã, hoje não tem nada agendado, mas amanhã chega outro malote...

— Senhor, isso pode demorar mais de um ano para agendar, senhor...

— Não posso fazer nada...

— Só gestantes hoje, não sabe ler senhor, é o que tá escrito aí, ó, tá vendo?

Tem 20 anos que é assim...

O homem não foi notado, no meio de todos os outros personagens igualmente invisíveis, até que tirou da bolsa de pano, dessas do supermercado O

MAIS BARATEIRO, um revólver velho, quase enferrujado, calibre 22, uma merda de arma que poderia explodir em sua cara.

Não explodiu.

Puxou o gatilho seis vezes, até esgotar a munição.

Acertou Raquel, a agente comunitária de saúde, Teresinha, a médica, e Rose, a enfermeira. As três entravam na Unidade, vindas da visita domiciliar que foram fazer logo cedo, antes de entrar no prédio e começar o expediente do dia, antes do sol ficar quente demais.

As três morreram na hora. Outras pessoas ficaram feridas, sem muita gravidade: um menino de oito anos, que passou correndo de bicicleta na porta da Unidade de Saúde da Família, o segurança, que fumava ao pé da escada, além da coordenadora do serviço, que também fumava. Fumava muito e ironicamente talvez tenha se salvado por estar fumando na hora dos disparos.

Os tiros causaram o impensável: o silêncio. Terminou a algazarra do meio da manhã. As crianças correram para o colo das mães, idosos levaram as mãos no peito e alguns até se jogaram ao chão. Foi como se o tempo parasse. O atirador foi embora caminhando, sem pressa, deixando a arma descarregada no chão borrado de sangue.

## Cotidiano

Os ônibus para o bairro paravam em frente ao Shopping e lotavam em poucos minutos. Ela subia ali e descia no ponto que ficava na praça, em frente à Unidade de Saúde. Estava se acostumando com o aperto, depois de sessenta dias fazendo o mesmo trajeto.

Os passageiros, naquele horário, geralmente eram trabalhadores braçais, vendedoras de lojas, atendentes de todo tipo, caixas de supermercado, empregadas domésticas, muitas empregadas domésticas. Eram tantas, que até as empregadas domésticas pareciam ter empregadas domésticas.

Ela colocava o fone nas orelhas, mas não ligava, ficava ouvindo a conversa das mulheres, que contavam seus problemas e alegrias, suas vidas tão comuns e ao mesmo tempo extraordinárias.

Os passageiros fingiam não ter certeza de que viajavam no ônibus mais velho entre os ônibus mais velhos da cidade. Faltava estofamento nas poltronas,

as portas não fechavam direito, as campainhas quase nunca funcionavam. Uma vez ela pegou um ônibus que estava com uma janela quebrada e chovia em seu interior. Uma mulher chegou a abrir um guarda-chuva lá dentro.

Talvez esses ônibus fossem como as coisas velhas que as patroas deixam para as empregadas e seus filhos, afinal de contas, empregadas domésticas e seus filhos estão acostumados a ficar com o que sobra. Era nisso que ia pensando ela, enquanto fingia ouvir música em seu fone de ouvido desligado.

### Se seu pai pudesse escolher, você acha que o filho seria você?

No vídeo, repassado de grupo em grupo, publicado e republicado nas redes (anti) sociais, um bando de moleques sem rosto, com dinheiro suficiente para pagar uma faculdade particular, marchavam pela rua com apoio de um carro de som, gritando:

— “Ô Enfermeiro, vai se foder, somos os filhos que seus pais queriam ter”.

— *Será que precisa repassar?*

Pensou ela, desligando o vídeo e voltando a ouvir as mulheres conversando.

### Será que interpretou direito?

— Qual a idade de Gustavo?

— Um ano e seis meses.

Respondeu a mãe, sem disfarçar o sorriso de orgulho nos lábios. Afinal, seu menino era lindo. A cara do pai, achava ela.

— Tem vacinas atrasadas há mais de um ano, Dona Simone.

Disse Teresinha e fez uma pausa, para que a mulher pudesse explicar a razão de não ter vacinado o filho.

— Raquel tem visitado sua casa?

Concluiu Teresinha, voltando a olhar imediatamente a carteirinha de vacinas ao perceber o susto no rosto de Dona Simone.

— *Será que interpretei direito?*

Entender todas aquelas anotações, prazos e implicações da carteirinha da vacina, sempre foi um desafio grande para Teresinha. Levou anos para ter tudo na memória e cada vez que acreditava ter finalmente conseguido, uma nova

vacina era introduzida ou mudava-se a dose, a via de administração. Era tanto detalhezinho que a deixava confusa e com a sensação de que nunca seria capaz de entender tudo sem a ajuda de Raquel e de Rose.

Estava perdida nestes pensamentos quando foi despertada pela mãe do menino:

— A pediatra me disse pra não vacinar se Gustavo estivesse com febre e lá na rua tem muita poeira. O menino tá sempre gripado, tossindo e com febre.

## Sem o arredondamento

— A pressão tá 185x113, Seu Agenor.

Disse Rose, já se perguntando se o homem entenderia a sutileza da pressão exata, sem o arredondamento costumeiro, que aprendeu ser errado logo no primeiro ano de faculdade de enfermagem.

— É por isso que Raquel me mandou falar com a senhora.

Respondeu Seu Agenor, sem surpreender-se, pois sabia que a sua pressão estava alta.

— Estou vendo aqui no prontuário que a médica já está te acompanhando, já passou as medicações...

Seu Agenor não disse nada. Ficou esfregando as mãos com a cabeça baixa.

— ... já orientou a dieta, os exercícios.

Disse Rose, tirando os olhos do prontuário e passando a estudar a face de Seu Agenor para entender o que ele realmente queria. De fato, Rose já conhecia o caso. Raquel tinha soprado toda a história dele em seu ouvido dias antes. Agora era entender se Seu Agenor estava pronto para aceitar qual era verdadeiramente o problema que fazia sua pressão subir tanto e não ser controlada pela medicação.

— Em que o senhor acha que eu posso ajudar, Seu Agenor?

O homem sentado à frente de Rose, tinha um rosto sério, queimado de sol, cabelos grisalhos. Aparentava o cansaço de seus 52 anos e, apesar dos ombros flexionados, da cabeça baixa e da tristeza nos olhos, nada nele conseguia esconder completamente o homem forte e disposto que era. Nada mesmo. Isso era surpreendente em Seu Agenor e em quase todas as pessoas que Rose atendia diariamente em sua sala cuidadosamente “decorada para receber visitas importantes”, como dizia Teresinha.

— A pressão não baixa. Comecei com captopril, depois foi hidroclorotiazida, agora anlodipino e essa pressão continua subindo. Por isso vim falar com a senhora.

Rose, logo no primeiro dia de trabalho, quando lhe designaram o consultório, colocou uma cortina de chita bem colorida na janela, um vaso com flores, bonecas e outros brinquedos em cima do armário. Na mesa sempre tinha uma jarra com água e copos de vidro: “não se serve visitas importantes com copo de plástico”, dizia.

Apesar de todos os cuidados que tinha com a decoração, a maior mudança que fez foi empurrar a mesa para o canto da sala e colocar as cadeiras diante dela. Por isso, agora estava sentada de frente para Seu Agenor e pode segurar suas mãos ao perceber que era o momento. Então disse:

— Seu Agenor, tem alguma coisa que ainda não me contou. Tá vendo essa pressão aqui: 185? É alguma coisa que está te incomodando muito, inclusive enquanto a gente está conversando.

Apontou Rose, o valor da pressão em uma carteirinha de acompanhamento.

— Pode me contar o que é, se não puder ser agora, eu espero até o senhor poder falar...

O homem não esperou. Levantou a cabeça e começou a falar:

— Eu estava aposentado, o INSS cortou minha aposentadoria, tive que voltar a trabalhar, mas não tô conseguindo emprego. Tenho 52 anos e...

## Colírio

— *Se eu chorasse mais...*

Pensou, tentando disfarçar os olhos cheios de lágrima, na frente da estudante.

— *... talvez precisasse menos de colírio. Mas nem sempre consigo.*

Lembrou que na semana anterior uma estagiária chorara em sua frente, após um atendimento muito difícil.

— *A professora disse mais de uma vez, quando eu era estudante: não se envolva com os casos dos pacientes.*

Até hoje não conseguia não se envolver. De verdade nunca nem tentara não se envolver. Acreditava que o cuidado só acontece no envolvimento com o outro, com suas dores e alegrias.

— Eu vou...

Disse Rose, ouvindo a necessidade da mulher, mas muito mais ouvindo seu próprio coração.

— *Ainda é cedo...*

Tentou se convencer de que daria tempo.

— ... eu vou, e de lá sigo para casa. Acho que fazendo assim consigo chegar a tempo no casamento de minha irmã.

Rose se sentia culpada por pensar no casamento da irmã, no vestido chique de madrinha, na festa que viria depois. Ela era assim, comprometida com um ideal de solidariedade exacerbado, poderiam dizer alguns. A mulher a sua frente, com o filho paraplégico em casa e com a sonda vesical entupida, agradeceu, disse que ela era um anjo, que ia orar por ela, que estava constrangida em lhe pedir esse favor, em um dia tão importante, mas já tinha falado com as outras enfermeiras, com os médicos e ninguém queria atender.

— Não precisa agradecer, Dona Constância. É o meu trabalho.

— Sei, minha filha, mas ele nem mora na sua área, além disso, é o casamento de sua irmã, nem sei por que veio trabalhar hoje. Deve ser Deus que te mandou.

Dona Constância falou com a enfermeira e com o médico de sua área de saúde da família e explicou a situação. Eles se entreolharam, um disse que estava muito ocupado, que tinha dez gestantes para atender, o outro que tinha que sair mais cedo para viajar, já que o dia seguinte seria feriado.

Quando insistiu, a mulher de meia idade, pele clara, cabelos curtos e descuidados, ouviu que deveria deixar o filho morrer:

— É o que bandido merece, dona!

Ela não respondeu. Sabia que o filho não era nenhum santo, que talvez até merecesse o sofrimento que estava passando, *mas era seu filho*.

Uma lágrima rolou da face, engoliu seu orgulho e continuou insistindo, mas os profissionais viraram as costas e seguiram pelo corredor, lhe deixando falar para as paredes de pintura desbotada.

— Bandido não merece viver, nem ser visitado. Foi o que me disseram, minha filha.

Disse a mulher e começou a chorar abertamente.

Teresinha não gostava de se meter em casos complicados como esse, afinal seus colegas médicos, todos eles, até o da equipe que atendia a área de adstrição, recusaram atender a usuária, mas ficou comovida, muito mais com a disponibilidade de Rose, do que pela história contada por Dona Constância. Sabia por experiência própria que nem todas as histórias tristes contadas pelas pessoas eram totalmente verdades. Sentia na nuca o frio do ar condicionado lhe arrepiar os cabelos e a cabeça doer mais do que o normal.

— Posso me meter na conversa de vocês?

Disse ela, abandonando a neutralidade.

—... mulher, vá para o casamento de sua irmã,  
disse olhando para Rose.

— vá que eu cuido do filho de Dona Constância.

Rose ficou calada um instante, olhando para Teresinha, querendo perguntar se ela sabia trocar sonda vesical, mas não teve coragem. Talvez até ofendesse a colega. Teresinha conhecia muito bem Rose, apesar do pouco tempo que trabalhavam juntas e adiantou-se à dúvida da enfermeira:

— Pode ficar tranquila, Rose, eu sei trocar sonda. Não se lembra que já fiz plantão em pronto socorro?

Em seguida olhou para Dona Constância e disse:

— Onde a senhora mora?

Rose uma vez mais se sentiu culpada por ter dúvidas sobre aquela visita, que era tão importante para aquela mãe. Ao mesmo tempo pensou na irmã, no seu dia especial e no quanto gostaria de estar com ela. Deixou Teresinha ir. Apenas disse:

— Chame Raquel para ir com você.

## Paciência

São dez e quinze. A recepção ainda está cheia de gente esperando. O médico está duas horas e meia atrasado. Ninguém ainda perdeu a paciência.

— *Por que será?*

Talvez saibam que quando chegar o atendimento, vai começar e terminar em menos de meia hora. Talvez saibam que perder a paciência não vai mudar nada. Amanhã ele vai atrasar de novo.

## Cinco minutos ou nem isso

Por volta das seis e meia, as mulheres começaram a chegar para o exame citológico de câncer de colo de útero. Por volta das sete e quinze a técnica de enfermagem começou a chamar cada uma das mulheres para preencher as fichas. Depois, ansiosas, elas começaram a conversar, enquanto esperavam a enfermeira chegar.

Falavam sem parar, até se atropelavam. As vozes cada vez mais altas para se sobressaírem na algazarra matinal da Unidade.

Por volta das nove horas e trinta minutos a enfermeira da equipe 2 chegou. Passou pelo meio da roda das mulheres sem dizer nada. Cara fechada, apressada, foi direto para o consultório de enfermagem.

— Essa é a enfermeira nova?

Perguntou uma das mulheres e a outra respondeu:

— É.

— Deve ser muito boa,

disse com um sorriso forçado e nervoso na boca, e continuou falando:

—... viu a cara dela? Nem bom dia sabe falar.

Algumas mulheres riram. Outras tentaram rir, disfarçar o constrangimento.

A primeira mulher foi chamada. Levantou-se e foi. Saiu em menos de dez minutos, entrou outra. A mulher mais falante do que todas as outras, disse:

— Tá vendo como o atendimento é bom? Cinco minutos ou nem isso.

As mulheres foram entrando e saindo, uma após a outra.

— Fez o exame de mama também?

— Não, ela não faz.

— O que deu no exame?

— Inflamação, só isso.

— Só? Ela não falou mais nada, não explicou?

— Nada mais, só inflamação. Ela não é de falar muito, nem disse do tratamento.

Uma das usuárias, depois de ouvir a conversa, começou a contar que uma vez pagou consulta com uma ginecologista particular.

— Ela explicou tudo.

Frisou a mulher, admirada. E continuou explicando para as outras:

— ... eu queria fazer uma ultrassonografia transvaginal, que minhas irmãs todas já tinham feito e eu queria fazer também. Mas ela disse que eu não precisava, que até poderia pedir, se eu quisesse, mas que era jogar dinheiro fora.

Antes das onze horas a enfermeira atendeu seu telefone, enquanto ainda atendia a última mulher agendada naquela manhã. Disse, em um momento de atenção genuína, olhando a usuária no rosto:

— Só um minuto.

Levantou-se, pegou a bolsa, falando ao telefone:

— Já chego aí, estou no PSF ainda...

Saiu da sala, como se pudesse ter esquecido que estava falando com Suely, a mulher que pela primeira vez, aos 48 anos, fazia o exame nas partes. Ela começara a contar que sentia fortes dores no pé da barriga e que estava sangrando mais do que o normal naquele mês. Queria saber da enfermeira se precisava de algum cuidado especial, de alguma pomada. Ficou olhando ela ir embora, como se ela nem ali estivesse, imaginando-se tão desimportante que fora até esquecida com a frase no meio da garganta. A porta bateu nas costas da profissional de saúde. Suely pensando que o melhor era trabalhar mais e pagar um plano de saúde.

Ao sair, passou pela Coordenadora da UBS no pé da escada. Ela continuava fumando e Suely pensou:

— *Quando eu cheguei essa mulher estava fumando, eu tô saindo e ela continua fumando no mesmo lugarzinho.*

## As três mulheres

— Eles fazem o que podem.

Disse Raquel, olhando a família inteira em cima de uma moto: o pai com a menina de três anos sobre o tanque de combustível, a mãe com a recém-nascida no colo, na garupa. Eles partiram, saindo do estacionamento, na parte de trás da Unidade de Saúde.

Rose voltou para o consultório, ainda não havia chegado a pessoa agendada para as dez horas. Atender com hora marcada irritava os colegas.

— Se você atende com hora marcada, as pessoas vão ficar comparando.

Foi o que disseram, em uma reunião de equipe.

Rose e Teresinha eram das poucas profissionais, se não as únicas, a atender com hora marcada, coisa que os colegas abominavam. Passavam o dia na Unidade, não chegavam atrasadas, não saíam antes, talvez por isso atender assim não era problema. Tinham horror a ter alguém esperando, filas de gente, como acontecia com os colegas.

Raquel era pontual, começava e terminava suas tarefas na hora. A partir das oito e meia começava a rotina de visitas, para não correr o risco de acordar ninguém cedo demais. Cada uma das famílias moradoras de sua microárea recebia ao menos uma visita por mês, mas tinham aquelas que ela visitava mais vezes.

— Depende da necessidade e da disponibilidade do morador.

Dizia para os alunos em estágio na Unidade de Saúde.

Rose com frequência discutia e terminava seus relacionamentos por ser exigente, inclusive com as amigas. Não se lembrava de alguma vez que deixou um namorado esperando, com frequência era ela quem os esperava. Isso a deixava frustrada, com uma sensação permanente de não ser prioridade.

Com a proximidade do casamento da irmã mais nova, pensamentos invasivos começavam a acusar Rose de alguma negligência com sua vida pessoal. Olhou as mensagens no celular só para ter certeza de que ninguém sentia sua falta. Ao menos foi nisso que pensou: nada.

No corredor viu Marina caminhando lentamente, as pernas bem abertas e o barrigão na frente. Caminhou até ela, abraçou e disse:

— Que bom que chegou.

Marina, já sabendo que Rose era exigente com horários, defendeu-se instintivamente:

— Não tô atrasada, não!

— Eu sei...

—... eu que estou adiantada hoje.

Raquel era agente comunitária de saúde há quase vinte anos. Fez o concurso aos 39 anos, logo depois que a filha nasceu. À época esbanjava um sorriso encantador que sempre deixava os infelizes com inveja. Era a própria imagem da gestante feliz, apesar de toda situação que vivia.

Separou-se do marido depois de 18 anos de casamento, logo no início da gestação. Não sabia exatamente como iria ser sua vida, só sabia que estava fazendo

o que queria e ter uma filha era o seu mais profundo desejo.

Até ali havia priorizado seu casamento, esperado a hora certa para ter a filha, como falava o companheiro. Hora certa que nunca chegou, ao menos ao lado dele. Quanto à Raquel, bem, essa era a hora certa dela. Não só para ela ter um filho, mas para sair de um relacionamento no qual dava mais do que podia e recebia menos do que oferecia.

A filha de Raquel nasceu, ela fez o concurso e foi ser a mais feliz das agentes comunitárias de saúde, como dizia.

Teresinha não gostava de se aborrecer, de acumular preocupações, principalmente as desnecessárias. Não se prendia demais às formalidades, aos rótulos. Aceitava bem que nunca seria a médica idealizada pelas colegas, pela família. Neste momento de sua vida, apenas se incomodava com as colegas que não a estimavam e para quem precisava ficar o tempo todo explicando o porquê fez isso ou aquilo, o porquê atendia com hora marcada, o porquê cumpria sua carga horária semanal com rigor, o porquê não fazia plantões para ganhar mais.

Quando saía do trabalho, Teresinha procurava desligar-se das preocupações e concentrar-se apenas nos três filhos, no marido, no seu cachorro e no jardim que cuidava pacientemente, plantando, tirando o mato, adubando.

### Ah se eu fumasse!

— Veja só o interesse das mulheres! É perda de tempo fazer ações educativas.

Disse Magnólia, a enfermeira mais antiga da Unidade de Saúde. Falou em pé, talvez para impor autoridade entre os colegas, muitos deles que balançaram a cabeça concordando.

Naquela semana do aleitamento materno, as equipes da Unidade integrada foram incumbidas, pelo Distrito Sanitário, a promover um encontro com gestantes e mulheres amamentando. O planejamento foi feito na reunião de equipe, na qual apareciam basicamente os agentes de saúde e os técnicos de enfermagem. Dia de reunião era, na melhor das hipóteses, o dia de falta justificada ao trabalho.

Primeiro que a maioria das pessoas foi contra a reunião. Depois, como era uma imposição do Distrito, concordaram em fazer uma reunião em que

só deveriam ser convidadas as mulheres que faziam o pré-natal e as mães que estivessem amamentando. Eram poucas, não mais do que dez, considerando a área das quatro equipes. Ficou combinado que mulheres de áreas descobertas não seriam convidadas. A reunião seria às 14 horas, período em que era provável que essas mulheres estivessem no trabalho, lembrou Raquel.

— Quem tem interesse em saber mais e cuidar melhor do próprio filho, Raquel, dá um jeito.

— Amamentação é assunto que interessa para todo mundo, por que não chamar todo mundo, mães, pais, tios, quem quiser vir?

Sugeriu Rose. Só Teresinha e Raquel concordaram com ela e ficou pactuado que só as gestantes seriam convidadas individualmente pelos ACS.

— Só não convidem a barraqueira, que ninguém merece confusão.

Acrescentou Magnólia.

Do Núcleo de Apoio veio uma fisioterapeuta capacitada em atividades educativas e explicou para as duas mulheres que durante a gestação deve-se comer muito alimento com potássio, e amamentar sempre na posição correta.

— Qual a posição correta?

Perguntou a menina de 16 anos, com um barrigão já denunciando que sua hora estava chegando.

A fisioterapeuta, talvez por não dominar o assunto, talvez por convicção, talvez pelo susto de perceber que as pessoas perguntam, disse:

— A posição correta é aquela que o médico vai te ensinar. Fale com o médico...

Rose ficou irritada e não conseguiu disfarçar seu desconforto com a fala da fisioterapeuta.

Um profissional após o outro se revezou para ditar regras de como as mulheres deveriam amamentar, um usando palavras mais difíceis do que o outro, talvez para mostrar aos outros colegas que dominavam o linguajar profissional, talvez apenas para tentar disfarçar a própria ignorância.

Raquel pensou, impaciente:

— *Se eu fumasse, sairia agora.*

Ficou com a cara amarrada, sem coragem de falar nada, para não explodir com as colegas na frente das duas usuárias.

## Não foi da boca pra fora

À tarde, Raquel, Teresinha e Rose, entraram na Unidade de Saúde, vinham de uma reunião na comunidade conhecida como Sapolândia. Carregavam duas bolsas com equipamentos que usaram no encontro.

Ao entrar, a primeira coisa que notaram foi que a recepção ainda estava cheia de gente aguardando o atendimento médico.

Raquel perguntou para Seu Ramos, o segurança, porque ainda tinha tanta gente esperando.

— Dr. Dowglas chegou mais atrasado do que de costume hoje.

Rose achava espantosa a paciência daquelas pessoas. A maioria estava ali há mais de três, quatro horas aguardando, sem quebrar nada, sem xingar ninguém, sem criar confusão. Isso era espantoso demais, principalmente porque Dr. Dowglas chegava atrasado quase todos os dias e quase todos os dias as pessoas esperavam, esperavam e esperavam.

Eram três filas de cadeiras, uma atrás da outra, como em uma sala de aula. As pessoas estavam caladas, talvez porque já tinham falado tudo o que tinham para falar e agora só pareciam aborrecidas, irritadas, tristes pela própria desimportância.

Rose ficou olhando com pena aqueles rostos quase desconhecidos.

Na primeira cadeira, da direita para esquerda, tinha uma mulher de meia idade, cabelos pretos, na altura dos ombros, amarrado tipo rabo de cavalo. Usava um vestido estampado, bolinhas brancas, tinha uma bolsa pequena atravessada no peito, olhos inexpressivos, como se a espera tivesse sugado sua vontade, até de ficar irritada.

Segunda cadeira, adolescente de uns quinze anos, cabelos muito pretos, lisos, amarrados com um laço em si mesmo. Usava roupa totalmente preta, um short curto, camiseta, chinelos, olhos que procuravam detalhes em toda parte, agitados, indo de um lado para o outro.

Terceira cadeira, outra adolescente, uns treze anos, cabelos pretos soltos na altura da cintura. Vestia saia curta rosa e blusa amarela, sandálias brancas, rugas na testa, como se estivesse preocupada com alguma coisa.

Quarta cadeira, da segunda fila, mulher de uns quarenta e cinco anos, cabelos pintados em tom amarelo, preso como rabo de cavalo, presilhas nas

laterais. Usava blusa branca, calça jeans, sandálias fechadas, rosto sério, olhando para o nada.

Quinta cadeira da segunda fila, mulher de uns vinte e cinco anos, pele clara, talvez até fosse palidez, cabelos pintados, amarrados no alto da cabeça. Usava uma blusa vermelha, saia preta, nos pés um chinelo de dedo de borracha, cabeça abaixada, talvez olhando os pés.

Sexta cadeira, da segunda fila, homem de uns trinta e cinco anos, cabelos curtos, tipo corte militar, barba de uns dois dias sem fazer. Camiseta do Fortaleza Esporte Clube, bermuda, chinelo de dedo, olhar fixo na tela do celular.

Sétima cadeira, da terceira fila, outro homem, talvez uns cinquenta anos, cabelos curtos. Usava boné, camiseta tipo polo, listrada, calça jeans escura, chinelos de dedo de couro, com fone de ouvido, olhar em outra dimensão, rosto descontraído, talvez pela música.

Oitava cadeira da terceira fila, outra adolescente de uns dezesseis anos, cabelos pretos de molinhas pequenas, rosto com espinhas. Usava camiseta da escola, tênis, a mochila ainda nas costas, olhos sérios, parecia bater os pés no chão...

Rose estava neste transe, observando as pessoas na recepção, parecia enxergar as histórias de vida estampadas nos rostos cansados daquelas pessoas que um dia, em solenidade no Centro de Convenções, jurou cuidar.

— *E não foi da boca pra fora...*

Pensou Rose e quase falou alto. Só não falou porque o homem de costas, em pé próximo ao banheiro, segurando uma bolsa de pano do supermercado O MAIS BARATEIRO, chamou sua atenção. Não chegou a ver seu rosto, afinal ele estava de costas, mas teve a impressão de que não veria seu rosto mesmo que estivesse de frente. Como se ele não tivesse rosto, como se fosse apenas mais um anônimo na recepção lotada ou porque sentiu uma leve vertigem, as pernas bambearem e a visão escurecer por um segundo. E sentiu a mão de Raquel ampará-la.

— Você está bem?

— Não foi nada, disse Rose.

— ... acho que minha glicose caiu um pouco. Muito tempo sem comer, mas estou bem.

Ainda tentou buscar o homem da sacola com os olhos, mas não o viu mais. Sentou-se um pouco desconcertada.

— *Qual a importância disso?*

Pegou-se incomodada com a visão daquele homem, sem entender a razão, afinal, nem o viu de verdade.

— Você viu aquele homem com uma sacola de supermercado?

— Que homem?

Perguntou Raquel, procurando entre as pessoas.

— Estava ali perto da porta do banheiro, de costas, não viu?

— Não.

Estavam as duas, Rose e Raquel, procurando pelo homem na recepção, quando chegou Teresinha voltando de sua sala.

— Onde a gente se encontra amanhã, para fazer aquela visita, antes de vir para a Unidade?

\* \* \*

**Ernande Valentin do Prado** é enfermeiro, sanitarista, mestre em Educação e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da ENSP/FIOCRUZ. Educador Popular, trabalha na Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP/PB). Membro do Coletivo Série SUS e do Blog Rua Balsa das 10.

**Seiko Nomiyama** é enfermeira, especialista em Gestão de Redes de Atenção à Saúde e mestre em Saúde Pública. Servidora pública da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e colaboradora do Coletivo Série SUS.





## Morrer não deve ser fácil

*Arthur Fernandes*

“É uma casinha onde vão cuidar melhor dele”, disse o doutor. É verdade que não tenho muita cultura, mas senti confiança nele. Era o meu pai que estava doente, e os médicos disseram que, nessa tal “casinha”, ele poderia melhorar. Então fomos, sem pestanejar.

Engraçado que parecia uma casinha, mesmo. Ficava no 1º andar, sobre a capela do hospital. Para chegar até lá, precisamos passar por outras enfermarias. Tinha uma de “Clínica médica”. Meu pai já se internou numa dessas antes, logo no começo, quando a gente ainda não sabia da doença dele. Os médicos de lá ficavam em cima dele o tempo todo, fazendo exames, botando aqueles aparelhos, tirando sangue... Foi uma luta para descobrir qual era a doença dele. Até que descobriram: era um tumor.

Em seguida, passamos pela enfermaria de “Oncologia”. Foi nessa que o meu pai se internou por último. Já faz uns quatro meses. Diziam que, apesar de ser uma doença horrível, o câncer conseguia abrir mais portas para as pessoas, porque tem muito dinheiro envolvido, mesmo no SUS, e o Brasil tem lei sobre esse tipo de tratamento.

Depois que descobrimos o tumor no fígado, foi tudo muito rápido. Tão rápido que dava tontura. Meu pai logo ficou amarelo, todo amarelo, mesmo, e tinha muita dor na barriga. Não comia e não dormia por causa da dor, e as fezes ficaram diferentes, brancas. Foi um aperreio só durante os 20 dias que ele ficou nessa enfermaria. Porém, até deu para melhorar um pouquinho, então voltamos para casa com ele.

Os médicos marcaram uma consulta de retorno, um mês adiante, para começar o tratamento do tumor com soro na veia, mas esse mês foi sofrido demais, demorado demais. Até hoje, a gente não sabe se foi por causa do SUS, porque o hospital, na nossa cidade, não tinha remédio nem exames, ou se era a doença que era muito feroz, mesmo. Meu pai só piorou em casa. Parou de comer de novo, continuava muito amarelo, as dores retornaram e ele estava cada vez mais fraco. Até olhar para ele dava uma angústia no peito. Era só couro e osso.

No final do corredor, viramos e chegamos à “Casa dos Cuidados Paliativos”. O tempo lá funcionava meio diferente. Era estranho. Nos outros lugares do hospital, o tempo estava sempre correndo, sempre. Era médico, enfermeira, estudante... Muita gente fazendo muitas coisas o tempo todo e muito rápido. Dava até uma agonia no coração da gente. Era um aperreio só, mas eu acabava achando bom, porque pensava que conseguiriam ajudar mais o meu pai, que ele ia ter mais chances, que a gente ia curtir ele mais um pouquinho. Mas não era assim que funcionava, e eu só fui entender isso na “casinha”.

Lá, o tempo do relógio era igual, mas as pessoas eram diferentes. Não viviam atarantadas, apressadas. Quando alguém vinha falar com a gente — e muita gente vinha: médico, enfermeira, fisioterapeuta, nutricionista, terapeuta ocupacional, psicóloga, farmacêutica... até dentista! —, era com calma. Isso também me dava um aperto no peito, porque, às vezes, eu queria que fizessem tudo rápido, que ajudassem o meu pai e que ele melhorasse logo para que a gente voltasse para casa. Mas cuidados paliativos são um tipo de tratamento muito diferente. Aprendi, na “casinha”, que eles não servem só para pessoas com câncer, mas também para outros tipos de doenças. É quando a gente aceita que a doença grave é como um boi brabo e que não adianta lutar contra ele, porque a gente só vai se ferir. Quando a gente entende isso, começa a prestar mais atenção nas coisas importantes, que podem incomodar a pessoa que sofre com a enfermidade. No caso do meu pai, eram a dor e o enjoo.

Meu pai era um homem muito simples, do interior, agricultor. “Bicho do mato”, ele dizia, mas era muito sabido e fazia questão de me ensinar as coisas que aprendeu, a muito custo, com a vida. Meu pai sabia que não tinha sido fácil para ele e que, mesmo querendo, não tinha conseguido uma vida tão boa para mim quanto ele gostaria, mas, ainda assim, fazia questão de me passar suas sabedorias, como se quisesse aliviar as pancadas que a vida poderia me dar. Foi ele mesmo que me deu a lição mais importante da minha vida, justamente na última noite da sua vida. O resto eu aprendi com a lembrança dele, tempos depois, e com a lembrança das pessoas na “casinha”.

Era uma lição sobre o tempo, da qual eu me lembro como se fosse hoje. Meu pai ainda teimava em fazer algumas coisas e se cuidar mesmo estando fraco. Eu já lhe ajudava a comer, trocava suas fraldas e lhe ajudava a vestir a roupa, mas ele insistia em se esfregar um pouco durante o banho e a pentear os cabelos. A

gente usava sabonete daqueles de bebê, sem cheiro, para ele ficar menos enjoado. Ele tinha um cabelinho ralo, bem lisinho, que sempre soltava três ou quatro fios a cada passada do pente. Nessa noite, um dia antes de morrer, durante o banho, ele estava com o olhar perdido, olhando para o nada. Não sei o que se passava na cabeça dele. Se não estivesse tão sério, eu teria feito uma brincadeira, perguntado se estava pensando na “morte da bezerra”, mas preferi ficar quieto. Ele não quis se esfregar dessa vez nem passar o pente nos cabelos quando eu ofereci.

Terminei de arrumar as suas coisas e me sentei ao seu lado na cama, prestando atenção nele: a respiração estava mais pesada, sofrida, mas sem angústia, e, no rosto, dava para ver as marcas dos ossos embaixo da pele fininha, meio tingida de amarelo. Eu pensava: “É, meu velho, você é um guerreiro, viu...”. Ele segurou minha mão com a sua, bem magrinha, já sem calos, porque não conseguia pegar na enxada há muitos meses, e abriu os olhos. Eu também sou meio bicho do mato, mas já ouvi que “os olhos são o espelho da alma”. Acho que foi isso que vi nos olhos do meu pai naquela hora. Era bonito e triste ao mesmo tempo: bonito porque era o meu pai e ele era o meu exemplo e orgulho, e triste porque eu entendi, naquela hora, que ele sabia que ia morrer e que não ia demorar. Foi com esse olhar que o meu velho me deu esta lição:

Não faz pouco tempo, meu filho, e a gente estava nesta mesma situação, só que eu é quem lhe dava banho. Olhava você brincando na água e pensava em como você cresceria, como arranjaría uma mulher boa e teria filhos, e seria um homem de bem, trabalhador e honesto. E eu estava crente de que ia ter todo o tempo do mundo para ver isso acontecer, mas não tive. Esse tempo mudou, para mim, desde que essa enfermidade me afetou. Eu queria lhe pedir desculpas, porque não vou poder ver você fazer algumas dessas coisas. Mesmo assim, você já fez o mais importante: crescer para ser um homem bom. Eu queria lhe agradecer também, meu filho, porque esse é o maior presente que um homem pode receber na vida: a certeza de que criou um filho para o bem. Isso ninguém me tira, nem a morte. E eu sei que eu vou morrer. Você também sabe. A gente só não sabe quando...

Meu pai me disse tudo isso a muito custo e ficou cansado no final. Eu, que não tinha palavras, fiz a única coisa que me ocorreu: lhe dei um “xêro” na testa,

como ele fazia comigo. Foi um “xêro” demorado, que as lágrimas teimaram em molhar. Vi que ele deu um sorriso pequenininho depois, já com os olhos fechados e o rosto mais tranquilo, e logo pegou no sono. Ele não tinha dor nem a falta de ar lhe incomodava muito, porque o pessoal da “casinha” tinha lhe dado remédios para isso. Também não podia comer, mas me explicaram que era o melhor, porque ele realmente não tinha fome e o alimento poderia lhe trazer desconforto. Eu não queria que nada judiasse do meu pai nesses últimos momentos.

Sua última noite foi assim, calma, até a madrugada, quando ele faleceu. Graças a Deus, foi rápido e ele não sofreu muito. Ele não falava, mas seu rosto ficou angustiado. Não acho que era dor nem nada, mas a própria passagem. Morrer não deve ser nada fácil. E assim ele foi, e eu fui chamar a enfermeira da “casinha” para ajudar. Ela ajeitou as coisas, me deu umas orientações e eu fiquei arrumando o corpo do meu pai enquanto esperava o doutor chegar para preencher a papelada. Foi todo mundo muito bom com a gente lá.

Ainda bem que o meu pai teve tempo de me passar suas últimas sabedorias. Ainda bem que ele morreu na “casinha”, onde as pessoas sabiam que o tempo dele era diferente.

Ainda bem que eu ainda tenho tempo de viver como ele ensinou: entendendo e aproveitando a vida enquanto ainda há tempo.

\* \* \*

**Arthur Fernandes** é médico de família e comunidade e paliativista, atuando na UBS 8 Vale do Amanhecer Planaltina, no Distrito Federal, e mestre em Cuidados Paliativos. Também cuida, escuta e conta histórias no Instagram @ouvindogente, na Academia Nacional de Cuidados Paliativos e na Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. É autor de “Entre encontros e despedidas - histórias sobre o viver e o morrer na Casinha”, pela Editora Escaleras (2020).



## O médico, o amor, a morte e a estrela

Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

Antes de virar estrela, ela prescreveu amor.

— *Sabe, esses anos todos em que Dr. Hermes cuidou de mim, ele sempre me incentivou a viver, sempre esteve do meu lado. Ele é um médico que sabe cuidar da dor da gente. Uma doença longa causa dores demais, literalmente da cabeça (que fica ruim) aos pés. Você sabe disso. E agora que estou assim, ele não some. Sei de muitos médicos que somem. É tão bom ter vocês, principalmente agora em que estou perto da morte.*

Ela suspira. As palavras continuam amorosas, mas, difíceis de sair:

— *Difícil admitir, mas estou sim. Vocês sabem disso, e eu também. Às vezes, sinto que tem tanto amor no trabalho de vocês que fico feliz no meio disso tudo; e sei que também cuidarão da minha família. Vou contar a ele que meu filho decidiu fazer medicina. E acho que Dr. Hermes foi o exemplo. Foi o amor dele... Acho que posso dizer que é amor. Escutar com calma, decidir junto, não pode ser só coisa de psicólogo. É de quem se importa com o outro, de quem tem amor por trabalhar com o que faz e acho que não se pode ter medo de morrer. Será? Medo acho que todos têm, né? Mas ele me contou, um dia, que não se aprende na faculdade a conversar com a gente. Principalmente com quem está morrendo. Como pode, minha filha? Cada um se vira sozinho? Por isso tantos viram as costas para quem está morrendo. E nós temos tanto o que conversar, tanto o que pensar, coisas para resolver antes do fim; se estivermos sem muita dor, a gente consegue. É difícil pensar na morte.*

Para um pouco e continua:

— *Coisa demais, né? Tem que ter muita técnica e estudar muito. Meu outro médico era um dos melhores, tinha muito estudo, mas o deixei porque*

*eu nunca conseguiria falar o que preciso para ele. Ele nunca tinha tempo. Para cuidar, precisa de tempo. Por isso digo que Dr. Hermes tem amor, sim! E olha que ele nunca me deu um abraço — sorri — acho que não precisa. Mesmo assim, eu vejo o amor nele. Eu sinto quando ele conversa comigo, juntinho, olhando no meu olho. Isso é raro entre os médicos. Às vezes é até rapidinho, mas sinto beeeem demorado. Sabe, eu vou pedir um abraço a ele antes de morrer porque eu quero dar. Se eu pudesse escolher queria que ele estivesse junto de mim na minha hora. Amanhã vou abraçá-lo. Ele é meio tímido, eu não. — Gargalha — Hoje ele me deu um beijo na testa. Foi quando eu disse que, quando eu me mudasse para o outro lado, iria rezar muito por ele e que seria uma espécie de anjo da guarda dele. Perguntei se acreditava em Deus. Sabe o que ele respondeu? Ele disse que só se fosse em um Deus que soubesse dançar. Aí eu respondi: dança muito e gosta de vinho! Ele beijou minha testa e saiu rindo. Eu fiquei toda feliz com o beijo e com nossa dança.*

Assim como Hermes — mensageiro dos deuses, deidade habilidosa com as palavras, capaz de habitar a casa do outro sem ocupá-la, de transitar entre as próprias dores e responsável por levar os mortos para o mundo de Hades — é o Dr. Hermes para sua estrela (ou Dona Estrela). E ainda acreditava em um Deus que sabia dançar.

Deméter (a psicóloga pesquisadora), enquanto ouve Dona Estrela, deixa escorrer uma lágrima. Tenta esconder isso da paciente, mas ela que era entendida de dores e de disfarces; olha e diz:

*— Minha filha (gosto de chamar você assim) — reforça carinhosamente —, você pode deixar a emoção escorrer. Estou morrendo. Nessas horas, pelo menos tudo pode e deve ser possível. E você, mais do que Dr. Hermes, deve ter aprendido a lidar com o fim. No fim, tem choro e amor, como agora. Faculdade de Psicologia deve ensinar, né? Sabe, essas suas lágrimas são amor também, um amor líquido.*

Deméter esboça um ar de riso enquanto o aperto do peito escorre pelo rosto — e pensa:

— *Aprendo mais com você. Quero muito ensinar aos meus alunos a arte de se entregar, com medo e tudo. Não mata, ressuscita! Eu já sabia que da dor também pode nascer o riso. Hoje aprendi que as lágrimas podem significar amor líquido, que, por ser forte, se derrama para não ser disfarçado.*

Dona Estrela continua falando. Está morrendo e quer falar mais e mais.

— *Escreva sobre isso algum dia, talvez nas suas pesquisas lá da universidade, nos textos, para outras pessoas entenderem, tá? Faz diferença, minha filha! O amor tem várias formas. E uma é assim: como vocês cuidam das dores dos outros. Ouvindo, se emocionando junto, sendo gente.*

Dona Estrela era uma paciente de 78 anos, em tratamento de um câncer de útero — fora de possibilidades de cura —, com metástase no corpo todo. Estava em uma unidade de cuidados paliativos, com a família se revezando para estar sempre com ela. Professora de dança, muito extrovertida e amável. Viúva, com dois filhos e duas netas adolescentes, tinha muitos(as) amigos(as), e muitos(as) ex(s) alunos(as), que sempre a visitavam, mesmo agora em que estava muito debilitada. Ela desejava morrer em casa e, de preferência, com muita gente por perto e muita música, mas sempre temeu muito as dores, por isso, quis se internar devido ao aumento delas e à dificuldade respiratória. Sentia-se mais segura em uma unidade de cuidados paliativos, tendo filhos e netos com ela. Essa decisão havia sido tomada meses antes, entre ela e Dr. Hermes. Ela morreu dois dias depois de ter essa conversa/entrevista com a sua psicóloga, que também era pesquisadora e escrevia sua tese sobre os cuidados paliativos e a humanização do cuidado diante do morrer.

Dr. Hermes recebe um capítulo da tese de Deméter, sua colega e amiga. Lá está o diálogo em que Dona Estrela o cita amorosamente. Dr. Hermes é um médico muito respeitado, um grande entusiasta e militante dos cuidados paliativos (CP). Defende que CP é para quem precisa voltar a viver, apesar de ter uma doença que ameaça sua vida. É poder ter sintomas controlados e poder ter prazer e alegrias enquanto está vivo. Ele havia se separado da segunda esposa há alguns meses. A primeira havia falecido em um trágico acidente, em que Dr. Hermes vinha dirigindo. Tinha um filho desse

casamento e também uma neta. Sempre sentiu muito a perda abrupta para a morte; agora sentia uma perda para a vida. Costuma dizer aos familiares de seus pacientes que é um privilégio cuidar de quem se ama até o fim. Além da medicina paliativa e da pequena família, gosta muito de música, de literatura e de um bom vinho — e de dançar —, coisa que fazia raramente, pois trabalhava demais. Após ler o capítulo, ele disse a Deméter que não sabia que tinha a habilidade citada por Dona Estrela: dar amor. Alegra-se com essa descoberta e se entristece por não ter conseguido se despedir de Dona Estrela como ela tanto desejava: com o abraço.

Dona Estrela não recebeu o desejado abraço, mas abraçou amorosamente Dr. Hermes com suas palavras.

Dois dias atrás, enquanto ela virava uma estrela, ele, o médico *cuidador*, recebia o diagnóstico de uma doença incurável em fase avançada.

Apesar do diagnóstico e do prognóstico delicado que Dr. Hermes enfrentaria, enquanto conversava com Deméter, ele se lembrou de que agora ele tinha nela um anjo da guarda. Sorriu com o canto da boca pensando que, se houvesse um Deus dançante, Dona Estrela iria dançar com Ele. E, no pé do ouvido, pediria para que deixasse por esses lados mundanos, por mais tempo, um médico que cuida com amor, que luta pela implantação dos cuidados paliativos na rede pública de saúde, que acredita em deuses dançarinos e que precisa, ele mesmo, voltar a dançar.

\* \* \*

**Geórgia Sibele Nogueira da Silva** é Psicóloga. Doutora em Medicina Preventiva, pela FMUSP. Professora do departamento de psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do LETHS/UFRN (Laboratório de Estudos em Tanatologia e Humanização das práticas em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Membro do NESC/UFRN (Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).



## Vida de médico - Médico de vidas

*Marta Helena de Freitas*

Não. Ele não era um médico cubano. Ao contrário, era bem brasileiro.

Um antropólogo também brasileiro, como Roberto DaMatta,<sup>1</sup> diria que ele era parte de uma sociedade que faz o Brasil ser Brasil: “onde as pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu”, tomando parte numa “entidade viva”, em parte conhecida e em parte misteriosa, “como um grande e poderoso espírito”.

Mas, mais que brasileiro, ele era médico. Muito médico. Fora muito bem formado. Em universidade federal. Extremamente reconhecido por sua competência. Além de atender em sua própria clínica, atuava em dois outros hospitais, um público e outro particular.

Estava passando o final de semana com os filhos. No domingo pela manhã, ainda pôde fazer um último passeio com eles, pela praia, antes da viagem de volta. Tomariam o voo um pouco depois do almoço, de modo a garantir a chegada em Brasília a tempo de realizar seu plantão à noite, no hospital público.

No decorrer do passeio, se dá o diálogo com os filhos:

### **De onde viemos?**

Caminho da praia.  
Paisagem estonteante.  
Os saguis brincam, saltitantes,  
de galho em galho  
sobre as árvores.  
Uma porção deles!  
As crianças observam, admiradas.  
E o garotinho pergunta ao pai, curioso:  
- Pai, de onde vieram os saguis?

---

<sup>1</sup> No seu livro intitulado “O que faz o Brasil, Brasil?”, publicado pela Editora Rocco, em 1986, p. 8.

- Antes que ele responda,  
a irmãzinha se antecipa:  
- De Deus. Foi Deus quem fez os saguis.  
E o menino então questiona:  
- E de onde vieram as árvores onde estão os saguis?  
E a menininha responde, convicta:  
- De Deus. Foi Deus quem fez as árvores.  
Para o menino, as dúvidas continuam:  
-E de onde veio a terra, onde as árvores nascem?  
E a menina, de novo,  
com a resposta na ponta da língua:  
- De Deus. Foi Deus quem fez a Terra e tudo que existe nela.  
O garoto, então, quer checar se entendeu mesmo:  
- Então foi Deus quem fez você, eu e o papai?  
E a menininha confirma:  
- Sim, foi Deus quem fez todo mundo.  
A estas alturas, o pai, que se considerava ateu  
e, até então, apenas ouvia o diálogo das crianças, intervém:  
- Não, o papai não!  
E os dois filhinhos, quase em uníssono, perguntam:  
- Não? Então de onde veio o papai?  
O pai tenta encontrar um jeito simples  
de explicar às crianças a teoria evolucionista:  
- É porque o papai acredita que o homem veio do macaco.  
E a garotinha, como que compreendendo  
e aceitando tranquilamente  
a teoria adotada pelo pai,  
sai a cantarolar, saltitando:  
- Papai é saguizinho!  
Papai é saguizinho!  
Papai é saguizinho!

A chegada em Brasília ocorreu por volta das 16 horas. Chovia torrencialmente.

Do aeroporto, foi primeiro levar a filha, fruto do seu segundo casamento, à casa da ex. Em seguida, foi levar o filho à casa da mãe. Esse era fruto do terceiro casamento, que também culminara em divórcio. Daí,

seguiria direto para o hospital, onde daria plantão a partir das 18 horas. Tudo muito bem cronometrado.

Chegou ao hospital por volta das 18:30 e encontrou uma demanda significativa para uma noite de domingo. Além de atender os pacientes que o aguardavam na emergência, teve que cuidar antes de uma situação trazida pela enfermeira que, àquela hora, era a responsável pela Clínica Cirúrgica 2.

### **O efeito do batismo**

Tumulto no corredor.  
Auxiliares de enfermagem em choque.  
Famíliares de enfermos alarmados.  
Um rapaz exclamando em voz alta,  
com a Bíblia na mão:  
- Agora, sim, ela será salva!  
A enfermeira busca resumir o ocorrido,  
enquanto o médico se desloca rapidamente  
do ambulatório para a enfermaria.  
- A paciente do quarto 235, doutor...  
que fez a cirurgia do intestino na sexta-feira...  
O irmão dela é pastor evangélico.  
Fez tudo para convertê-la antes da cirurgia.  
Queria que ela fosse batizada.  
Falava nisso todo dia!  
Queria levar a irmã na Igreja para ser batizada  
no dia anterior à cirurgia.  
Insistiu demais!  
Explicamos a impossibilidade.  
A paciente não podia ser deslocada da enfermaria  
às vésperas de uma cirurgia.  
Que coisa mais absurda, pensa, doutor!  
E o médico, sem entender nada, questionava:  
- Sim, mas o que foi que aconteceu agora?  
Qual o motivo da emergência?  
Por que ela está mal, se tudo correu bem com a cirurgia?  
E a enfermeira, esbaforida:

- O irmão dela, doutor...  
Na hora da visita de domingo,  
levou-a para o banheiro,  
enquanto estávamos atendendo na outra ala.  
Ele encheu d'água uma piscina inflável  
e a batizou, mergulhada na piscina.  
Da outra ala, ouvimos sua pregação  
e corremos lá para ver o que era.  
Mas, ela já estava toda molhada,  
o curativo todo contaminado.  
Trocamos tudo, mas ela precisa ser examinada.  
Com urgência, doutor!!!

Que noite! Não fora possível dormir nada. Nem uma soneca por alguns minutinhos. Parece que toda a população de Brasília e entorno resolveu adoecer no domingo e procurar a emergência daquele hospital justamente naquelas noite e madrugada!

Às seis horas da manhã, desceu para tomar o café da manhã na lanchonete do térreo. Precisava passar em casa e tomar um banho antes de ir para o consultório. O primeiro paciente estava agendado para as oito horas. Ligou para a secretária e constatou: agenda lotada durante toda a manhã.

Durante o café, desabafou sobre as peripécias da noite com o amigo, neurocirurgião pediatra, que estava entrando no plantão em seguida. Ao ouvir o caso do batismo, o colega sorriu. Nem chegou a ficar perplexo. Ele também tinha uma estória a contar. Acontecera na mesma semana, num hospital pediátrico de Palmas, onde costumava atender por dois dias consecutivos, quinzenalmente.

### **Índio quer apito**

Imagina a cena, meu amigo:  
Estava eu ali nos meus curtos minutinhos de soneca,  
enquanto aguardava o início do meu plantão.  
Tinha chegado em Palmas de madrugada e ido direto para o hospital.  
Acordei aos sons de tambores.

E ouvindo gritos de enfermeiras e mães de pacientes...

Um cheiro ardente de fumaça!

Fui ver o que era:

Estavam tentando apagar uma fogueira  
no corredor da enfermaria, acredita?

- Como assim?

- Pois é. Havia uma criança indígena internada na enfermaria 07.

Desde a semana anterior,

a mãe da criança vinha pedindo para levar o pajé.

Queriam fazer, na própria enfermaria,  
um ritual de cura lá da tribo deles.

Claro que não foi permitido,

pois isso comprometeria toda a rotina do hospital,  
higiene, assepsia, respeito aos demais pacientes...

Mas, os índios, que estavam acampados lá fora,  
nas imediações do hospital,

entraram pelas portas laterais da enfermaria,  
e fizeram a fogueira no corredor.

Quando a equipe de saúde se deu conta,  
as labaredas já estavam altas  
e os índios batucando ao redor.

Mais que SUSTO, meu amigo,  
isso é SUS.

E eu quase que SURTO!

Saiu daquele café pensando que ser médico no Brasil é muito complicado. Afinal, a cultura do povo não colabora. Imagina, realizar batismo evangélico numa banheira inflável dentro de uma enfermaria! Ou, pior ainda, fazer uma fogueira dentro de uma ala pediátrica hospitalar. E se perguntava, injuriado: “Que país é este?” Mas, pensou também, mais conformado: “ainda bem que tenho o consultório. Lá, pelo menos, os pacientes são mais bem informados, educados e cultos!”

Passou correndo no apartamento, tomou banho e, ao sair, viu que sua faxineira vinha chegando. Havia se esquecido completamente que segunda-feira era o dia da faxina. Voltou até a entrada de sua prumada, e rapidamente passou à moça as instruções sobre as roupas a lavar, passar, limpeza dos calçados... Retirou a carteira do

bolso, pagou a diária, agradeceu, fez mais uma ou duas recomendações e se dirigiu ao estacionamento, enquanto ouvia a voz dela, se despedindo: “Vai com Deus, doutor!”

Ao chegar no consultório, a primeira paciente, uma senhora de 65 anos, o aguardava, já bastante ansiosa, acompanhada da filha, que procurava acalmá-la. Durante o atendimento, a velhinha se mostra impertinente.

### **De joelhos, quem entende?**

- Bom dia, D. Fulana. Como vai?

- Eu vou bem, obrigada. Quem não anda bem é meu joelho.

- E o que se passa com ele?

- Doendo demais, doutor! Não me deixa andar, subir escadas... e nem dançar.

- Vamos examinar, então.

Após o exame, vem o diagnóstico: osteoartrite.

- Osteo... o que? Pergunta a velhinha, fazendo careta.

- O s t e o a r t r i t e. Repete o médico, pausadamente.

- E o que significa esse palavrão aí, doutor?

- Ortoartrite, D. Fulana, é uma doença que afeta as articulações por insuficiência da cartilagem.

Ela tende a se agravar com a sobrecarga muscular ou devido a fatores genéticos.

A velhinha continua sem entender, e pergunta inconformada:

- E o que é que causa isso, doutor?

O médico tenta simplificar a explicação:

- Ah, isso é por causa da idade, D. Fulana.

Mas, a velhinha, irritada, responde-lhe à altura:

- Que idade, o que, doutor?

E apontando o joelho direito, que estava são, argumenta:

- Este outro joelho aqui, oh, tem a mesma idade e nunca deu nenhum problema!

Vocês médicos pensam que sabem tudo.

Mas esta explicação sua aí não me convence, não, doutor.

Me chamando de velha, vê se pode!

Hum! Mania de médico, com esse linguajar difícil, achando que é Deus!

Pois eu vou é procurar a benzedeira Aurora.

Ela haverá de dar jeito nisso.

Infelizmente o médico não podia sequer empregar a expressão folclórica “Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece!”. Afinal, ele sequer rezava! Mas, em algum lugar de sua mente, algo lhe perguntava se não estava sendo castigado ou perseguido em seu ateísmo. Afinal, em menos de dois dias já se avolumavam estórias demais e estas não eram folclore. Elas eram reais! Onde ia, a ignorância e a credulidade religiosa desses brasileiros supersticiosos e ingênuos o cutucava. Desde as manifestações da educação que sua segunda esposa, muito católica, tinha dado à filha, passando pelo espiritismo de sua terceira mulher, que já parecia influenciar o filho, já de pequenino, até as reações de seus pacientes e suas credices, tanto no hospital público, quanto no consultório particular.

Bem. Pelo menos hoje ele iria almoçar com a prima, eminente psicóloga cognitivista, que acabava de chegar da Inglaterra. Ela fora passar uma temporada com a filha, que estava fazendo o doutorado na Universidade de Londres. Certamente teria uma experiência intelectualmente mais rica. Sua prima, sem dúvida, estaria cheia de histórias reais para contar, em especial sobre as netinhas, tão brilhantes, que estavam estudando em escola inglesa já há cerca de dois anos. E nisto ele estava certo. A amiga o encheu de histórias sobre as netas, inclusive esta, que se passara em diálogos recentes entre a vovó e suas netinhas:

### **Caso real**

- Vovó, eu sou real?

Perguntou Sophie, no auge dos seus três aninhos,  
à mesa do jantar.

Sorrindo, a avó responde:

- Claro, minha linda!.

A garotinha, então, lhe indaga:

- E você, vovó, é real?

Surpresa, a avó esclarece:

- Claro que sou real! Estou aqui com você, não estou?

A netinha continua a questionar:

- Todo mundo é real?

A estas alturas, já perplexa, a avó confirma.

Mas, então, lhe pergunta o porquê

de tais perguntas.

E a resposta imediata:

- Por nada, vovó. Só estou pensando!

Intrigada, mais tarde a avó se dirige à outra neta, de nove anos, irmã de Sophie. Conta-lhe o ocorrido e procura sondar o que a menininha poderia ter visto ou ouvido para apresentar aquele tipo de dúvida.

A outra neta, então, retruca:

- Vovó, você não acha que ela é ainda muito jovem para este tipo de questionamento filosófico?

Ainda que um tanto perplexo com as histórias contadas pela prima, pudera também dar boas gargalhadas. Depois deste almoço, já se sentia mais aliviado, embora intrigado com a curiosidade filosófica da priminha de três aninhos, questionando sobre sua própria realidade. Tinha consigo também a certeza de que a manhã do dia seguinte seria regada à mais cultura e conhecimento. Havia sido convidado para uma mesa redonda na Universidade Católica de Brasília, que se iniciaria às 14h.

Ainda que tenha resistido muito em aceitar o convite para essa palestra, cujo tema da mesa era envelhecimento e morte, acabara aceitando. Chegara a falar para a professora de psicologia que o convidara: “Olha, nós médicos não queremos saber de morte, não! O nosso negócio é salvar vidas”. Mas, diante dos argumentos apresentados, acabou aceitando o desafio da tarefa.

Depois deste almoço com a prima, já estava mais animado para planejar a conferência, que prepararia naquela noite. Já começava a esboçar algumas ideias, enquanto se dirigia ao hospital particular, onde daria plantão entre 14 e 20 horas. Chegando ao hospital, primeiro fez as visitas de rotina nas enfermarias, para depois atender os pacientes que o aguardavam no ambulatório de emergência.

Durante as visitas, uma das pacientes relatou-lhe, animadíssima, o quanto estava se sentindo melhor. Ao comentar os resultados dos últimos exames, os quais mostravam o retrocesso do tumor cancerígeno no colo do útero, a paciente assim se expressou, com os olhos cheios de lágrimas: “Graças a Deus, doutor! Graças a Deus!”, ao que ele não teve dúvidas e respondeu em tom jocoso e firme: “Graças a Deus, nada, D. Sicrana! Graças à quimioterapia.

Sem ela, esse câncer não teria jamais sido debelado em tão pouco tempo!”. Em seguida, comentou baixinho com a enfermeira: “A gente faz todo o trabalho, se esmera para curar o paciente, e depois tem que ouvi-lo atribuindo todo o mérito a Deus. Vê se pode! São os ossos do ofício.” E a enfermeira, meio sem graça, argumentou respondendo-lhe, em meio riso: “Mas, quem sabe, doutor, se Deus também não inspirou o senhor? Já que o doutor fez bem a sua parte, quem sabe Ele colaborou para tudo dar certo? Sabe como é, né? Deus sempre ajuda quem madruga!”. E ele só balançou a cabeça, acenando negativamente, com os lábios meio que apertados um no outro.

Da enfermaria, dirigiu-se ao ambulatório de emergência, atendeu todos os pacientes que lhe foram encaminhados e voltou para casa à noite, preocupado com a palestra que ainda teria que preparar para o outro dia. Tomou banho, pediu uma pizza pelo *Uber Eats*, assistiu o noticiário e foi preparar seus *slides* para a palestra do outro dia.

Preparou com muito cuidado sua fala. Planejou iniciar afirmando, enfaticamente: “Nascer e morrer é sempre solitário”. No outro dia, às nove horas, em ponto, estava na porta do auditório do evento, onde ministraria sua conferência. Mas, o evento só começou às nove e meia. Ficou preocupado, pois tinha que estar no seu consultório a partir das onze horas. Esse atraso poderia complicar sua agenda do dia e, mais uma vez, teria que abrir mão do almoço, devido ao plantão no hospital público, que se iniciaria às 14 horas.

Mas, enfim, o evento teve início. Ele foi apresentado com muita honraria e iniciou a sua exposição. Logo no início, uma das ouvintes fez-lhe uma pergunta, querendo checar se compreendeu bem a sua enfática afirmação inicial: “Nascer e morrer é sempre solitário!”. Ele respondeu e prosseguiu sua fala. Ao longo de sua exposição, a ouvinte o questionou mais algumas vezes, e ele respondia normalmente, continuando sua prévia argumentação.

Ao final, a tal ouvinte foi falar com ele e, juntamente com a professora que o convidara, questionou sobre o que ele entendia como solidão. Ela fez uma brincadeira sobre o t do termo solitário, que ele empregava em sua afirmação de base, e o d do termo solidário. Então, sua anfitriã lhe contou: “Olha, doutor, ela é poeta, viu? Tenho certeza de que fará um poema com isso.” Ao que a ouvinte respondeu: “Vou mesmo. E terei de fazê-lo chegar ao senhor em breve, doutor!”. O médico saiu dali sorrindo, embora apressado. Levava consigo a certeza de que

tinha valido a pena. Ele não errara: de fato, ali encontrou pessoas bem informadas, racionais, cultas, inteligentes, estudantes, cientistas... e até uma poeta!

E, ao chegar em casa, de noite, depois de seu plantão, comeu um sanduíche e assistiu o jornal. Ficou muito incomodado com a notícia que mais repercutia na mídia naquele dia, divulgando o suicídio de uma jovem universitária. As imagens mostravam a cena dela se jogando do alto de uma caixa d'água de um campus universitário, cercada de estudantes, professores e repórteres. Isso o deixou em choque. E, mais ainda, sentiu-se afetado quando, no âmbito de uma das reportagens que assistira, fora informado de que os estudantes e profissionais de medicina fazem parte da população de risco, em especial nas universidades públicas. Agoniado, desligou a TV e abriu sua caixa de *e-mails*. Constatou que a ouvinte poeta cumprira o prometido: lá estava o poema inspirado nos diálogos que tiveram ao longo de sua exposição sobre envelhecimento e morte.

### **Semântica existencial**

“Nascer e morrer é sempre solitário!”  
Foi o que dissestes,  
assim, com um t granítico  
bem no meio.  
Mas, “nascer e morrer é sempre solidário!”  
Foi o que eu ouvi.  
Assim, com um sedoso e dócil d  
bem ao meio.

Esclarecido o equívoco semântico,  
quis argumentar a favor da seda:  
“Nascer é solidário.  
Não se pode vir ao mundo sozinho!”  
Concordastes,  
mas, apenas em parte,  
retrucando:  
“Tens razão. Nascer, sim, é solidário.  
Mas, morrer é sempre solitário!”  
Fiquei pensando: “Será?”

Que sabemos sobre a morte  
e sobre a solidão ou a solidariedade  
que a acompanha?”

Descubro que não era apenas  
uma troca sonora  
entre o t e o d —  
que fazia a diferença  
entre o que tu dizias  
e o que eu ouvia.  
É que a minha semântica existencial  
resiste à dureza do t  
de trator, tortura e totalitarismo.  
E minha gramática quer sempre  
a suavidade do d,  
nesta irreduzível mania  
de querer adoçar vida e morte.

Vida e morte!...  
Por mais que uma carregue o d  
e a outra, o t  
e muito mais para o fim  
do que pelo meio —  
uma não se dá sem a outra.  
E o ser solitário  
é o que  
justamente justifica  
o ser solidário.

De terça para quarta-feira, sonhou a noite inteira e teve pesadelos. Num deles, sonhou que estava entre a vida e a morte, cercado daquelas parafernâlias de Unidade de Terapia Intensiva, médicos e enfermeiras circulando de lá para cá, pacientes acamados em volta, e a voz da poeta lhe falando em alto e bom tom, aos fundos: “Nascer e morrer é solidário! Nascer e morrer é solidário! Nascer e morrer é solidário!” Depois, já se via dentro de um cemitério. Uma fila imensa de pessoas acompanhava um enterro. Ao chegarem no túmulo, onde seria enterrado o corpo,

descobriu que era o seu. Na lápide, logo abaixo de seu nome, estava inscrito:

### **Medicina alternativa**

#### Dose mortífera

Doutores, de um modo geral, são muito intelectuais.  
Mas, mesmo tão intelectuais, acabam morrendo,  
mais cedo ou mais tarde, do próprio veneno.  
A não ser que sejam sábios o suficiente  
para que se transformem no próprio antídoto.

#### Dose homeopática

Pessoas simples, de um modo geral, são menos intelectuais.  
Mas, mesmo não tão intelectuais, acabam vivendo,  
mais cedo ou mais tarde, do próprio remédio.  
A não ser que não sejam humildes o suficiente  
para que se transformem na própria cura.

Acordou agoniado, dizendo para si mesmo: “Meu Deus, precisamos trabalhar pelo aperfeiçoamento das políticas públicas de saúde do país e pela reforma do nosso Sistema Único de Saúde. Coitado de quem fica em UTI de hospital público nas condições que temos hoje!”. Lembrou-se do que aprendera na universidade e ficou bronqueado. Perguntou-se sobre o que estudara de verdade sobre a morte, o morrer e o sentido da vida. Viu-se embaçado. Médicos são treinados para serem concretos, frios, realistas. Foi o que expressou em sua palestra. E então recebeu aquele poema convidando-o à utopia. Era de madrugada. Mas levantou-se da cama, pegou uma caneta e resolveu que iria tentar fazer um poema em resposta à sua interlocutora na palestra, que agora insistia em vir perturbar também seu sono. Tentou várias vezes e censurou-se continuamente até que desistiu. Voltou para a cama, mas continuava angustiado. Não conseguia dormir. Até que olhou o papel em branco, lembrou de seu sonho e teve um *insight*: “É isso! O médico precisa ser concreto e realista, mas sem jamais perder a Utopia”. Rasgou o que escrevera antes e escreveu este outro.

## Utopia

Urge uma utopia!  
Úbere e úmida,  
ultrapassando uivos.

Urge uma utopia!  
Unguento de ulcerações  
a ungir urdiduras  
e ufanar uniões.

Urge uma utopia!  
Usina útil,  
umbigo e útero,  
umbela urbana  
e universal.

Urge uma utopia!  
Ulterior a ululações.  
Usufruamo-la sem usura,  
ultrajes ou usurpações.

Urge uma utopia!  
Ultraleve,  
ultrarrealista,  
ultrassensível  
e ultratumular.

Urge uma utopia!  
Única.  
Únívoca.  
Ultimatum.

O dia já estava amanhecendo. Liguei o computador, digitei o poema e enviei-o à sua interlocutora poeta. Trabalhava lentamente e o tempo passou rápido. Quando olhei no celular, vi que lhe havia chegado no *WhatsApp* uma

mensagem de sua secretária, desde o dia anterior, e que ele ainda não tinha lido. Ela avisava que os seus dois primeiros pacientes do dia haviam desmarcado. Sentiu um alívio. Assim poderia relaxar um pouco antes de iniciar sua maratona de sempre. Olhou pela janela do seu apartamento, no sexto andar do prédio, e viu as crianças descendo para brincar no parque da quadra.

Diferentemente do que fazia todos os dias, resolveu descer e caminhar um pouco em volta da quadra. Ao descer, observou um menino, meio estranho, sozinho, carregando uma picareta. Ao invés de dirigir-se ao parquinho de areia, o menino foi lá para o meio do jardim. Ficou atento, observando a criança. E então se deslumbrou com o desenrolar das cenas, com o que viu e ouviu daquele menino, aparentemente tão diferente dos outros.

### **Quando dividir é multiplicar**

Com determinação e prazer,  
chutou as pedras do jardim,  
arrancou a grama do canteiro,  
cavoucou a terra,  
retirou dela uma minhoca  
e cortou-a em duas.

Para quem o viu,  
um menino agressivo,  
solitário,  
a dividir.

Entretanto,  
concluída a tarefa,  
falava baixinho  
e com doçura,  
se dirigindo à minhoca:  
“Pronto!  
Agora você não está mais sozinha.  
Já tem uma amiguinha  
com quem brincar.”

Para quem ouviu,  
um menino aguerrido,  
solidário,  
a multiplicar.

O médico lembrou-se novamente da poeta. Lembrou de seus pacientes idosos. E se perguntou: “Quantas vezes eu os escuto de verdade? Especialmente quando estão com medo de morrer?”. Mas, olhou no relógio, viu que já se aproximava o horário do próximo paciente. Correu em casa, pegou sua maleta e documentos, desceu para a garagem, entrou no carro e correu para o consultório, determinado a não mais só observar e examinar, mas também escutar aqueles que iria atender doravante.

Como o último paciente do dia também desmarcara, viu que tinha um tempinho para almoçar e ligou para aquele seu amigo, também médico, com quem tomara o café da manhã na segunda-feira. Precisava conversar com alguém, compartilhar suas reflexões e apreensões recentes. Felizmente o amigo estava ali por perto e puderam almoçar juntos, enquanto conversavam.

Contou para o amigo sobre a palestra. Comentaram o caso da jovem suicida. Sobre o alarmante índice de suicídio entre os jovens, nas universidades, nos hospitais, entre os profissionais de saúde. E de repente, viu-se desabafando com o amigo: “Estou me perguntando se eu sou um bom médico. Estou me perguntando se um ateu pode ser um bom profissional. Estou me perguntando se não teria sido melhor escolher ser psicólogo, ser religioso, ser poeta... enfim! Estou angustiado, cara!”

O colega procurou acalmá-lo, reafirmando que os tempos são mesmo difíceis. Mas que não tinha dúvida nenhuma da sua competência profissional. E argumentou: “Olha, cara, ser ateu ou religioso, ser psicólogo ou ser poeta não ia necessariamente fazer de você um melhor ou pior profissional!”. Veja o caso de um colega psicólogo, muito religioso, que também desabafou comigo na semana passada:

### **Suici dando conselhos**

- Sou pastor evangélico.  
Mas sou também psicólogo.

- Aprendi a separar as coisas.  
A formação exige isso.  
O código de ética também.  
Foi muito angustiante aprender isso.  
Mas aprendi a separar.  
- E como você “separa”?  
- Separo sabendo que a psicologia é ciência.  
E, como ciência, tem que valer o que diz a teoria que ela prega.  
E que religião é religião.  
Ela pode valer lá na igreja, onde prega o pastor.  
Mas, não pode valer na atuação profissional.  
- E na sua prática, então, como você separa isso?  
- Ah, aqui no hospital, por exemplo,  
eu sou psicólogo.  
Então, tenho que atuar conforme a teoria psicológica.  
Mas, lá na Igreja, eu sou pastor.  
Então, posso pregar os conhecimentos da Bíblia.  
- Mas e se o paciente falar sobre religião com você?  
- Pois, é... aí às vezes é delicado.  
Principalmente se ele sabe que eu sou pastor.  
- E isso já aconteceu?  
- Sim, já. Aqui no hospital, nem tanto.  
Mas, lá no CAPS, onde também trabalho, já.  
Uma vez, um jovem me procurou lá.  
Ele estava muito angustiado,  
porque sentia atração física  
e estava apaixonado por outro rapaz.  
E, como ele era evangélico,  
estava se vendo em pecado.  
Ele queria ajuda.  
- Ele sabia que você era pastor?  
- Sim, sabia. E me procurou também por isso.  
Mas, eu estava lá no CAPS, atuando como psicólogo.  
Ele me procurou também como psicólogo.  
- E, aí, como você conduziu o caso?  
- Bem, eu falei para ele, primeiro, como que a psicologia  
trataria a situação dele:

que não era doença,  
que ele deveria descobrir o que o fazia mais feliz,  
e se encontrar na própria identidade,  
independente do sexo biológico.  
Mas, falei também de como aquilo era visto pela Bíblia:  
Que era um desvio dos desígnios de Deus,  
que era um pecado,  
que ele devia rezar para superar aquela tentação.  
E aí, então, eu tentei separar bem as coisas, entende?  
- E ele, como reagiu?  
- Ah, ele entendeu bem. Na hora, sim.  
Agradeceu e falou que ia pensar.  
Mas, depois, no outro dia,  
andando pelas ruas da cidade,  
eu fiquei sabendo que um jovem tinha cometido suicídio.  
Fui saber o nome e descobri que era ele.  
- Nossa! E como você se sentiu?  
- Senti como se tivesse levado um soco no estômago!

Aquela quarta-feira estava já na metade. A semana também. O mês também. O ano também. Mas, o século e o milênio estavam apenas começando. O médico ainda tinha muito pela frente. Por mais que estivesse sentindo-se por um fio. Lembrou do poema que havia escrito na madrugada. Perguntou-se, novamente, se a poesia o poderia salvar. Lembrou-se dos médicos que se tornaram escritores. E, mesmo estando ainda no meio do dia, no meio da semana, no meio do mês, resolveu encerrar este conto fazendo um poema inspirado por um livro escrito por um deles, Dráuzio Varela.

### **Por um fio**

Quando o poema  
fica por um fio,  
não há mais palavras  
que possam  
vesti-lo,  
revesti-lo,  
ou travesti-lo.

Seja por um fio da roupa  
que já desfia...  
Seja por um fio da lã  
que ainda aquece...  
Seja por um fio do *nylon*  
que ainda resiste...  
Seja a parte mais fraca da corda  
prestes a se arrebentar...  
Seja a corda bamba,  
sobre a qual se sustentam  
e ainda caminham  
malabaristas e equilibristas...  
Quando o poema  
fica por um fio,  
não há mais jeito?  
Não seria mais fiável?  
Talvez,  
a única saída  
para o poema,  
quando fica por um fio,  
seja mesmo confiar  
ou fiar com  
um fiapo de novelo  
a tecer  
o fio da vida.  
Mas se,  
no fim da linha,  
o poema  
ainda fica  
e permanece  
por um fio,  
continuará tecendo,  
rumo ao seu norte,  
o próprio fio  
da morte.

&&&

“[...]... Inventei datas que fui deixando cair por estas páginas assim ao acaso e agora não sei quais são as inventadas e quais são as reais. Debruço-me sobre algumas delas para examiná-las de perto e a proximidade as torna singularmente mais distantes.”

Lygia Fagundes Teles  
(Nota finalizando seu livro: “A disciplina do amor”.)

\* \* \*

*Observações: A autora informa a publicação prévia dos seguintes mini-contos / poemas: Semântica Artificial (p. 94), no livro “Letra Viva”, publicado pela Editora 7 Letras, 2006, p. 62; Medicina Alternativa (p. 95), no livro “Kairóslogia: O tempo de amar”, publicado pela Editora L.G.E., 2006, p. 37; Utopia (p. 96), no livro “Letra Viva”, publicado pela Editora 7 Letras, 2006, p.53.*

**Marta Helena de Freitas** é poeta, psicóloga, doutora em psicologia, com pós-doutorados em Psicologia da Religião e Psicologia Intercultural. Professora e pesquisadora do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, onde coordena o laboratório de Religião, Saúde Mental e Cultura.





## Insípida, incolor e Inodora

*Fernanda Kurebayashi*

Gosto de andar no silêncio da madrugada. Andar no escuro da madrugada. E agora já falta pouco. Isso me faz sentir vivo. Saber que, depois de tantos anos, ainda sei onde fica o regato, consigo chegar lá reconhecendo as pedras do caminho. Mas falta muito pouco para eu realizar meu último ato, talvez, meu último desejo. Sinto o cheiro do mato amassado pelos meus passos e me lembro como se fosse hoje. Essa terra que me foi tirada e que me pertence por direito. Eu, Cacá, o último homem de uma família de mulheres fortes, eu, que não deixarei herdeiros por escolha, que verei meus 82 anos se findarem à beira de um regato, com os pés n'água, como um sacrilégio, como gesto solitário, inútil, de tardia rebeldia.

Minha solidão foi repleta de mãos e abraços e peitos fartos, acolhido que fui e remediado. No meu silêncio, a vida passou parecida com o vento às vezes leve, às vezes revoando tudo, meus cabelos amassados, desapegados de mim repentinamente. Mesmo na luz, talvez eu tenha sido invisível, correndo às margens.

Nesse escuro do agora estou protegido, mas logo serei descoberto, sei bem. Não sou ingênuo, sonhador talvez, ingênuo nunca. Eu não peço mais nada à vida, só poder terminar meus dias de uma forma digna, um pouco romântica. Sim, sou um poeta, e como tal, quero acreditar que escrevo minha história.

Minha história de vida, afinal, é também a história do mundo, já que o mundo é o cruzamento das histórias dos tantos que caminham por ele. A história que conto, reconto e, que, menino, quando ainda podia andar por essas terras brincando com as pedras e as plantas, me banhando no encontro de dois regatos, sonhava que seria meu refúgio.

Refúgio do que? Talvez da insipidez da vida protegida que tive, distanciada. Ou da minha insipidez própria e insegura, de quem não sabe se seguiu o movimento ou fez dele seu gesto. O que foi meu, de fato, nessa vida?

A vida, hoje, se perpetua indefinidamente, profunda ou rasa como o mar, como os regatos, como a água. E quantos anos mais eu quereria viver? Não, meu

riacho corre para o mar, como todos. Mas eu não quero um destino igual ao de todo mundo, que espera a morte chegar, passivamente, como se ela fosse uma convidada. Não é.

Não quero a morte dos seixos rolados, levados para lá ou para cá conforme a maré, a lua, as enchentes ou as secas de invernos rigorosos. Não quero ser convidado para me sentar à mesa daquela que se regala em comer muito, muito mais do que pode, da morte que carrega tudo, igualado e sem cor. Aquela morte de rotinas espaiadas, dos sonhos não realizados.

A vida é boa, sim. Tive tudo que quis, e o que quis e não tive, não me deixou mais frustrado, nem adormecido. Ou será que releio a vida passada com os olhos maduros e reconto mais colorida do que foi? Talvez. Mas, no dia em que se faz oitenta e dois anos, se possa finalmente dar nomes aos montes que subiu, ou aos vales que se afundou. Ainda assim, a dor.

Há alguns anos perdi meu refúgio, perdi meu sossego quando perdi essas terras. Confiscadas, disseram. Em nome da humanidade, da saúde e do bem-estar. Eu nunca entendi. Se fosse antes, quando a água era um bem finito, e que não havia essas tecnologias todas que produzem água, reciclam, e revitalizam-na, eu entenderia. Mas aquelas mulheres todas, um dia, resolveram começar a proteger a terra para assegurar a água, comprando tudo que podiam, para nada. Não fazerem nada, apenas deixar o mato crescer de novo, a vida fluir nos recônditos do disfarce da inutilidade.

Difícil acreditar que houve um tempo, há tão pouco tempo, em que o lixo era apenas afastado dos olhos das pessoas. Que o esgoto, o veneno, o fel e a dor eram descartadas como filhos enjeitados, largados nas beiras dos rios, para serem colhidos pelas pessoas pobres, ribeirinhas, sem nunca descobrirem nenhuma realza. Tão fantástico que não parece história, parece mitologia. Uma mitologia cruel, que fala mais de thanatos do que apolos ou atenas. Sim, aquela foi uma era mitológica, com prescrições precisas e matemáticas, quando se provava tudo que se queria provar. E se curava tudo que se criava, engendrado pela mentira. Toda doença é uma mentira, hoje sabemos bem. Ou são meus mais de oitenta que me fazem saber.

Sim, sim, sim. Nessa parte do terreno tenho que avançar com calma e paciência, mesmo que a ameaça do amanhecer possa me pôr em risco antes que eu chegue à beira do regato. Já ouço sua cantoria monótona e fresca. Água limpa. Quem diria. Não foi fácil. Quantos sacrifícios para esse deus todo poderoso

chamado invenção. Quanta dor inútil. Mas o que estou dizendo! Toda dor é inútil. É fútil. É ignóbil.

A dor e arte, ambas inúteis. E a arte nos salva da dor. A poesia salvou o mundo, uma vez mais, como um oásis salva os peregrinos, como a estrela polar anuncia o norte, e como o gosto salva a comida. Para além das necessidades urgentes, para além da fome e dos calafrios, a poesia das cores e das palavras, a substância inculta da arte nos salvou quando era a ignorância chamada de luz.

Eu sei que se alguém me ouvir agora, e não é difícil nesse silêncio assustador quando a noite vai perdendo sua força e uma luz violeta começa a surgir no horizonte, se me ouvir for possível a alguém, pode ser que ele me julgue. Que reflita em como um senhor senil pode, às portas do século XXIII, ser melancólico num mundo tão renovado, e que fique revivendo o que apenas seus mais que antepassados passaram.

Será que a bisavó de minha mãe, quando deixou essa terra nessa serra, saberia que um dia seu remoto herdeiro teria que invadir, na calada da noite, o que ela lhe deixara, para tão somente passar seus últimos instantes de vida com os pés dentro das águas de um córrego? Quantos dariam sua vida para ter apenas coragem? É engraçado. Hoje ninguém pode sequer imaginar se aproximar de qualquer curso d'água. E toda água, desde a nascente, pode seguir seu destino intocável — qual vacas sagradas de outrora — sem que qualquer mão humana possa lhe tocar ou mudar seu ritmo. Mas eu não quero mudar o rumo da água; agora só quero poder tocar com os pés sua superfície macia, e fria, e serena, para ver se ela me contagia.

Já não tenho mais a terra que protege a água, mas essa água sou eu em estado fluido, sou eu escorrendo monotonamente há dezenas de anos, lavando o tempo que me restou, os olhos sem lágrimas, numa delicada cantoria de regato translúcido. O que resta de mim segue translúcido e firme sobre meus pés que aprenderam a direção sem ter certeza dos motivos.

Munido apenas dos meus sentidos, com a coragem dos insanos, eu vou entrando vagarosa mas triunfantemente nessas terras, sejam de quem forem, isso não interessa mais. Que minha morte possa revitalizar os tristes dias de quem sofreu da saúde dos ânimos e das vontades. E eu, eu sou sonhador, de fato, e acredito que, para além do lobo do lobo do homem, haja um humano que, como ser, renove o seu próprio significado.

Ah. Aqui está. Eis que surge o brilho da água refletindo as últimas estrelas, teimosas como eu. Primeiro um gole tomado das mãos, escorrendo pelos cotovelos. Depois um pouco para meu santo, água na nuca escorrendo fria pelas costas, provocando um arrepio bom. E por fim, os pés, um a um. Vou me sentar por aqui, esperando que o resto do dia amanheça, pois a vida que tive foi boa, e boa é a água que resgata minha história, santificada aos meus pés.

\* \* \*

**Fernanda Kurebayashi** é empresária no ramo de gastronomia, pós-graduada em Cozinha Brasileira, graduada em Gestão Ambiental, graduada em Língua e Literatura Portuguesa. Participou como membro da Academia Juvenil de Letras. Escreve desde os doze anos de idade. Publica textos e fotos autorais no blog [kintao184.com](http://kintao184.com).



## A prosa aos pés da maçã do elefante

*Vitor Rocha de Araújo*

Peguei o ônibus perto de casa e desembarquei no ponto da faculdade. Seria mais uma bela manhã de inverno em São Paulo, não fosse mais uma manhã de estudos (ou o que deveria ser uma). Eu amo as ensolaradas manhãs de inverno em São Paulo. O sol dos trópicos continua queimando nossa pele ao mesmo tempo em que ela é atravessada pela refrescante brisa levemente gelada. Nessa época do ano, os óculos de sol e a blusa de lã combinam tanto quanto queijo e goiabada. É como uma prova da promessa que fez o sol de nunca deixar nossa terra: mesmo no inverno, mesmo timidamente, ele dá o calor de sua graça.

Estava lendo Stuart Hall e suas reflexões diaspóricas, sentado ao Sul e ao sol, munido da combinação queijo-óculos-de-sol e goiabada-blusa-de-lã, quando ouço uma voz: “Moço, você pode me fazer um favor?”

Levantei meu rosto das páginas até a minha frente onde, parada, estava uma senhora de uns setenta anos. Respondi: “Sim!”. Ela retrucou: “Você pode pegar umas frutas naquela árvore pra mim?”

Creio ter hesitado alguns segundos para responder. Perguntei a mim mesmo se havia entendido certo. Creio ter até esboçado um sorriso de canto de rosto, traduzindo a graça que encontrei naquela situação anormal para um paulistano. Senti-me participando de um conto bucólico, talvez até de décadas passadas, em plena cidade grande do século XXI. Isto poderia perfeitamente ter se dado em qualquer praça de uma cidade do interior do Brasil, não ocorresse entre fortes sons de carros da carregada avenida há metros dali e pessoas com pressa passando progressivamente — isto denunciava tratar-se mesmo de São Paulo.

Causou-me demasiado espanto, ademais, a assertividade daquela pergunta. Eu não fora previamente introduzido no contexto, ela não traçou um breve histórico que me situasse ou que me respondesse algumas questões básicas como: quem era ela? o que estava fazendo ali? por que precisava de ajuda? Foi

uma pergunta jogada ao ar como um suspiro dado quando estamos cansados e sozinhos, mas que ela dirigia proposital e despretensiosamente a mim.

Perdido na sobreposição dos contextos, dentro da minha mente, e com aquela pergunta assertivamente doce que nem a fruta que ela desejava, retornei ao momento e consegui responder um: “Claro!”.

Aproximei-me dela e pude observá-la melhor. Aos poucos, aquela senhora era apresentada a mim. Ela vestia uma calça dessas de ginástica (parecia que gostava de andar), uma blusa listrada bonita que a protegia do frio e um gorro que atestava sua personalidade.

Ah, os gorros! Que paixão aparentemente compartilhada eu e aquela senhora nutríamos por gorros. É como se os gorros nos tornassem crianças novamente. Eles tiram nossa seriedade — ainda mais importante em épocas, por vezes tristes, de frio — e nos trazem uma certa humanidade compartilhada: o frio na cabeça, coberta por um pedaço de tecido que não deixa ninguém propriamente belo, nos iguala.

Aquela senhora elevava minha paixão por gorros a um novo patamar. Parecia o tipo de gorro que um neto havia lhe dado e minha intuição me dizia que ela teria adorado e vestido logo em seguida, porque era colorido de rosa e branco, em listras nada óbvias, e a fazia rejuvenescer.

Quando me teve por perto, ela me disse: “você parecia mais alto quando o chamei, mas você é baixo e magro”. Eu ri. Estas palavras não foram ditas em tom malicioso, em absoluto. A senhora era espirituosa e algo nela me acolhia. Concordei e disse “É verdade. Eu dou a impressão de ser mais alto pela minha magreza, mas na verdade não sou”. Ela fez que sim com a cabeça. Seguimos para perto da árvore, a alguns passos de distância de onde estávamos. “Não tinha ninguém aqui perto, antes. Então você foi o escolhido”. Ri novamente. Seus olhos, ainda procurando por outra pessoa melhor preparada para a tarefa, praticamente confirmaram seu desaponto com minha altura e, por consequência, com a capacidade que ela julgava eu não ter em lograr seu projeto de conseguir frutas. Ainda assim, eu parecia ser sua única opção e, sem que precisássemos dizer nada, comprometemo-nos um com o outro.

As perguntas de um jovem paulistano perdido e um pouco egocêntrico começaram a ser finalmente respondidas quando ela disse: “Então, eu gostaria de pegar algumas dessas frutas, mas estou muito velha pra isso, você sabe. Achei esta aqui no chão mas já está podre”, apontando-me sua recente descoberta decepção,

já bichada. Compadeci-me. “Queria pular para pegar estas aqui, mas por causa da idade, já não consigo. Você poderia tentar?”

Após certa desconfiança e desaprovação por parte da senhora, eu fiz questão de ter êxito naquele há pouco tempo eleito objetivo: conseguiria frutas para ela, tornara-se uma questão de honra (e orgulho). Confesso que na primeira avaliação da árvore já julguei que teria sucesso: os frutos estavam a um pequeno pulo de distância. Ela não estava esperando que, tão logo houvesse terminado de falar, eu olharia para a árvore e pularia, esticando o braço até um de seus galhos. O pulo não fora tão fácil quanto eu havia pensado e, por um breve momento, achei que iria falhar na primeira tentativa. Entretanto, no mesmo momento em que meus pés voltaram a tocar o chão, dois frutos caíram do galho, ressoando grandes barulhos. A gravidade puxara de volta, simultaneamente, as caças e o caçador.

Sorri e orgulhei-me, porém, logo em seguida, brotou-me um pouco de vergonha. Não queria que os frutos tivessem caído no chão, poderiam ter estourado e não seriam de uso algum. Havia sido um tanto precipitado e me senti como aqueles anti-heróis que deixam a sede em busca do objetivo cegá-los a ponto de falharem. Com a vergonha aumentando, olhei para a senhora, que imediatamente soltou: “Você conseguiu! Que bom!”. Aliviei-me. Minha recém-eleita suserana acabara de validar a conquista de seu vassalo. Este corpo magro e frustradamente baixo foi de serventia.

Corri para pegar os frutos caídos e dei-os em suas mãos. Ela agradeceu. Comentei que ainda estavam verdes.

— Não tem problema — ela disse —, vou usar eles assim mesmo.

— Mas pra que eles vão servir? — perguntei.

— Essas frutas se chamam maçãs do elefante. A árvore também é conhecida por árvore do dinheiro, ou algo assim. Depois você procura. Elas são boas pra fazer a dor passar.

— Verdade? E como elas fazem isso? — indaguei surpreso.

A senhora, vendo meu interesse, animou-se para me contar:

— Ah, é só você pegar elas assim, verdes, colocar no álcool, deixar de molho uns dias e pronto. Só passar onde você sente dor. É a melhor coisa pra minha artrose.

Dentro da minha cabeça voltei ao ambiente bucólico e antigo colocado pra mim nesta história. Era como se, além disso tudo, estivesse prestando favores e

falando com uma sábia bruxa ou curandeira que compartilhava seu conhecimento secular. Que sorte a minha!

Perguntei se era pra todo tipo de dor e ela disse que sim, qualquer dor que sentisse no corpo, era só passar isso. Ela tinha dores na perna e era a única coisa que resolvia. Ela estava atrás dessas frutas fazia tempo e finalmente havia encontrado. Por isto mesmo, não podia perder a oportunidade de pegar algumas, ou melhor, pedir para pegarem para ela. Brincou que não estava apenas velha, mas gordinha e já não conseguia este tipo de façanha, ao contrário de mim. “Eu era assim que nem você na sua idade, você ainda tem muito tempo antes de ficar igual eu”. Demos risada. Perguntei seu nome, que já não me lembro mais. Ela perguntou o meu. Agradeceu-me novamente e logo nos despedimos. Talvez pensasse que já me incomodara o suficiente.

Observei-a de costas retomar seu caminho a passos calmos, feliz com os frutos na mão e contornar a esquina. Estávamos a poucos metros de um posto de saúde e ela fora em sua direção. Não pude deixar de pensar que compartilharia o achado com os usuários daquele posto, afinal estava com o remédio da natureza em mãos. Arranjariam os materiais necessários para aquela espécie de marinada do fruto e a disponibilizaria numa grande jarra colocada em algum balcão, onde estaria escrito “maçã do elefante: remédio pra dores no corpo”. Dividiriam pequenas porções entre os queixosos de dores, que repartiriam com os conhecidos as benesses da planta.

Abruptamente, não obstante, minhas abstrações foram barradas pelas buzinas. De volta à realidade da cidade grande, já sem a presença daquela senhora, não enxergava este desfecho fabulesco ocorrendo entre muros e prescrições. Não sei dizer se haveria espaço para este conhecimento popular naquele local, se a maçã do elefante tomaria o lugar de anti-inflamatórios e analgésicos. Afinal, poderia um médico substituir Pachamama?

Não sei também se o tratamento para as dores estava mais naquele fruto ou naquele encontro. No intervalo de tempo que criamos, talvez nossos diagnósticos tenham sido dados: procrastinadores, possuem dificuldade em realizar tarefas sozinhos, sofrem de uma obsessão por encontros espontâneos na cidade. Não sei se a planta medicinal daria conta de nos oferecer cura. De qualquer forma, prefiro encantar-me com a sabedoria do divertido gorro que estreitar-me à ciência do jaleco branco.

Assim que me permiti voltar ao presente, procurei na internet as informações sobre as frutas. Tudo estava correto. Soube, inclusive, que esta árvore era originária da Ásia e foi trazida ao Brasil por Dom João VI. Ficara conhecida aqui como árvore do dinheiro porque, em seu palácio, Dom Pedro I costumava esconder moedas em seus frutos brincando que deles nascia dinheiro. Ironicamente, era rara na cidade.

Havia me dado à tarefa de uma criança serelepe, pego frutos de uma árvore colonial e conversado com uma sábia curandeira! Não sei se o tempo havia passado ou voltado. Talvez tenha mesmo é parado: tempo de prosa descabida em São Paulo se faz tão raro quanto a árvore do dinheiro.

\* \* \*

**Vitor Rocha de Araújo** é graduado em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e mestre em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Inspirado por histórias de vida, por práticas e concepções outras de saúde e apaixonado pelas conexões entre vida e arte.





## Cemitério de insetos

*Cupertino Freitas*

O percurso até meu destino era por uma vereda na mata fechada, e os últimos quilômetros seriam morro acima. Era um presente poder caminhar sob a copa das árvores, protegido do sol escaldante. Quando cheguei ao riacho, lembrei-me de meu pai, em dias de feira na vila, descendo aquela trilha com espigas de milho no lombo de jumentos. No dia em que me levou junto pela primeira vez, precisou me colocar nos braços para fazer a travessia. Onde corriam águas caudalosas, agora havia poças. Tirei fotos das pedras antes submersas e fui invadido pela saudade de um tempo estancado na memória, quando minha família ainda era intacta. Vinte e oito anos haviam se passado desde que descemos a serra de vez e nos dispersamos, minha mãe, meus irmãos e eu, logo depois da morte de meu pai. Agora eu estava de volta, na minha primeira missão como agente comunitário de saúde.

Depois de cruzado o riacho, começava, de fato, a subida. Na parte mais íngreme da caminhada, ouvi um canto de passarinho vindo do chão. Era um filhote de sanhaçu tentando levantar voo. Forcei a vista e consegui ver um ninho no alto de um jatobá. Aproximei-me do filhote, pus o bichinho no bolso da camisa, apoiei meus pés num dos galhos baixos da árvore e subi com destreza, como se ainda fosse criança. Com o passarinho de volta ao ninho, sentei-me num galho para apreciar a paisagem espetacular e vi, ao longe, o lugarejo aonde queria chegar: Caboclos, um agrupamento de sete casinhas de taipa em uma clareira no cume da serra da Boa Vontade.

De onde estava, tinha uma visão completa do lugar onde passei os meus primeiros sete anos de vida, brincando e me danando com meus irmãos e meia dúzia de meninos e meninas. Ali fui muito feliz, correndo morro abaixo para ir nadar no riacho, pescando, caçando, subindo em árvores atrás de frutas maduras, inventando mil e uma traquinagens. Eu era um dos mais arteiros, tudo transformava em brincadeira. Por conta de uma delas, fiquei conhecido

como “menino coveiro”. Havia criado um cemitério de insetos atrás da minha casa, com fileiras de pequenos túmulos feitos de pedrinhas arredondadas que eu catava no riacho. Intrigadas com minha iniciativa, as crianças começaram a trazer borboletas, gafanhotos, formigas e besouros mortos para que eu os enterrasse.

Isolados lá no alto, parecíamos ser livres de todas as desgraças e desventuras do mundo. A falta de quase tudo não afetava nossa alegria. Até que meu pai foi acometido por uma doença misteriosa e morreu em questão de dias. Era meningite meningocócica. Ele e uma menina que estava sempre de tranças morreram da doença. Em Caboclos, ninguém tinha ouvido falar em vacina.

Assim que cheguei, uma senhora magrinha apareceu na porta de uma das casas com uma bacia nas mãos e fez um movimento brusco, descartando a água que havia dentro do recipiente. Ficou parada na porta, com os olhos fixos na minha farda, sem piscar. A recepção fria não me intimidou. “Bom dia”, eu disse, abrindo um sorriso. Ela balançou a cabeça num cumprimento hesitante. “A senhora tem filhos?”, perguntei. Ela ergueu a cabeça e me encarou de cima a baixo com cara de poucos amigos. Eu lhe expliquei o que eu era e o que me trazia a Caboclos. Ela nunca tinha ouvido falar em agentes de saúde. Perguntei se os meninos tinham recebido as vacinas obrigatórias. “Está havendo um surto de sarampo; a senhora precisa levar seus filhos para serem vacinados. É para evitar que eles peguem sarampo e para proteger contra caxumba e rubéola”. Ela continuou a me olhar com suspeita.

Um menino de dois a três anos espremeu-se por entre ela e a porta e tentou correr para o terreiro. Ela o segurou pelo braço. Outros dois, um pouco maiores, apareceram. Olhares assustados, barrigas protuberantes, corpinhos mirrados. Ela mandou os três passarem para dentro de casa. E continuou calada, receosa em dizer qualquer coisa. Não parecia convencida de que eu estava ali para ajudá-la. Então, resolvi contar-lhe quem eu era: “sou filho de Cesário, fui embora daqui quando pequeno, depois que ele morreu”. A mulher ficou atônita. “Você é qual deles?”, perguntou-me. “O menino coveiro”. Ela levou as mãos à boca e correu para me abraçar. Era minha amiga de infância, Zuleide, irreconhecível com metade dos dentes e um lenço na cabeça. Puxou-me pelo braço, me apresentou os três filhos e me chamou para tomar um cafezinho quando terminasse meu trabalho.

Visitei as outras famílias da comunidade. Fui bem recebido ao me apresentar como filho da terra. Depois quis ver o que restava da casa em que

morei. Estava em ruínas, o mato tinha tomado conta dos três pequenos vãos. Fui para os fundos, na vã esperança de encontrar o meu cemitério de insetos intacto. De cócoras, riscando o chão, encontrei uma pedrinha arredondada. Estava lá, dando testemunho de um tempo bom que se foi. Limpei-a, coloquei-a no bolso da camisa e percebi que um gafanhoto tinha pulado em meu ombro. Era como se viesse me saudar. Fui tomado por uma sensação indescritível e fiquei com os olhos marejados. Voltei para a casa de Zuleide em estado de graça.

Enquanto tomávamos café com pamonha, Zuleide me falou que nunca tinha se esquecido da irmã mais nova, que morreu com a mesma doença de meu pai. Sentia saudades de cuidar de suas tranças. Disse dos anos vividos ali, um igual ao outro. Era separada do marido e do mundo. Não tinha conhecimento das coisas, não sabia de quase nada do que se passava fora da Boa Vontade. Morria de medo de forasteiros, pois soube da história de uma mulher que apareceu no Arrozal, do outro lado da serra, levou uma menina pra tratar os dentes, e nunca mais se teve notícia da criança. Eu lhe disse que seria seu aliado, um elo entre a comunidade e o posto de saúde. Se alguém precisasse de atendimento, eu iria orientar e acompanhar de perto. Se quem necessitasse de cuidados fosse menor de idade, a mãe ou o responsável estaria junto. Enfim, eu faria o que estivesse ao meu alcance para ajudar os moradores da serra a se manterem saudáveis. Ela agradeceu e me disse que iria levar seus três meninos para a vila no dia seguinte. Não iria perder mais uma pessoa sua para uma doença que podia ser evitada com vacina. Eu lhe dei um abraço forte e parti sorrindo, com a sensação de dever cumprido. Na descida da serra, parei debaixo do jatobá. O passarinho estava no ninho, com sua mãe, aprendendo a cantar. Como devia ser.

\* \* \*

**Cupertino Freitas** é escritor e professor de escrita criativa. Autor dos romances “Judas no Paiol” e “Cidade Santa”, tem contos publicados em várias antologias. Primeiro lugar no III Concurso Cuéntame un cuento, da Universidade de Salamanca (2019); premiado no concurso Repertório de Utopias do Itaú Cultural (2019); como coautor na primeira edição do Prêmio literário 200 anos da Independência (2018) e autor na segunda edição (2019).





## Eu vi a cara da morte e ela estava viva

*Adriano De Lavor*

“Bicha, pelo amor de Deus, abre logo esse envelope e acaba com essa agonia!” Resultado do exame em mãos, a expressão de Artur era de quem já havia morrido há dias. A questão é que há algumas semanas ele tinha descoberto umas manchas estranhas na barriga e, como sempre, ficou apavorado. Era uma pessoa preocupadíssima com a própria saúde. Na verdade, a preocupação maior não era nem com a saúde, ele ficava tenso com qualquer coisa que ameaçasse sua aparência. Depois de enfrentar a árdua tarefa que era ter nascido ruivo em uma cidade onde o tipo ainda causava estranheza, e de ter passado por maus bocados com tantos cravos e espinhas na adolescência, ele não saía de casa sem um bom protetor solar, investia dinheiro em muitos cremes e hidratantes para o cabelo, gastava horas na frente do espelho antes de ir a qualquer lugar.

Mas médicos, exames, destes ele corria léguas. Ficava apavorado só com a possibilidade de ficar doente. Qualquer mancha no corpo, portanto, era sinal de perigo. Ainda mais assim, de uma hora pra outra. Sem pancada. Sem coceira. Sem aviso nenhum. Só podia ser uma infecção interna, pensou, dramático que era. Por isso mesmo, procurou, depois de muito hesitar, o conselho de um amigo da academia, que fazia medicina. Pesos na mão, o rapaz se recusou a arriscar um diagnóstico, mas aconselhou: “Por que não faz um exame anti-HIV? Daí já descarta logo o pior.” A sugestão já foi encarada como diagnóstico positivo. Respirou, soltou a barra de supino e se olhou no espelho: estava doente, certeza absoluta. Diante da morte iminente, imaginou como ficaria horrível.

Foi um custo desabafar com seus melhores amigos, que andavam preocupados com o silêncio pouco habitual da bicha que era alegria e autoconfiança em pessoa. Nenhuma nova história sobre boys maravilhosos da academia apaixonados por ela; nenhuma gracinha dita ao guardador do carro sem camisa, torso entregue ao olhar hipnotizado das três, quando estacionaram o carro em uma das últimas saídas; nada de fuxico sobre os rapazes de fora que, naquele momento,

animadamente brindavam ao lado do balcão do bar, onde haviam acabado de chegar. Muda. Murcha. “Bicha, desembucha”, bradou Bernardo, impaciente.

No bar quase vazio daquela já distante quinta-feira de 1992, calçada deserta, só os dois interlocutores a sua frente, ele finalmente desabafou: “Estou com AIDS!”. “Tá louca, criatura? Deixa de viagem, Artur, tu nem abriste o envelope! Só vives inventando doença, pareces uma louca”, disparou Vinícius em conjugação corretíssima, o que deixou o amigo mais apreensivo. Parecia uma tia velha ralhando com a criança, pensou, aliviando-se do calor com mais um gole de cerveja. “Eu proponho um brinde! Um brinde à bicha mais hipocondríaca que eu conheço”, ironizou Bernardo, às gargalhadas, revirando os olhos e levantando a tulipa, ainda cheia, em direção ao centro da mesa. “Será que vocês não levam nada a sério, viados? Eu tô realmente preocupado, caralho!”, rebateu Artur, nitidamente contrariado com a falta de solidariedade diante do seu drama.

A verdade é que os outros dois também estavam preocupados — na medida em que alguém com 20 e poucos anos se permite e consegue ficar preocupado —, mas tentavam disfarçar. Eles eram melhores amigos, trio inseparável desde o primeiro encontro. Artur e Vinícius se conheceram na faculdade, e logo viraram amigos; Bernardo se juntou à dupla pouco depois, quando os conheceu em uma festa de aniversário. Colaram uns nos outros a partir de então. Só andavam juntos, vestiam roupas parecidas, riam das mesmas coisas, compartilhavam piadas, segredos, angústias e, claro, depoimentos sobre os desejos da idade: independência, homens, futuro, homens, bebidas, homens, drogas, homens.

Desenvolveram muito rápido a intimidade característica de quem compartilha o incômodo e o prazer de ser tachado de diferente. Trajetórias diferentes marcadas pelo carimbo de serem gays. Juntos, sentiam-se livres e fortes. Apoiavam-se, protegiam-se, adoravam-se. Mesmo que, como homens, competissem entre si sobre as recentes conquistas da vida adulta, desenvolveram a incrível capacidade de antecipar pensamentos, adivinhar desejos e completar frases, algo que, inclusive, os afastava da convivência de outras pessoas. Bastavam-se — fraternalmente. Essa irmandade protetiva masculina permitia que eles experimentassem intensamente as oportunidades de se excederem. Em tudo. Por isso estavam preocupados.

Não que acreditassem que o amigo fosse mais promíscuo que eles. Não havia como qualquer um deles julgar a intimidade do outro sem se sentir

identificado com escolhas, posturas e vacilos. Em muitos aspectos, um era espelho dos outros dois. Eles viviam em um mundo que propagava, com a mesma velocidade e a mesma intensidade, as benesses da chamada “geração saúde” e os perigos de viver em tempos de risco.

De um lado, academias de ginástica lotadas, surfistas colorindo as praias, bebês de proveta na TV, a longevidade vendida em produtos cada vez mais acessíveis — pelo menos para eles, jovens de classe média que viviam em uma ensolarada capital do Nordeste; de outro, a face mortal de quem cruzava a linha imaginária do que se considerava “excesso”: as primeiras boates gays, as noitadas regadas a muito álcool e a liberdade de se expressar — mesmo que em ambientes ainda restritos.

Eram também tempos muito estranhos e, às vezes, eles sentiam que o medo os seguia feito sombra que não se apaga quando acaba a luz do dia. Estamos falando do início dos anos 90, quando muita gente estava morrendo, vítima do que os jornais anunciavam como “peste gay”. Acontecia perto e acontecia longe. Gente que sumia e reaparecia muitos quilos mais magra; gente que, de uma hora para outra, era internada, piorava... E morria. Gente famosa, gente da rua, gente do dia a dia. Pelo menos uma pessoa eles conheciam que estivera mal ou já tinha morrido infectada pelo HIV. Uma vez contaminado, ninguém escapava. E era sob essa lâmina afiada e sombria da morte que viviam: lembrando e esquecendo, todos os dias, daquele vírus que rondava suas escolhas, seu prazer e suas companhias. E que era tema de campanhas na TV e de piadas de mau gosto. Ambos os discursos os incomodavam.

A intimidade que os unia, no entanto — forjada metade nos segredos compartilhados, metade na lealdade conquistada em mesas de bar —, permitia que um assunto tão delicado fosse tratado entre uma risada e outra, a única forma que conheciam para amenizar a proximidade com o perigo. Cada um lidava com a ameaça de um jeito. Bernardo fugia do assunto; Vinícius, pesquisava; Artur, sofria. Mas os três tinham um pacto com o humor, e este autorizava que se sacaneassem, mesmo quando o assunto era sério. Era assim que se tratavam na intimidade: de bicha, viado.

Como a maioria dos homens, eles demonstravam amor à base da depreciação irônica e da crítica ferina. Então ninguém tinha dado muita atenção ao relato de Artur, em pleno início de noite de uma quente e deliciosa quinta-feira. “Isso é que dá malhar demais e fumar de menos”, sentenciou Vinícius, enquanto apertava mais um baseado na mesa metálica do bar. Logo estavam rodeados de

muita gente e relaxados com muita cerveja, motivo pelo qual os dois interlocutores até esqueceram, por alguns instantes, que Artur continuava certo de que iria morrer — mesmo que fosse de um colapso nervoso, talvez.

Ele percebera no banho as manchas na pele, e logo ficara preocupado. Alergia? Picada de inseto? Sol demais? Maconha demais? Noites a menos de sono? Foi aí que, baseado na mão e fita K7 na outra, escutou no rádio a voz do Cazuzza vaticinar: “Eu vi a cara da morte e ela estava viva.” Afe! Até seu maior ídolo havia sido raptado pela doença. De uma hora para outra, o drama estava instalado: a impressão que ele tinha é de que o mundo se organizara para acusá-lo de má conduta e, imediatamente condená-lo à morte. Homossexual. Maconheiro. Doente. Triste fim da bicha que mal começou a faculdade e não vai nem conseguir conhecer a Europa, pensou, enquanto franzia a testa ao perceber mais uma ruga de expressão. “Preciso de ajuda”, disse ao espelho, corrigindo a pele com o pó compacto. “Preciso da ajuda dos meus amigos”, repetiu, como se tentasse convencer a si mesmo.

Naquele tempo, falar sobre AIDS não era tão simples. Não se falava do assunto com naturalidade nem em consultórios médicos. As pessoas comentavam em voz baixa, tinham dificuldade em nomear a doença. A simples menção às quatro letras destruía qualquer possibilidade de comunicação. Se era mencionada em uma ocasião, logo alguém sugeria mudar de assunto e reivindicava “uma conversa mais leve”. Fosse uma dúvida ou um pedido de orientação, as sobrancelhas se arqueavam em posição acusatória, parecendo denunciar promiscuidade. Na TV, nas escolas e até nos centros de saúde, as campanhas oficiais usavam e abusavam de metáforas ameaçadoras. As poucas iniciativas de prevenção ainda Tateavam entre formas e formatos de comunicar. Destinavam-se aos chamados “grupos de risco”, deixando de lado o grande público — que nada sabia, não queria saber e tinha muito medo de perguntar.

Naquele começo dos anos 1990, já havia mais de 10 milhões de pessoas infectadas pelo HIV no mundo, e 11 mil casos da doença já tinham sido notificados no Brasil. Mesmo assim, mídia, profissionais de saúde e políticas públicas se concentravam na letalidade do vírus e ignoravam as pessoas que, mesmo soropositivas, não manifestavam nenhum sintoma da doença. Muitas delas sobreviveram ao início da epidemia e estão vivas até hoje. Mas isso, os três meninos nem desconfiavam. Nem em sonho poderiam acreditar que alguém pudesse

continuar vivo após ser diagnosticado positivo e, muito menos, que viveria com qualidade, como se provou anos depois. Os tempos eram de segredo e de medo.

De todo modo, Artur, em um lampejo de coragem, decidira que iria se submeter ao teste, mesmo que isso significasse antecipar sua própria sensação de morte. Havia decidido depois de tanto escutar os dois amigos dizerem o quanto era idiota e o quanto o amavam — ao modo dos três, claro. Na noite do desabafo, ele experimentou de leve as vantagens em se mostrar vulnerável, ele que sempre se mostrara tão forte, que não se perdoava ao revelar a mais tênue fraqueza. Chamou sua atenção o número de vezes que observou Bernardo cuidando dele, mesmo que fosse não se esquecendo de chamá-lo para fumar; lembrou-se nitidamente do beijo que recebeu de Vinícius ao deixá-lo em casa, seguido da promessa de que poderia contar com ele.

Pois foi exatamente o que ele fez no dia seguinte à decisão, bem cedo. Trocou de roupa, pegou o Circular e desceu do ônibus matutando como iria cobrar do amigo a promessa. Mal Vini abriu a porta ele já soltou, amuado, o desejo de que o outro fosse acompanhá-lo ao laboratório central. Nem sabiam o que esperar. Para sua surpresa, ao chegar lá, o lugar parecia mais leve do que haviam imaginado, com exceção de um cartaz que parecia perseguir o olhar dos dois, na sala de espera: “Se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar.” Fingindo aparentar tranquilidade, Vinícius pensava: “Ô tristeza ter que passar por isso.” E mais: “Será que eu me cuidei? E se tiver doente? E como vou contar para os meus pais?”

Mil coisas passavam pela cabeça de Vini naquele momento. Do trio, ele era o expansivo, o que conhecia todo mundo, descobria onde eram as festas, quem conseguia os convites. E as drogas, principalmente. Leitor voraz, bom aluno, estava por dentro de todas as notícias e todas as fofocas. Ávido por informação, curioso por natureza, tinha a língua solta e não refreava seus comentários. Por isso mesmo, colecionava afetos e desafetos na mesma medida, mas dos últimos desenvolvera a habilidade de se esquivar com tranquilidade. A mesma com a qual se desvencilhava dos questionamentos sistemáticos a que era submetido pela mãe sobre sua sexualidade.

Na situação em que Vinícius se encontrava, no entanto, estava completamente fora do seu habitat. Odiava aquele tipo de lugar, frio feito gelo, impessoal e imperativo. O tempo que estavam os dois ali, à espera de serem chamados para o exame, ele olhava para Artur e se sentia inseguro, indefeso. Na hora do cadastro, por impulso e por solidariedade, havia concordado em também fazer o teste, mas

já estava arrependido de sua precipitação. As imagens dos cartazes, dos uniformes imaculadamente brancos se embaralhavam com a culpa. A culpa que sentia por ser gay. Não havia avisado à mãe que estaria ali, alguém poderia tê-lo visto entrar. E se pegou rindo, de nervoso, sobre o quanto era similar a excitação que ali experimentava, ao que sentia quando descia do carro e entrava na boate, torcendo para que o sinal de trânsito o permitisse atravessar a rua correndo, sem saber ao certo se teria sido flagrado, expondo-se ao terrível risco de viver.

Ao seu lado, Artur nem falava, mas o amigo sabia o terror que passava por sua cabeça. Inferno. “Que passe logo, que passe logo”, pensou, mais uma vez lembrando da mãe. A expectativa é a mãe do medo, concluiu, sem nem prestar atenção quando Artur se levantou ao ser chamado no balcão. A moça explicou que ele precisaria conversar com a assistente social, antes de se testar. “Já tô vendo que vem bronca”, resmungou ele, antes de desaparecer na porta, em que se lia “aconselhamento”. Nem sabe quanto tempo ficou ali até tudo terminar. Entreteve-se fazendo jogos mentais com as palavras à sua volta, evitando a todo custo o cartaz à sua frente, com mais uma ameaça: “se você não se cuidar...” “Conselho fosse bom ninguém dava, vendia”, passou pela cabeça.

Naquele mesmo momento, longe dali, em casa, Bernardo escutava a fita que Artur gravara para ele no início do mês — e que ele começara a ouvir naquele dia, quando voltava do estúdio. “*And if a double-decker bus/ Crashes into us/ To die by your side/ Is such a heavenly way to die/ And if a ten ton truck/ Kills the both of us/ To die by your side/ Well, the pleasure and the privilege is mine*”<sup>1</sup>, gemia o Morrissey. Bernardo pronunciava as palavras ao mesmo tempo em que as lágrimas escorregavam pelo seu rosto e molhavam o travesseiro. “Tomara que esteja tudo certo”, pensou, driblando a tristeza ao imaginar a cena: os três, enlouquecidos em Londres, sendo atropelados por um ônibus de dois andares. “Aí, sim, seria trágico”, gargalhou sozinho.

“Aí sim o quê, criatura?”. A mãe interrompeu a cena, que já havia se transformado em um videoclipe imaginário na cabeça de Bernardo. “Estou pensando como a vida pode ser breve”, respondeu, ajeitando-se na cama. “Estava chorando? O que houve?” Um longo abraço e muitas angústias pronunciadas depois, dona Zélia confortou o filho com um sorriso nos lábios. “Meu filho, vocês não se cuidam? Não

1 “E se um ônibus de dois andares/ Colidisse contra nós/ Morrer ao seu lado/ Que jeito divino de morrer/ E se um caminhão de dez toneladas/ Matasse a nós dois/ Morrer ao seu lado/ Bem, o prazer e o privilégio seriam meus” (Tradução livre).

usam camisinha? Ou será que andam...”. “Para, mãe, estamos preocupados com o Artur, a senhora sabe como ele é, capaz de achar que se contaminou só por ter um dia imaginado a possibilidade de transar com o Cazuzu”, ironizou.

Dona Zélia conhecia bem aqueles três e acompanhava de perto a evolução da amizade. Era uma das poucas mães a ter esse privilégio, pensava ela. Não era da cidade, não tinha marido, trabalhava fora, cuidava da própria vida. E, principalmente, sabia que os meninos eram gays. E não se importava com isso. Preocupava-se, é verdade, com a violência, com a rejeição, com as dificuldades que iriam enfrentar, mas no fundo sabia que nada daquilo seria diferente se fossem heterossexuais. Talvez sofressem em menor escala, talvez não. De todo modo, enfrentariam alegrias e tristezas relacionadas ao processo de crescerem e se tornarem adultos.

Na escola onde ela trabalhava, tinha colegas professores gays com quem mantinha um excelente relacionamento, inclusive fora do ambiente de trabalho. A convivência com eles facilitou o diálogo com o filho e a estabelecer um vínculo que se tornava mais forte a cada dia. Uma intimidade que não era comum, ela sabia, mas que dava a ela segurança e prazer. E que era alvo de inveja dos amigos de Bernardo, segundo ele havia dito. “Meu filho, vamos confiar, que no fim dá tudo certo”, aconselhou, fechando a porta do quarto. Ele apoiou o cotovelo no travesseiro para poder acelerar a música seguinte, que achou chata. “Nessa, a bicha errou feio”, disse para si mesmo, pensando que tudo, na verdade, era uma grande loteria. Não se acerta sempre. “Deus queira que ela não erre hoje”, suspirou.

Dos três, Bernardo era o que menos temia o pior. Havia perdido o pai ainda criança, já tinha morado em muitas cidades, começara a trabalhar cedo. Depois de tantas perdas e barras enfrentadas ao lado da mãe, aprendera a se manter tranquilo mesmo diante da mais terrível ameaça. Alto, forte como um touro, passava longe do estereótipo que se tinha sobre os gays naquela época. Tinha muitos amigos heterossexuais e quase nunca era alvo de xingamentos. No grupo, sentia quase a obrigação de proteger os amigos, que invariavelmente recorriam a sua mãe quando se metiam em alguma encrenca. Mesmo assim, não havia como estar tranquilo sem saber o que acontecia com os outros dois.

Do outro lado da cidade, o sol inclemente do meio-dia torrava os miolos já quentes dos dois rapazes na saída do laboratório, que rumavam ao ponto de ônibus. “Bicha, isso tem que ficar entre nós. Quanto menos gente souber melhor”, disse

Vinícius, sem saber direito por qual motivo havia pensado exatamente aquilo naquele momento. “Olha quem fala, a boca mais elástica da faculdade”, resmungou o outro, já separando o dinheiro para a passagem. “O que importa é que estamos juntos e vai dar tudo certo”, tentou consertar o falastrão. “E se a gente abandonasse a aula e fosse à praia?”, sugeriu Vini. “Bicha, pare com isso que hoje tem prova”, argumentou Artur, já estendendo a mão para o ônibus quase vazio que parava a sua frente.

Até a faculdade, quase não falaram, cada um concentrado nos seus fones de ouvido e nas inquietações que vinham à cabeça, aos montes. A expectativa da morte estava materializada no pequeno curativo que traziam no braço e no canhoto que os orientava a voltar dali a uma semana para receber o resultado. Dois pequenos indícios de risco, duas pequenas pistas de um crime que não sabiam se haviam cometido. Instintivamente, arrancaram, os dois, o esparadrapo, como quem limpa o nariz depois de uma carreira de pó. Aqueles não eram tempos seguros para se ostentar vestígios de fragilidade.

A semana transcorreu tão lenta que parecia que os dias tinham 48 horas. Os três quase não se falaram até o dia da entrega do exame. Artur e Vinícius estavam às voltas com as avaliações de fim de semestre, mal se encontraram na faculdade. Bernardo, que estudava em outra universidade e já estava quase migrando da condição de estagiário para funcionário, na fábrica onde trabalhava, só encontrava com eles no fim de semana. Naquele, especificamente, ele tinha que preparar esboços da sua primeira coleção, não quis sair. Artur aceitou ir à casa de praia com a família, para não pensar em nada — coisa que não conseguiu — e não deu notícias pra os dois. Já Vinícius se jogou no fim de semana como se, literalmente, fosse o último. Bebeu todas da quinta ao domingo, aceitou todos os convites e descobriu outros. Não conseguiria ficar um minuto sozinho. Na segunda-feira era praticamente um zumbi, de ressaca; na terça, quando voltou a se sentir um ser humano, ligou para os dois e marcou a clássica saída de quinta à noite, dia em que fofocavam e bebiam até não aguentarem mais a voz um do outro. Exatamente na quinta-feira o resultado do exame estaria pronto.

No dia marcado, Vinicius acordou cedo e logo correu para o laboratório. Nem pensou em ligar para o amigo. Aliás, até pensou, mas era praticamente impossível ter privacidade em sua casa para combinar o que quer que fosse. Na sua casa, o telefone ficava na sala, no mesmo móvel da TV e do videocassete, o que

significava que qualquer conversa tinha a mesma audiência que a novela das oito. Ele não teria a menor condição de falar com o amigo, correndo o risco de deixar escapar algum indício do segredo que guardavam. Estava tão ansioso que não tomou café e decidiu caminhar até lá, tempo que teria para pensar no que faria, no caso de receber uma má notícia.

No caminho, lembrou de piadas infames que ouvira sobre o diagnóstico para HIV. “O que há de positivo na sua vida? A sorologia para HIV.” “Desgraçados”, pensou, acelerando o passo quase ao ritmo do coração. Quinze minutos de caminhada e já estava lá, na porta do laboratório, sem coragem para entrar. A movimentação de gente entrando e saindo trazia lufadas de ar-condicionado bem-vindas para aquele ser humano nervoso. Em uma dessas aberturas para o clima temperado, viu um rapaz saindo da dita porta do aconselhamento aos prantos.

O coração gelou. “E agora? Pra quem vou contar primeiro se meu exame der positivo?” — um tapinha nas costas e ele reconheceu a moça da recepção, que chegava ao trabalho. Aproveitou o sorriso cúmplice e entrou na sala, graças a Deus vazia, àquela hora da manhã. “Veio buscar o resultado? Fica tranquilo, vai dar tudo certo”, disse ela, canhoto na mão esquerda, mão direita dedilhando uma multidão de fichas. “Maldita ordem alfabética que me faz sempre ficar por último”, resmungou em voz baixa. “Agora você aguarda que a assistente social vai te receber já, já”, disse, ainda com envelope na mão. “Posso ver?”, perguntou. “Claro que não! Você vai ver o resultado junto com ela.” Coração gelou... *Again*.

Ele teve certeza, naquele momento, que estava contaminado. Imediatamente a cara do Cazusa veio à sua mente. Revisou, mais uma vez, todas as suas últimas relações sexuais. Todas com camisinha — achava. Mas ele ficava louco quando bebia. Poderia ter esquecido de usar. “Impossível!”, repetiu, convencendo a si mesmo de que não seria sua culpa, caso algo saísse do controle. Mas poderia ter sido no sexo oral. Será? Tinha risco. Queria perguntar, mas não tinha coragem. “Foda-se!”, deixou escapar, corando ao perceber que uma senhora grisalha estava à porta da sala para onde iria, convidando-o a entrar.

O que se seguiu ele nem soube contar aos amigos, naquela noite de quinta-feira. Ele só lembra de ter lido umas dez milhões de vezes a palavra “negativo” e ter quase desmaiado ao pensar que negativo seria se ele estivesse contaminado e não o contrário, que era o que o teste indicava. Nem prestou atenção a todos

os “conselhos” carinhosamente dirigidos a ele por aquela profissional que se assemelhava à dona Benta do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Era alívio e alegria nas pernas que chamavam a sua atenção. Queria sair dali, queria tomar uma cerveja, queria encontrar os amigos, queria simplesmente esquecer que tudo aquilo havia acontecido. Colocou na bolsa os preservativos que dona Benta lhe deu, agradeceu a atenção e quase esqueceu o envelope lá. Atravessou a sala e reconheceu uma garota da faculdade pela mochila da Redley que ele tanto queria, evitando o constrangimento possível de uma troca de olhares.

Porta afora, sentiu um prazer indescritível ao dar o primeiro trago no cigarro, como se não fosse capaz de suportar a plenitude que o alívio proporcionara. Aos 22 anos de idade deu de cara com a morte e ela estava... “Viva é o caralho, Cazuzza, a morte ainda está muito distante de mim!”. Quase gritou. Ao seu redor, o mundo ignorava absolutamente sua reação, embora ele acreditasse ver as cores mais vivas, escutar os sons mais nítidos e sentir menos incômodo com o calor, sensação que sempre o afetava. Pensou, então, no amigo, mas imediatamente afastou-o da mente, numa espécie de reflexo egoísta de autopreservação. “Tenho que pensar em mim, comemorar esta vitória, para estar inteiro se ele precisar”, justificou para si mesmo.

Durante todo o dia, no entanto, não lhe saía da cabeça a crueza desnecessária daquele sofrimento imposto aos que passavam pela situação de risco. As orientações eram ameaçadoras, a abordagem era incômoda, os protocolos demorados e pouco humanos. Parecia até que a ciência estava a serviço da doença e não das pessoas, considerou. “A criatura já está fragilizada com a possibilidade de contaminação, escuta um sermão antes de passar por um furo de agulha, espera uma semana, escuta outro sermão antes de saber o resultado e ainda sai se sentindo culpada por ser quem é”, comentou com uma amiga durante o almoço, notadamente pouco preocupada com suas elucubrações sobre aquilo. “Por que é que tu tá pensando nisso agora, posso saber?” Ele desconversou. Ninguém percebia como era falha a estrutura de comunicação de tudo aquilo, de como as pessoas podiam ser cruéis em nome da saúde e do cuidado. “Se você não se cuidar, a medicina vai te matar. De susto ou de raiva”, anotou na agenda. Era a última aula do dia. À excitação da manhã e à alegria da tarde vieram a exaustão e a euforia. Precisava encontrar os amigos.

Foi o primeiro a chegar no bar de sempre, refúgio de tantas quintas-feiras quentes e cenário de todos os “esquentã” de tudo que iriam fazer. Ele adorava tudo

aquilo. Sentar-se à mesma mesa, tentar adivinhar a música seguinte, perturbar quem estava tomando conta do som para tocar a música mais incrível do último CD de quem quer que fosse. Pequeno, mas aconchegante, o *Nevermind* não era somente uma homenagem ao Nirvana, era a extensão do quarto de cada um deles — já que nenhum tinha sala nem cozinha próprias, como todo mundo que ainda mora na casa dos pais.

Era ali que confraternizavam, paqueravam, discutiam projetos mirabolantes de trabalho e experimentavam a vida em sociedade. Negociavam saideiras, articulavam caronas, disputavam amores, dividiam contas, penduravam outras, comemoravam vitórias, despediam-se e se reencontravam, pensou Vinicius, concentrado na brasa quente de mais um Parliament, cigarro que só comprava em ocasiões especiais. De longe enxergou a camiseta de xadrez e reconheceu Bernardo, também pelo boné com a aba milimetricamente virada para trás. Acenou e, pelo olhar, o amigo já viu que estava tudo certo. “Estou morta, Bê. Mas é de alegria! A espera acabou. Não é dessa vez que a senhora vai se livrar de mim.” Um longo abraço e já brindavam, às gargalhadas. “Bicha, pelo amor de Deus, vocês me matam. Quase não consegui trabalhar esta semana. Mas eu tô preocupado mesmo é com o Artur. Você não tinha nada...” “Nem ele, viado!” — interrompeu, quase encostando a brasa nas costas do outro. “Aquilo é coisa da cabeça dele, tu vais ver. Falando nisso, cadê essa bicha?”

Quando Artur estacionou o Kadette prata do irmão na única vaga disponível Bernardo já enxergou ali um bom sinal. “Ele chegou,” apontou com o dedo para Vinicius, que discutia com o garçom sobre a temperatura da cerveja. Ele só mexeu a cabeça e encheu os copos, esperando o amigo sentar-se. A criatura vinha transtornada da calçada, já dava pra perceber. “Não tirou nem o toca-fitas do carro? Quer ser roubado?”, alertou Bernardo. “Sabe que essa rua não é tão segura.” “Quem por acaso está seguro nesta vida, criatura. Estou com uma sentença de morte na mão e você aí preocupada com toca-fitas...” “Calma, menino. Qual foi o resultado, afinal?”

O outro se sentou, virou um copo de cerveja de uma vez, olhou bem no fundo do olho de cada um e disse: “Não sei!” “Como não sabe? Você não foi lá, pegar o resultado? Se eu soubesse...”, impacientou-se Bernardo. “Está aqui essa merda, não tive coragem de abrir!”, disse o outro, apoiando os cotovelos na mesa. “Como? Eu só consegui receber o resultado depois de passar pelo aconselhamento”, duvidou Vinicius. Foi aí que Artur contou a péssima experiência com o serviço

de saúde, mais uma para sua coleção. A verdade é que havia nele uma certa insegurança, que ele disfarçava com arrogância, que sempre fazia com que ele fosse maltratado ou maltratasse alguém. Ou os dois.

“O que foi dessa vez?”, arguiu Bernardo. Ele então desfiou seu rosário de lamentações habituais sobre como as pessoas eram despreparadas, o quanto o tinham feito esperar e como ele conseguira, diante da “ignorância da recepcionista”, burlar o protocolo e surrupiar o resultado de seu exame de cima da mesa, antes mesmo de ser recebido pela assistente social. “Você tá maluco? Quer dizer que tem o resultado aí e você não viu até agora?”, disseram os dois, quase ao mesmo tempo, de modos diferentes, atropelando-se nas palavras. “Exatamente. Achei mais seguro abrir com vocês dois!” “Bicha a senhora é mais maluca do que eu pensei”, criticou Bernardo.

Artur estava tão concentrado no seu drama que nem perguntara nada sobre o resultado do exame de Vinicius. Ignorou solenemente sua solidariedade em nome de seu sofrimento. Mas eles estavam acostumados com o comportamento do amigo, que não poucas vezes tinha se mostrado egoísta. “Fazer o quê?”, pensavam. Cada um tinha seus defeitos e eles ainda conseguiam lidar com isso. É que ele, por outro lado, já tinha se mostrado muito generoso também. E isso compensava, no final das contas. Mas naquela situação, isso nem passou pela cabeça de Bernardo e de Vinicius. Eles queriam mesmo era resolver aquilo, tirar o peso do coração e ter motivos para comemorar. Ou pra chorar. Mas o outro continuava relutante.

“Abre pra mim, Bernardo, por favor.” “Não há perigo de eu fazer isso, Artur. Você tem que se responsabilizar por isso, cara. Tanta coisa adulta que você já ensinou pra gente. Vai bancar a criança agora?” O clima pesou, o silêncio chegou e somente foi interrompido quando o som do bar começou a tocar o disco novo da Madonna, paixão declarada dos três. “Será que um dia ela vem ao Brasil?”, suspirou Bernardo, ironicamente. “Bicha, a senhora quer que toque que música no seu enterro?” Gargalhada geral, de nervosismo. O clima de tensão só aumentava. E Artur, nada.

A noite foi cumprindo sua rotina em silêncio, como sempre o faz na presença de boêmios. O bar foi enchendo, vozes e gargalhadas competindo com a música cada vez mais alta, a fila do banheiro aumentando e diminuindo, abraços calorosos sendo substituídos por beijos no balcão. Artur se recolheu no silêncio e os amigos respeitaram. Não adiantava insistir, conheciam muito bem a peça. Eles não iriam convencer o outro a abrir aquele envelope na marra. A menos que estivesse bêbado.

E nesse departamento, Vinicius era o especialista. À primeira oportunidade, pediu mais uma cerveja e uma rodada de tequila — um luxo para aquela mesa de três jovens estagiários. “Para comemorar meu segundo aniversário”, avisou ao Príncipe, garçom que nem fazia jus ao apelido. Ele anotou o pedido, sem questionar.

“Eu não vou querer”, assegurou Artur, com a cara de quem está à beira da morte. “Ah, vai, meu querido. Já pedi”, redarguiu o outro, desviando o olhar. Ele conhecia seu eleitorado, confiava no poder mágico do álcool em dar coragem, mesmo para quem sabe ser falsa essa sensação. “Sabia que no México eles bebem muita tequila no dia dos mortos? Não que eu queira dizer nada...”, provocou Bernardo, com um irresistível sorriso no canto da boca. Artur também sorriu. Foram muitas as tequilas e os limões com sal, e mais copos de cerveja e muitos os cigarros. Logo estavam os três em pé, aos abraços e rendidos às declarações de amor.

“Tu vais lá morrer, viado. Vaso ruim não quebra!”, bradava Vinicius, sem perceber que Príncipe tocava seu ombro, avisando que ou eles sentavam ou iria ceder a mesa a outros clientes que aguardavam. “Ok, ok”, disse ele, lançando um olhar para a mesa que, neste momento, já estava preparada para nova conta. “Cadê o envelope que estava aqui?”, perguntou, olhos arregalados, ao garçom. “Acabei de jogar no lixo”, respondeu Príncipe, um pouco contrariado: “Era conta?”, perguntou. “Pelo amor de Deus! Você não rasgou, rasgou? Traz essa porra aqui imediatamente!”, gritou Artur, alterado. “Calma, meu príncipe, eu vou trazer”, disse o garçom, repetindo o bordão que justificava o apelido que havia recebido. Minutos depois, estava lá novamente o envelope, todo manchado com as marcas do fundo dos copos de cerveja.

“Tive uma ideia”, propôs Vinicius. “Eu abro o envelope, Bernardo desdobra o papel e você lê o resultado. Agora”, disse, já retirando o papel e passando para o amigo. “Isso”, continuou Bernardo, imitando o rufar de tambores: “Vai ter que fazer agradecimento de Oscar, bicha. Prepare-se. ‘*And the winner is...*’”, proclamou, abrindo o envelope bem diante dos olhos de Artur. Foram segundos que duraram uma eternidade, definiria qualquer um dos três. Do momento em que o papel saiu do envelope ao instante em que a fisionomia de Artur deu algum indício de mudança, parecia que o mundo havia parado, que não havia música, nem vozes, nem nada.

“*There is a light that never goes out!*” — gritou, empolgado, o já animadíssimo candidato a morto, acompanhando a música que vinha do bar. “Negativo, viado, negativo!” A comemoração chamou atenção do bar, onde as

peessoas se mostravam curiosas para saber o motivo de tamanha comemoração. Sagaz, Bernardo gritou: “Graças a Deus deu negativo, menina, a senhora não está grávida.” “Esses caras são loucos”, disse Príncipe ao pessoal da mesa ao lado, que continuou sem entender o que havia acontecido.

Eles não quiseram explicar. Nem se deram o trabalho. E comemoraram por toda a noite, até o bar fechar e o sol raiar. Estavam eufóricos com o turbilhão de sensações experimentado aquela semana, como se tivessem acabado de descer de uma longa viagem em uma montanha russa. Assim tão perto da linha que divide o prazer do risco, sentiam a vida pulsar nas veias a cada brinde, a cada abraço, a cada gargalhada. Eles sabiam que muitas outras vezes se aproximariam — e até cruzariam esta linha ao longo da vida, mas juntos sentiam que estavam prontos para a próxima, prontos para a vida.

\* \* \*

**Adriano De Lavor** é jornalista, doutor em Comunicação e Saúde (ICICT/FIOCRUZ), mestre em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ) e integrante do GTCOM da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). Editor da Revista Radis — Comunicação e Saúde, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/FIOCRUZ).



**“Aqui todo mundo tem um monte de bomba guardado dentro de si”<sup>1</sup>: a expressão poética das periferias do Recife e suas potencialidades e possibilidades na promoção da saúde**

*Philip Alexander Galvão McCormack  
Andrea Cristina Tavelin Biselli  
Wandson Henrique Elias da Silva  
Odailta Alves da Silva  
Jailson Leonardo de Oliveira  
Arthur Novais Alves Carneiro*

Se a saúde se fazia dentre os muros do hospital  
E se prometia grandes soluções do sofrimento...  
Por que é que se tornou assim, coisa tão vertical,  
Essa relação que deveria ser de acolhimento?

A resposta foi surgindo em movimento social,  
Que aos poucos foi trazendo nova ideia de cuidado  
Onde a grande iniciativa seria territorial,  
Facilitando o bem-estar do povo mais desamparado.

Mas pra se concretizar ideia tão horizontal  
É necessário ir se revendo e então desamarrar  
(pois assim se reconstrói projeto institucional)  
Nós de marinheiros antigos que se acham donos do mar.

É a partir daí que nós começamos a encarar  
Que saúde é muito mais do que remédio e terapia...  
Promover e prevenir chegam pra revolucionar,  
E por aí provar: saúde tem que ser democracia.

---

1 Verso do poema “Homem bomba”, de Pedro Bomba, poeta de Aracaju.

Pois olhando bem de perto, dá pra gente perceber  
As relações de poder, preconceito e opressão.  
Mas pra delas se livrar e construir novo fazer,  
Não é na voz do especialista, é com o povo, com o pé no chão!

Chão que piso, chão que treme, chão que cuido pra viver...  
Expressão correndo solta pra quem se atreve a escutar,  
O batuque de mil passos, mil corres pra acontecer,  
Encontrando voz e força na poesia, no rimar.

Eu, nada inocente, procurava descobrir  
Se escutando a galera apaixonada por declamar  
Encontraria os caminhos da autonomia e do resistir  
Dum povo à margem que produz seus modos próprios de cuidar.

E então eu perguntei pra quem vive a poesia,  
“Me diz tu, como se junta isso aí com a saúde?”  
Modos de vida, modos de ser, em várias respostas me acabaria,  
Já que ali se compreendia aquele mundo em toda sua concretude!

Na pergunta sempre existe a sugestão de uma resposta,  
O perguntador coloca o que deseja encontrar...  
Nesse caso, integralmente assumia a proposta:  
Poesia toca até onde bisturi não sonha em chegar.

Nessa investigação já se percebe, neutro não há.  
Nossas vidas se fazendo sempre contextualizadas,  
A existência só se faz no mundo que habitará...  
E também vale pro pesquisador, que andou suas estradas!

Pra dar conta de acolher o conteúdo imprevisível  
E não se prender somente no fácil de escutar,  
As conversas foram feitas sem filtro, e o combustível  
Era só aquela minha perguntinha elementar.

Assim se fez conversa de saberes diferentes  
Que tensionam ao sentir ameaçadas suas fontes,  
E essa rede de olhares e certezas divergentes  
Encontram possibilidade numa fusão de horizontes.

Sou suspeito pra falar, mas tenho quase certeza  
Que essa fusão mexeu comigo muito mais do que com eles e elas...  
Isso apareceu nas entrevistas cheias de riqueza  
E até na minha escrita deixou marcas e sequelas.

\* \*

As pessoas lentamente foram se desenrolando  
E trazendo perspectivas político-sociais  
De vivências que seguimos tanto relativizando  
E nos convencendo de que nós sabemos mais.

Chego agora aos relatos com bela convicção  
Da potência de acolher a essas falas, dispensando  
O padrão-ouro intelectual de interpretação...  
Que às vezes a resposta vem de quem tá castelando<sup>2</sup>.

Primeiro veio Estrelado<sup>3</sup>, com o brilho em seu olhar  
De quem sabe que não sabe o que o mundo lhe reserva,  
E cantando e recitando foi tentando desbravar  
Pra além de sua quebrada, registrando o que observa.

Foi trazendo aos pouquinhos o que lá fora lhe ensina  
E assim criar caminhos para outras existências  
Que escapem do crime e tráfico como rotina  
E encontrem mais saídas na arte e suas potências!

Quando foi se envolvendo no rap e recitais  
Ficou evidente o preconceito que ali sofriram...  
“Esses aí são maloqueiros, maconheiros, marginais!”  
Como se fosse reunião de delinquentes, mal sabiam

<sup>2</sup> Expressão popular para “pensando”.

<sup>3</sup> Todos os nomes usados neste texto são fictícios. Todas as ideias associadas a cada uma das pessoas vêm diretamente de entrevistas reais realizadas com as mesmas, aqui relatadas em verso.

Que ali se construía um espaço cultural  
Pra quem nunca teve o acesso que a alguns se garantia...  
E assim aparecia rede territorial  
De um cuidar compartilhado, de amizade, de autonomia.

Foi aí que Estrelado afirmou que se fazia  
Uma relação entre saúde e esses espaços,  
Pois cuidando e recebendo dos que me fazem companhia  
Consigo construir meu bem-estar, juntando os pedaços.

Além disso conseguiu trazer um outro elemento,  
Dessa relação intensa que sente com a poesia:  
Ele encontrou um jeito de expressar seu sentimento  
De forma que sentisse que outra pessoa entenderia.

Essa vontade de dizer em poesia o que queria  
Fez com que corresse atrás de aprofundar o estudo...  
Português, arte e música pras rimas que fazia  
E pra melhorar as condições e o acesso a tudo

Que o mundo em que vivemos reservou pra quem tem voz  
Reconhecida como válida, porque fala sempre citando.  
Estrelado agora cita Luiz Lins, bem veloz:  
“E se alguém me escuta, é quando tô cantando”<sup>4</sup>.

\*

A trajetória de Céu acompanha a de Estrelado,  
Coexistem pra crescer nas suas formas de expressão.  
No hip hop estão juntos, mas agora separado  
Céu relata seus caminhos próprios de reflexão.

O que ele mais percebe que a poesia traz  
É o que ele denomina saúde da consciência...  
Isso tem tantos desdobramentos que é bem capaz  
Que a gente nunca entenda o tamanho dessa potência.

---

4 Verso da música “Eu Tô Bem”, de Luiz Lins, rapper pernambucano.

Por exemplo os recitais que Céu frequenta (e nunca falta),  
Que em dias ruins são combustível pra levantar a cabeça.  
Escuta amigos recitando e o coração lhe salta  
E aí as forças voltam pra lidar com o que quer que apareça.

As histórias são trocadas, e com elas energias,  
O povo todo castelando numa mesma dimensão  
De estimular a vida em suas periferias  
E encontrar redes de apoio, fortalecendo a identificação.

Foi no rap que iniciou a sua investida  
De reconhecer as dores de histórias em comum,  
E no rap também fez novos sentidos em sua vida  
Pra combater a máquina do mundo e não ser só mais um.

A sensação de profundo pertencimento permitiu  
Que acendesse a vontade de expandir seus horizontes.  
Foi onde nunca imaginou, morou um tempo lá no Rio  
E batalhou por reconhecimento, construindo pontes.

Espalha suas ideias por aí e incentiva  
Todo mundo a expressar o pensamento e sentimento,  
Não importa se escreveu ou não, é a iniciativa  
De compartilhar a ideia que te faz crescer por dentro.

Nas batalhas de MCs percebe o corpo estremecer  
Às declamações de uma rima sempre improvisada,  
Treinando pra lidar com o imprevisível sem perder  
A autoestima, que aumenta a cada grito da rapaziada.

Lentamente compartilha sua ideologia  
De pintar outro universo possível na quebrada,  
Através da reflexão e às vezes da alegria  
Retratadas em seus versos que contam sua jornada.

\*

Bem discreta e certa chega Dara na conversa,  
Explicando aos pouquinhos como é organizar  
Vários espaços de intervenção urbana controversa,  
Tocando em temas doloridos sem se recuar.

Participa como organizadora e poeta  
E assim consegue enxergar as muitas dimensões  
Nas quais os recitais se fazem explosão que afeta  
Todas que se atrevem a compartilhar suas expressões.

Ela entende que hoje em dia tá difícil sustentar  
O mínimo bem-estar (que não devia custar tão caro),  
Sombrios os tempos de retroceder, cortar e congelar  
(Ela não falou em nomes, mas aí tem Temer e Bolsonaro).

E no movimento de criar espaços pra galera  
Se juntar e se afetar na vivência compartilhada  
Ela aponta que o fortalecimento que espera  
É do direito à cidade, até pras mães e criançada!

Coisa estranha aconteceu, ela citou exatamente  
Uma “saúde da família” pra dizer das coisas boas  
Que esse espaço proporciona, sem nem ter o SUS em mente...  
Saúde, pra além das instituições, se produz entre pessoas.

E enquanto o Estado e os espaços existentes  
Não mostrarem interesse em ser mais horizontais  
Pras mulheres e as pretas terem espaço entre os presentes...  
Dara segue construindo seus espaços marginais.

O cuidado praticado nesses espaços é um processo  
Que vai além de fazer chá e perguntar se está bem.  
Constroem oportunidades e aumentam o acesso  
Das mulheres pra desenvolver a voz que elas têm.

Incendiada na leitura, incisiva na escrita...  
Poesia para Dara foi seu destravar da fala.  
E agora é ferramenta de intervir com o que acredita:  
Promover re-existências onde a voz ninguém lhe entala.

\*

Quando Alma se apresenta, já exhibe a potência  
De mulher preta que desafia o tradicional lugar:  
Professora, escritora, poetisa de referência,  
Contadora de histórias, e atriz pra completar.

Ela traz em seu olhar uma ampla preocupação  
Em combater as violências de raça, gênero e classe.  
Mas o grito que ela solta que mais faz tremer o chão  
É quando, com sua rima, não deixa que racista passe.

Era menina quando fez sua primeira tentativa  
De experimentar a sensação de poemar...  
Ajudava o tio a escrever de forma criativa  
Para as namoradas, declamando mil formas de amar!

Se envolveu discreta na leitura e na escrita,  
Viu suas companheiras escritoras publicar,  
E com o tempo se deu conta da escritora que lhe habita  
Em seus versos sobre a negritude sempre a clamar.

Nos espaços de poesia marginal, identifica  
Um momento para todas aumentarem a autoestima,  
Pois entre iguais se apresentando o aplauso intensifica  
Onde a sociedade em geral sempre deslegitima.

O silêncio é quebrado e se escuta a voz negada  
Que funciona como cura até pras outras assistindo,  
Pois a mesma dor que deixa a Alma desassossegada  
Representa e fortalece a todas que vêm resistindo.

Essa cura pela arte não é só dos sentimentos...  
Alma diz também da grana de vender sua poesia.  
Alguns reais, pra quem tem pouco, evitam desdobramentos  
Adoecedores que a conta atrasada cria.

Em verso e rima ela diz que o recado é recebido  
Com sorrisos onde normalmente gera confusão,  
A navalha enferrujada do racismo faz sentido  
E as violentas chibatadas causam mobilização.

\*

Lá no alto da cidade, Jão declama como respira...  
Articulador das vozes e dos corpos marginais  
Em movimento de incentivar o povo que conspira  
Derrubar as tradições capitais, sociais e culturais.

O percurso das palavras-poesia para ele  
É, de início, esconderijo para escapar das normas,  
E assim sobreviver num ambiente onde aquele  
Que escancara o sentimento é negado de várias formas.

Em seguida vê a chance de fazer reflexão  
E encontrar maturidade pra enfrentar a violência  
De ser marginalizado da sociedade-padrão,  
Projetando outra saída sem a subserviência.

Diz que poesias e poetas reunidos  
Já fazem vibrar a vida, que vai muito mais além  
Do que a ciência determina em seus atrasados grunhidos,  
Pois nas trocas afetivas saúde se faz também.

A construção do bem-estar na perspectiva atual  
Ainda não se entendeu com o lugar da transcendência...  
Parece que não cabe no saber tradicional,  
Mas Jão explica: “a poesia é minha ciência”.

O que transcende e vai além, é o poema que consegue  
Retratar sem restringir, e expressar na concretude.  
Fala, escuta, vê e sente o corpo inteiro, inteiro entregue  
Ao eterno movimento da arte em atitude.

Quem declama se coloca num lugar de resistência  
À morte e à doença, põe saúde em perspectiva...  
Pois se morre após a última palavra, fica a essência  
Da palavra declamada, que indica que está viva.

\* \*

Com esse tanto de riqueza, acaba até dificultando  
Uma conclusão que faça a conversa aprofundar  
Mais do que essas pessoas já conseguem, provocando  
Nossas práticas cotidianas a se repensar.

O lugar bem conhecido do trabalho em saúde  
É tratar enfermidades com olhar conservador,  
Separando mente e corpo numa ingênua atitude  
De achar que assim dá conta do sofrimento e da dor.

Mas aqui se faz presente um chamado abrangente  
De quem vive e sente para além do que é ensinado.  
Essa gente diz de uma sociedade tão doente  
Que nós temos que reformular as bases do cuidado.

O discurso acadêmico já fala muito disso  
Mas parece que não conseguiu trazer para o concreto,  
Pois as instituições ainda deixam submisso  
Esse povo ao antigo e segregador projeto.

O conteúdo dessas discussões no SUS já se aproxima  
De uma iniciativa mais inteiramente popular,  
No entanto o funcionamento de baixo pra cima  
Não têm sido praticado de forma a contemplar

As minorias oprimidas, que vão se organizando,  
Promovendo sua saúde de formas mais adequadas  
Do que nós oferecemos, raramente ofertando  
Um cuidado adequado às pessoas marginalizadas.

Assim que essa conversa se horizontalizar,  
Facilita a construção de uma prática real  
Que se baseia na ideia de saúde popular  
E incorpora de verdade a perspectiva social...

O racismo, o classismo e o machismo entendidos  
A partir de quem os sofre todo santo dia...  
Não só por homens estudados vão ser decididos  
Os rumos de um povo que busca democracia.

\* \* \*

## POSFÁCIO

Esse texto foi fruto de uma pesquisa em saúde pública, um Trabalho de Conclusão de Residência em Atenção Básica e Saúde da Família escrito e submetido por Philip Alexander Galvão McCormack. Mas para além da escrita em si, pensando as vivências compartilhadas e as trocas intensas, foi um trabalho construído a muitas mãos, e o produto final dele deve ser compreendido da mesma forma, inclusive na atribuição de autoria em publicações posteriores. Andrea, Wandson, Odailta, Jailson e Arthur (que consentiram em constar como coautores) e mais uma pessoa (que preferiu não constar como coautora) são igualmente donas desse texto: Andrea como orientadora do trabalho, e as outras como companheiras da cena de poesia falada do Recife e interlocutoras constantes no decorrer da pesquisa.

Quem quiser ver a versão do texto com as referências bibliográficas e notas adicionais, pode acessar em <https://tinyurl.com/saudepoesia> ou <https://drive.google.com/open?id=1eYq4Cmju0cxworf4DU3bAo0gYQ1Rtboj> ou mandar um email para [pagmccormack@gmail.com](mailto:pagmccormack@gmail.com). Se quiserem também conversar sobre o tema, o texto, a vida, podem entrar em contato!

\* \* \*

**Philip Alexander Galvão McCormack** é poeta, músico, trabalhador e militante do SUS e SUAS. Fez graduação em Psicologia e pós-graduação em Atenção Primária e Saúde da Família.

**Odailta Alves da Silva** (1979), mulher negra, lésbica. Escritora, educadora, atriz e ativista dos Direitos Humanos, com ênfase em práticas antirracistas e antiLGBTfóbicas. Nasceu na favela de Santo Amaro (Recife/PE). Possui Mestrado em Linguística pela UFPE e é concursada na Secretaria de Educação de PE. Tem 6 livros publicados: “Clamor Negro”, “Cativeiros de Versos”, “Letras Pretas” e “Nenhuma Palavra de Amor” (poemas); “Escrevivências” e “Pretos Prazeres” (contos).

**Arthur Novais Alves Carneiro** é Músico nascido em Recife, Poeta do Coletivo Boca no Trombone e Produtor audiovisual.

**Wandson Henrique Elias da Silva** é poeta do Coletivo Boca no Trombone, músico viajante, e participa de diversas intervenções artísticas nas quebradas do Recife e arredores.

**Jailson Leonardo de Oliveira**, da Rua Vespasiano 107, Alto José do Pinho, Recife/PE, Brasil; é professor, ator, poeta performático. Criador do Poesis - Grupo Cultural do Alto José do Pinho, grupo que atua com intervenções sócio político cultural. Participou ativamente da construção coletiva em forma de mutirões de casas numa das áreas da comunidade. Esteve a frente da coordenação da Secretaria de Cultura do SIMPERE. Apresentou performances nos ciclos festivos da cidade, na UFPE, com o Grupo Totem, no Festival de Inverno de Garanhuns. Criou o projeto “A prévia - espíritos e corpos sonoros” na Festa da Carne. Está hoje na luta pela efetivação da primeira creche pública municipal do Alto José do Pinho.

**Andrea Cristina Tavelin Biselli** é psicóloga clínica e hospitalar, Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUCSP (2023). Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco: UNICAP (2012). Professora convidada no Curso de Especialização em Práticas Psicológicas na Perspectiva Fenomenológica da UNICAP (2018-2020). Professora-Tutora na Faculdade Pernambucana de Saúde FPS (2012-2018), na pós-graduação em Psicologia Hospitalar e membro do Comitê de Ética. Psicóloga hospitalar do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (2012-2018). Advogada graduada em Direito pela Faculdade de Direito de São Carlos (1994).





## O anfíbio voador

*Marcos Aguiar Ribeiro*

Eu vou contar uma história  
Que vai fazer você pensar

Era uma vez um município  
No interior do Ceará

O nome dele é Sobral  
Aguarde que vou te mostrar

Tem um sol irradiante  
E um calor de arrasar

Não é França, mas tem arco  
Você pode acreditar

Referência em saúde e educação  
Recebe milhares de estudantes de toda uma região

Um deles se chama Carlos  
Você pode confiar

Em 2012 fez VER-SUS  
E então começou a lutar

Pelo direito à saúde e por uma boa formação  
Contribuindo para o SUS que é de todo cidadão

No mês do caju foi aberto um edital  
De uma experiência de encontro em um ambiente virtual

Carlos não perdeu tempo  
E logo se inscreveu

Uma oportunidade de aperfeiçoamento  
Ele logo percebeu

Como ousada uma proposta de movimentar a política de Educação Permanente  
Para o trabalhador, gestor, estudante e docente

Carlos foi selecionado e começou a participar  
Ligou seu computador para a comunidade de práticas explorar

Com um processo de ensino-aprendizagem diferente  
O curso possibilitava a autonomia do aprendente

Carlos começou a se encantar  
E suas inquietações e interrogações passou a compartilhar

Era uma noite de sexta-feira, quando Carlos empolgado digitava com fervor  
Quando menos esperava foi sugado pelo seu computador



Carlos foi parar em um mundo diferente  
E logo deu de cara com uma pessoa imponente

Em cima de uma nuvem  
Estava um mago

Mestre Paidéia foi como ele se apresentou  
E sem pestanejar perguntou:

Meu querido, você pode me ajudar?  
Tenho um desafio para te apresentar

Você precisa encontrar o caminho da Educação Permanente  
Para isso vou te dar uma ajuda excelente

Mestre Paidéia falou as palavras mágicas: sentir, pensar e agir  
E de seu chapéu várias estrelas começaram a sair

Carlos logo percebeu uma transformação  
Em seu rosto um óculos e duas antenas no cabeção



Mestre Paidéia falou: caro Carlos você tem agora a função radar  
Isso será muito importante em seu caminhar

Ative seu olho vibrátil e nada passará despercebido  
Boa sorte meu amigo

Neste instante o mago sumiu  
E sozinho pelo bosque prosseguiu

Várias interrogações começaram a pairar  
E nada do caminho encontrar

Até que uma resposta surgiu do inesperado:  
O caminho se dá no encontro da educação com o mundo trabalho

Com esta resposta Carlos ficou mais animado  
E continuou percorrendo o bosque encantado

Com seu olho vibrátil captou um movimento  
Aparentemente imperceptível no momento

Em meio a visibilidades e dizibilidades produzidas  
Apareceu uma fada divertida

O nome dela era Laurinha  
De cabelos cor de fogo e um par de asinhas

E falou parabenizando Carlos parabéns pela conquista  
E dizendo: siga em frente e não desista

Com sua função radar  
Conseguiu me encontrar

Vou usar minha varinha de condão  
E fazer uma transformação

Carlos fechou os olhos assustado  
E em seguida percebeu que já estava transformado

Ele não conseguia acreditar  
Agora era um sapo e podia voar



A fada Laurinha logo falou:  
Você é um anfíbio voador!

Como um anfíbio voador Carlos poderia transitar na terra, na água e no ar  
De forma a poder captar registros e sensações importantes para seu caminhar

Assim Carlos aprendeu a importância de se explorar todas as possibilidades  
De forma a reconhecer que se faz Educação Permanente em todas partes

Continuando sua jornada Carlos viu uma grande mandala no ar  
Curioso não hesitou e começou a se aproximar

Nesta mandala estava um sábio experiente  
Que se apresentou como o sertanejo resiliente

O sábio começou a falar:  
Estava esperando você chegar

Parabéns amigo Carlos, você deu o gatilho inicial  
Mas está distante do final

Te darei esta caixa de presente  
Que te ajudará significativamente

Esta será sua caixa de afecções  
Nela deposite todas as suas sensações

Ao abrir a caixa você promoverá conexões  
De forma a possibilitar bons compartilhamentos de experiências e emoções

O sábio se despediu  
E Carlos sozinho refletiu:

Não há uma receita para encontrar o caminho da Educação Permanente  
Pois o caminho é feito cotidianamente

Com isso um tornado se formou  
Vindo da caixa que o sábio entregou



Carlos então despertou atordoado  
Foi aí que percebeu que tinha sonhado

Mesmo assim Carlos não queria acreditar  
Pois desejava ter vivido essa aventura espetacular



Ansioso nem parou para pensar  
Ligou seu computador para compartilhar

A importância de movimentar a política de educação permanente  
Para ressignificar o trabalho cotidianamente.

\* \* \*

*As ilustrações deste texto são desenhos do próprio autor.*

**Marcos Aguiar Ribeiro** é enfermeiro, mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC), doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo — UNIFESP e atua na gestão do Sistema Único de Saúde como Coordenador de Vigilância do Sistema de Saúde da Secretaria da Saúde de Sobral — Ceará.





## Posfácio

Stela Nazareth Meneghel

*Mas se a torrente das coisas quebra no rochedo do assombro, então não há nenhuma diferença entre uma vida humana e uma palavra.*

Walter Benjamin

Posfácio, do latim, escrita que vem ao final; texto de teor explicativo que, acrescentado no final de livro, adverte ou explica o que for conveniente mencionar [sem ter a pretensão da última palavra, acréscimo meu].

Atender ao convite de escrever um posfácio para o livro *Literatura e saúde pública: a narrativa entre a intimidade, o cuidado e a política*, uma coletânea que mescla literatura e saúde me pareceu tarefa sumamente prazenteira, já que implicaria o privilégio da leitura prévia do manuscrito. Aceitei a solicitação, comecei imediatamente a ler o livro e devo dizer, para início de conversa, que o texto está lindo. Já, ao ler os primeiros contos, a história de uma dentista viajando a uma aldeia indígena para atender uma menina em estado grave — *Vida, cura e morte Magüta* - e o relato de médica cubana, trabalhadora do Programa Mais Médicos, lotada em uma vila perdida no mapa da Ilha de Marajó, onde se empenhou em cuidar de uma população paupérrima, vivendo em palafitas, secularmente desassistida - *Presente de garimpeiro* - fui completamente capturada pelos relatos. E o interesse e a emoção continuaram durante o percurso da leitura. Assim, a primeira constatação que faço é que, mesmo na diversidade, o livro é fiel a uma linha narrativa voltada à temática da saúde/enfermidade e ao relato de experiências impactantes, singulares, adensadas pela subjetividade dos (as) autores(as), pela originalidade das reflexões, pela atualidade dos temas e pela quebra dos limites entre ciência e ficção.

Poder-se-ia afirmar que a literatura tem identificado e descrito de modo mais preciso muitos flagelos e agravos que afligiram e afligem a população, ou nas

palavras de Juan Manuel Delgado e Juan Gutierrez (1995) a arte tem expressado nossa época de forma mais contundente que muitos tratados de sociologia (ou mesmo epidemiologia).

Gostaria de salientar a originalidade, a pertinência e a sensibilidade presente em cada um dos contos, relatos, textos poéticos e pequenas histórias deste livro, assim como o árduo trabalho de organizá-los, colocando cada um deles no seu “devido lugar”. Gostaria de dizer também o quanto a leitura deste livro instigou reflexões, pensamentos e insights.

A partir destas considerações iniciais, organizei este pós-escrito em três partes. A primeira delas está pautada no texto “O Narrador”, de Walter Benjamin (1985). Este texto clássico descreve com uma clareza impressionante o papel das narrativas ao longo da história da humanidade, em que partindo da tragédia compartilhada na *pólis grega* ao romance desfrutado por um leitor solitário, a narrativa foi se extinguindo. Na segunda parte, a ideia é trazer alguns relatos e experiências, inclusive algumas retiradas do próprio livro, sobre os efeitos do repositório de histórias, de fábulas e de produções engendradas para ler o mundo, na saúde e no bem estar humano. A ideia passa um pouco pela resposta à pergunta: por que a literatura faz bem à saúde? Na última parte são sugeridas algumas estratégias para seguir escrevendo, buscando inspiração nas Cartas a um jovem poeta de Rainer Maria Rilke (2006).

Vou fazer citações, muitas, vou me valer da voz e do gênio dos narradores e dos poetas, nunca deixo de citá-los, referi-los e copiá-los, como afirmei uma vez, parafaseando a voz do Carteiro, no livro de Skármeta (1996). O Carteiro que levava as cartas para Pablo Neruda, no seu exílio na ilha de Capri costumava usar as poesias de Pablo para fins pessoais. Interpelado por Neruda, que ficou sabendo do fato, o Carteiro justificava: a poesia depois de publicada não pertence mais ao seu autor, pertence a quem dela necessita. Usemo-las então.

Peço desculpas se for repetitiva ou se as ideias que aqui trouxer já sejam de domínio público, mas sabendo que um dos prazeres dos contadores de histórias está justamente na repetição dos velhos temas sempre buscando novas cores, tons e roupagens, suspendendo o(s) desfecho(s) para o amanhã, como fazia Sherezade no Livro das Mil e uma Noites (2005), nesse continuo contar e recontar, fazer e refazer o trajeto que possibilita a reconstrução de si mesmo.

E ainda sobre o processo de construção/reconstrução que a literatura instiga e permite, quero mencionar a escrita do texto *Cartas de Ivan Illich* no qual o conto tostoiano A morte de Ivan Illich (2008), considerado um dos clássicos da literatura médica e da relação médico-paciente, é reescrito. Na versão atual a história é recontada, agora ouvindo Ivan Illich falar, contando-nos sobre seus estados de espírito, suas atribuições causais e seus sofrimentos. A escrita é simples e tocante, criativa e sensível, abrindo uma porta para o outro, exercendo o caminho da empatia e do cuidado, e evidenciando a potência pedagógica da arte: um escritor russo no século XIX escreve sobre a desolação de um homem frente à doença e à morte, ignorado por sua família e sendo atendido e cuidado por um serviçal humilde; críticos e leitores, muitos deles médicos, consideraram em consenso este conto como exemplar e o tornam uma referência e; finalmente, uma bibliotecária do século XXI, volta ao conto e o reescreve, em forma de memórias, fazendo com que o próprio Ivan Illich, nos fale de seu sofrimento, medo e desamparo.

### Walter Benjamin e o narrador

Walter Benjamin (1985), ao escrever sobre a arte da narração, em meados do século XX, afirmava que as vivências e experiências que fazem parte da arte de narrar encontravam-se em extinção. Ao exemplificar, descreveu dois tipos clássicos de narradores, o primeiro deles, aquele que sai pelo mundo, quer seja o viajante, o explorador ou o marinheiro e volta contando suas aventuras, o segundo é o guardião de um conhecimento, artista, artífice ou artesão, depositário de um saber, de uma técnica e de uma arte. Porém estes atores, o marujo e o artesão desaparecem com o advento da Revolução Industrial, que substituiu a arte do artesão pela linha de produção e as experiências dos marujos e viajantes pelos relatos jornalísticos.

Basta olhar o jornal, diz Benjamin, para saber que a população que saiu da guerra de trincheiras ao final de 1917 havia vivido uma experiência tão desmoralizante do ponto de vista ético, econômico e humano que nada mais parecia existir para ser contado. Aqueles soldados enterrados nas valas, envenenados com gás mostarda, parasitados e doentes de tifo e disenteria, já não se importavam com o inimigo - um homem afundado na lama igual a eles -. A

experiência da guerra, apesar do pseudo romantismo com que foi descrita, não tinha nada de grande, de heroico, não havia nada a contar. Sairemos da epidemia da Covid-19 desta maneira? Tão extenuados, espoliados e feridos que nada mais haverá para narrar? Tal qual o relato, no conto *Pestilentia*, em que a autora nos fala de uma Doença fatal que, como uma praga, uma peste, uma maldição, tomou conta do mundo. Neste conto, que mistura ciência ficção e realidade, impotente e desesperançada a humanidade se encaminha para o final. Haverá um final para a epidemia de Covid-19? Quantas e quantas vezes a literatura previu com pertinência a eclosão de epidemias ou cataclismos avassaladores?

Com a Idade Moderna, o advento da imprensa e da burguesia, a narrativa oral, que vinha de uma longa tradição, cede lugar ao romance, uma experiência pessoal e de solidão, não mais o compartilhamento comunitário de uma história. A despreocupação temporal também é quebrada pela urgência e rapidez da sociedade industrial, na qual já não há mais tempo para lapidar uma pedra ou um conto, e o meio de divulgação por excelência é o jornal. Benjamim (p.202) cita o fundador do jornal francês *Figaro*, que costumava dizer, “para meus leitores, o incêndio de um sótão no *Quartier Latin* é mais importante que uma revolução em Madri”. Há neste caso a troca de um saber para uma informação. O saber vinha do longe espacial (terras estranhas na narrativa do viajante) ou temporal (a realização de uma obra selada na tradição do artesão) e possuía uma autoridade válida, mesmo quando se pautava no miraculoso, enquanto que a informação precisa ser objetiva, direta e compreensível.

O jornal nos informa a cada manhã sobre as notícias de todo o mundo, porém as notícias são veiculadas indiscriminadamente, mesclando acontecimentos de alta repercussão com o fato mais banal. Desta maneira, somos abastecidos em novidades e pobres em histórias surpreendentes nas quais desapareceu o mágico, o fantástico e o maravilhoso. Às vezes imagino o que dirão de nós os futuros historiadores, afirmava Albert Camus (1984, p. 7) apontando para a mediocridade em que estamos imersos. “Uma só frase lhes bastará para definir o homem moderno: ele fornicava e lia jornais. Depois dessa definição, o assunto ficará, se assim posso me expressar, esgotado.”

Ao lamentar o fim da narrativa — que o livro que ora lemos busca restaurar, recuperar e reviver - Benjamim defende que uma narrativa deve se eximir de interpretações e da análise psicológica. Para fundamentar essa asserção

ele recorre a Heródoto, cujos relatos enxutos, sintéticos e objetivos permanecem até a contemporaneidade. Heródoto simplesmente registrou os eventos que presenciou, ouviu ou viveu, abstando-se de fazer quaisquer interpretações. Dessa maneira, ele conta a história do rei egípcio Psamênito, que assiste impassível a família escravizada e o filho executado, mas ao ver o mais humilde servo manietado, chora. Por que chorou Psamênito, perguntaram pensadores em várias épocas, sem concordarem entre si, pois a questão foi deixada em aberto (Bosi, 1994).

A (velha) arte de contar histórias pressupõe uma sincronicidade entre alma, olho e mão, articulados artesanalmente, artisticamente, humanamente. “Alma, olho e mão agindo uns sobre os outros, definem uma prática, a coordenação artesanal que encontramos na arte de narrar”, explica Benjamin (p. 221), e “o narrador pode ser incluído entre aqueles considerados mestres e sábios”.

Ressalto que muitos dos contos deste volume escritos por médicos, psicólogos e outros profissionais de saúde rememoram pacientes reais ou imaginários atendidos e cuidados por eles. Na medida em que o caso clínico se torna um relato literário, o (a) autor(a) demonstra o quanto foi afetado(a) por esta história e por esta vida e, dessa maneira, esses casos se tornam exemplares. Atingem, assim, uma dimensão pedagógica e de produção de conhecimento, no sentido benjaminiano em que a potência presente na narrativa é tal que *“o narrador poderia deixar a luz de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida”* (p. 221).

### **Por que a literatura faz bem à saúde?**

Epidemias e doenças, sofrimento físico e mental fazem parte do repositório de temas abordados por escritores ao longo da história da humanidade. Estas produções literárias sensibilizam os leitores, ampliam a percepção acerca do adoecer humano e contextualizam os cenários históricos e sociais onde estes eventos ocorrem. A literatura mostrou o uso da doença como metáfora (Sontag, 1984) e como estigma (Goffman, 1980), identificou o preconceito e a xenofobia dirigidos aos doentes, incluindo atribuições raciais e étnicas para a eclosão de epidemias, como no momento atual em relação ao coronavírus e aos chineses.

Há textos literários que parecem complementar a compreensão de doenças

e agravos, assim como o fazem outras manifestações artísticas, que podem incluir desde peças teatrais, filmes, músicas, pinturas até desenhos e mensagens grafitadas nas ruas. E, por incrível que pareça, a inclusão da perspectiva artística e literária amplia a possibilidade de entendimento acerca do processo de determinação social destes eventos, o que nem sempre fica claro nos textos técnicos. Não se pode trabalhar com o suicídio sem usar referências literárias ao lado das científicas como, por exemplo, as leituras de *Anna Karenina* (Tolstói, 2005) e *Emma Bovary* (Flaubert, 1999), duas mulheres que, embora tão diversas, sucumbiram ao patriarcado, talvez se possa afirmar após conhecê-las (Meneghel, 2016).

A morte constitui outro tema temido, negado e escamoteado no contemporâneo. Na Antiguidade, assim como nas culturas indígenas e africanas, o velho, o ancião, aquele que vai morrer é um repositório de sabedoria. O momento da morte representa, então, um evento coletivo em que as pessoas se reúnem para ouvir uma mensagem, predições ou a benção daquele que parte. Esse ritual desapareceu com a modernidade e o hospital, como na Idade Média, voltou ao seu papel de morredouro, onde os doentes terminais não têm mais nem mesmo a possibilidade de se despedir de familiares. Esse fato foi exacerbado na epidemia de Covid-19 e relatos de trabalhadores de saúde, sobrecarregados, extenuados e em risco, dizem do pavor de pessoas que ao serem entubadas e pressentindo a morte, sabendo das medidas de isolamento e da contagiosidade da doença, pedem para que sejam transmitidas suas últimas palavras aos familiares. Nunca estivemos tão sós.

Outro aspecto relacionado com as narrativas mostra a importância de que os profissionais de saúde escutem as histórias que os pacientes contam. Sabemos quão escasso é o tempo dos profissionais de saúde e quão poucos são, mas como dizia um médico de família “se você ouvir o paciente por um tempo suficiente ele lhe dirá o seu diagnóstico”. Cada história de vida é única e particular, valendo lembrar as palavras de Tolstói (2005), na introdução de *Anna Karenina*, “todas as famílias felizes se parecem, porém, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”.

A compreensão da doença passa pela escuta da narrativa dos doentes vistos não apenas como um feixe de sintomas ou uma lista de exames a solicitar, mas, possuidores de uma identidade e história única, singular e específica. Vidas que podem ser descritas literária e poeticamente, como vocês fizeram neste livro, trazendo as mais diversas situações, pessoas de todas as idades, etnias, gêneros, e

classe social, portadoras de enfermidades e sofrimentos os mais diversos.

Nesse sentido, James Hillman (1989, p. 160), um psicanalista junguiano, recomenda que consideremos os pacientes como o fariam escritores e cineastas, usando o olho imagético, o olho da fantasia, da imaginação e da afetividade: *“precisamos olhar nossos pacientes como Visconti ou Fellini o fariam. Nossa linguagem é previsão estatística, não se encontra mais o olho descritivo individual, o olho clínico, o olho de Flaubert. Essa supressão de linguagem faz com que a maioria dos livros psicológicos pareça morta”*.

Outro efeito benéfico da literatura para a saúde e o bem estar humanos relaciona-se com a conservação da memória, tanto do ponto de vista de um grupo social, de uma comunidade, de um fato histórico, quanto do ponto de vista individual, dos acontecimentos felizes ou dolorosos da vida de cada um.

Quando as pessoas contam as suas histórias, escrevem diários ou autobiografias, este processo lhes permite lembrar, repensar e, mesmo, refazer o significado de suas vidas. Isso também pode acontecer quando a pessoa se identifica com um personagem durante a leitura de um livro ou ao ver um filme. Deste modo, as narrativas orais e as escritas como relatos biográficos ou textos de ficção são um dispositivo fundamental na resignificação das histórias de vida e na produção de sentidos para situações de doença, de dor e de injustiça (MENEGHEL; IÑIGUEZ, 2007), já que as histórias e os temas que escolhemos para contar dizem muito mais sobre nós do que poderíamos imaginar (AUGÉ, 1994).

Além disso, a literatura pode ter uma função de denúncia. Pessoas que sofreram uma injustiça, uma iniquidade ou infração de direitos precisam tornar este ato público, identificando o responsável que pode estar representado por uma abstração (o capitalismo, o racismo ou o sexismo, por exemplo) ou ser identificado e designado nominalmente. A denúncia atende a uma necessidade humana de reparação frente à(s) injustiça(s), porém é preciso quebrar o medo ou a inércia para romper o silêncio e convocar as pessoas ou grupos a denunciar a violação e a tomar partido ante a injustiça cometida (BOLTANSKI, 2000; OLIVEIRA; MENEGHEL; BERNARDES, 2007).

Muitos dos textos da obra aqui referenciada constituem relatos de situações de injustiça, iniquidade, violências, maus tratos a usuários e usuárias de serviços. Podem ser citados os contos sobre pacientes psiquiátricos, *O Endereço*, por exemplo, em que,

após um breve interregno propiciado pela Reforma Psiquiátrica as janelas voltaram a ser gradeadas. O mesmo está descrito em relação ao (não) cuidado, podendo se referir a pessoas trans (*Um óbito mal definido*), pessoas em situação de extrema vulnerabilidade econômica (*A dor como forma de existência. Doutor não vê que estou sangrando?*), a jovens que têm os bebês confiscados, quando não são consideradas confiáveis segundo a moral vigente (*Ode as rosas*, ou meninas apreendidas para doação). Pela lente da micropolítica, algumas destas escritas mostram o desmonte do SUS e o esfacelamento de direitos, mesmo os exíguos, a retirada deste “colchão de proteção” que o Estado representa para a parcela mais pobre e desprotegida da população, sob a pressão do capitalismo mais desenfreado.

Os autores e autoras desta coletânea deixam clara a contradição entre o cuidado que os e as trabalhadores (as) de saúde desejam exercer e as condições objetivas para a realização deste cuidado que não são disponibilizadas. Então, a literatura se torna militante e abre espaço para a denúncia dessas contradições e iniquidades, percebidas nestes textos que falam de pessoas mal cuidadas, pessoas supérfluas, sobrantes, pessoas deixadas para morrer. E para denunciar estes casos é preciso alinhar-se a uma escrita engajada, militante, uma escrita denúncia. Construir uma literatura a serviço dos oprimidos, que funcione como uma ferramenta de transformação social.

Por essas e por tantas outras razões, é possível afirmar que a literatura faz bem à saúde.

### **Contar histórias, escrever para não morrer**

Nesta parte final, gostaria ainda uma vez, correndo o risco de me tornar repetitiva, de falar um pouco mais sobre a importância da literatura. No mundo acadêmico, há uma tradição de exigência quanto à produção escrita dos estudantes, que por sua vez, muitas vezes sentem que a cobrança é formal e reagem produzindo textos despersonalizados, escritas bancárias poderia se dizer parafraseando Paulo Freire. Vou contar então uma experiência em que esta posição foi quebrada e a escrita constituiu a produção principal escolhida por um grupo de estudantes.

Quando iniciou a epidemia de Covid-19, ocorreu um problema operacional referente a uma pesquisa, cujo objetivo era sediar grupos presenciais de mulheres

em situação de violência. Para resolver este problema, a opção foi trabalhar com grupos em ambiente virtual, acolhendo a comunidade acadêmica da universidade, fragilizada frente à epidemia. O surpreendente no transcorrer destes grupos foi o desejo dos e das participantes de escrever sobre seus sentimentos, e os encontros constituíram verdadeiras “oficinas de textos”. Escrevendo, eles contaram dos medos e angústias, denunciaram discriminações, preconceitos e violências, expuseram segredos e experiências íntimas, deixando patente o quanto a escrita autobiográfica é capaz de produzir sentidos, mesmo ao se defrontar com a dor.

No processo grupal, escreveram cartas, ressuscitaram diários esquecidos na gaveta, rememoraram alegrias e tristezas, construíram portfólios e outras artes, em uma verdadeira ferraria de histórias, em que o “narrador sucateiro” (GAGNEBIN, 2006) foi o protagonista, mostrando que tudo se aproveita, nada é desprezado, nada é descartado, mesmo os elementos inferiores, vergonhosos e escondidos. Ao final o grupo havia construído um Antimanual para enfrentar a Covid-19 (MENEGHEL; GOMES; MENEGHETTI; SILVEIRA; RIBEIRO, 2020).

Já que falei em cartas, no prazer proporcionado pela escrita de cartas, este velho hábito atualmente abreviado pelo uso do celular, inspirada em um pequeno livro de Rainer Maria Rilke (2006), gostaria de dirigir algumas palavras finais a vocês, poetas jovens que escreveram o livro aqui posfaciado. No livro *Cartas a um jovem poeta* (2006), Rilke questiona o rapaz que lhe escrevia querendo saber o que devia fazer para tornar-se um escritor, por meio de uma pergunta que refaço agora: *morreríamos se nos fosse vedado escrever?*

Escrever para não morrer. Escrever por necessidade, por um desejo tão intenso que dói. Para isso, disse o poeta, algumas recomendações são necessárias. A primeira delas é a necessidade de buscar a solidão interior. Não dá para deixar de afirmar o quão difícil e ao mesmo tempo, tão necessário, é ficar sozinho. Vocês, trabalhadores de saúde sabem da solidão amarga dos corredores do hospital em uma noite de plantão, da solidão de uma decisão a ser tomada sobre quem vai ocupar o leito e quem vai morrer, da solidão de fazer o prognóstico de uma vida.

A segunda questão apontada pelo poeta é a de evitar falar sobre nossas paixões e relações amorosas. “Não escreva poesias de amor!”, disse ele ao jovem aprendiz, indicando-lhe para se afastar dos temas banais e mais explorados, do sentimentalismo raso, dos chavões desbotados. O que restaria então? “*Não há*

*senão um caminho. Procure entrar em si mesmo e entender o motivo que o leva a escrever (...) e, seja absolutamente sincero com seus sentimentos por mais difícil ou doloroso que isso possa parecer”.*

Nesta coletânea, muitos textos vieram na forma epistolar, como cartas ou diários. *Morbus Gallicus* é um deles, apresenta o Rio de Janeiro do início do século XX, a cidade em ebulição com a proposta higienista posta em prática. Participamos deste cenário lendo excertos da correspondência trocada entre Raymundo Corrêa, o poeta parnasiano, e Oswaldo Cruz, o sanitarista que inaugurou a saúde pública neste país. Cartas repaginadas e resgatadas dos velhos baús da memória, uma mistura de história e de afeto, recuperada por uma sanitarista de hoje.

E para fechar o círculo, preciso falar novamente de Walter Benjamin com quem comecei esta conversa. Ao explicar a decadência da narrativa, o autor explica o caráter irremediável deste processo que findou com uma época, quando a atividade manual e artesanal do fiar, tecer, debulhar, fazia com que o ouvinte, imerso no trabalho, se esquecesse de si mesmo enquanto ouvia a história. Só desta maneira, esquecendo-se de si mesmo, é que a história contada e recontada acaba sendo incorporada, de tal maneira, que o ouvinte se torna um narrador.

Importante salientar que para Benjamin, as histórias têm sempre uma dimensão utilitária, um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma norma de vida e, assim, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Porém, esta habilidade perdeu o status na atualidade, embora seja praticada por charlatães, vigaristas, pregadores de feira, dentre outros de “colarinho branco”, que utilizam o “dar conselhos” de uma maneira manipuladora. Porque para Benjamin (p.200), “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação da história que esta sendo narrada”. O que no olhar de Jeanne Gagnebin (1985, p 11) significa “a inserção do narrador e do ouvinte dentro de um fluxo narrativo comum e vivo, já que a história continua e está aberta a novas propostas e ao fazer junto”.

Sim, as histórias estarão sempre abertas a novas propostas, ao fazer junto e à magia de alavancar transformações no (s) próprios narradores e ouvintes.

Agradeço a Vatsi, pela leitura, pela sugestão da epígrafe e pelas contribuições a este texto.

*São Jorge de Ilhéus, junho de 2021*

## Referências

- AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus; 1994.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. *In*: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura, arte e política. São Paulo. Ed. Brasiliense; 1985. p. 197-221.
- BOLTANSKI, Luc. El amor y la justicia como competencias. Tres ensayos de sociología de la acción. Buenos Aires: Amorrortu Eds; 2000.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
- CAMUS, Albert. A queda. Rio de Janeiro: Círculo do livro; 1984.
- DELGADO, Juan Manuel; Gutierrez, Juan. Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales. Madrid: Síntesis, 1995.
- FLAUBERT, Gustave. Madame Bovary: costumes de província. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro; 1999.
- GAGNEBIN, Jeanne. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo. Ed. 34; 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne. Prefácio. Walter Benjamim ou a história aberta. *In*: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura, arte e política. São Paulo. Ed. Brasiliense; 1985. p. 7-20.
- GOFFMAN, Ervin. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1980.
- HILLMAN, James. Entrevista com Laura Pozo sobre psicoterapia, biografia, amor, alma, sonhos, trabalho, imaginação e o estado da cultura. São Paulo: Summus; 1989.
- Livro das Mil e Uma Noites. Tradução de Mamede Mustafá Jarouche. v. 1. São Paulo: Globo; 2005.
- MENEGHEL, Stela N. Algumas reflexões acerca do suicídio e do comportamento suicida. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Comportamento suicida de idosos. Fortaleza: Edições UFC; 2016. p. 93-118.

MENEGHEL, Stela N.; GOMES, Ana Lucia; MENEGHETTI, Bruna; SILVEIRA, Karolline S.; RIBEIRO, Rafael Flores. Antimanual para enfrentar a Covid-19. Falando de medos, angústias e violências. Porto Alegre: Rede Unida; 2020.

MENEGHEL, Stela N.; IÑIGUEZ, Lupicínio. Contadores de histórias — práticas discursivas e violência de gênero. Cadernos de Saúde Pública, v. 23, n. 9, p. 105-119, 2007.

OLIVEIRA, Maria Luiza Pereira; MENEGHEL, Stela N.; BERNARDES, Jefferson S. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 2, p. 266-274, 2009.

RILKE, Rainier Marie. Cartas a um jovem poeta. Porto Alegre: LPM Pocket; 2006.

SKARMETA, Antonio. O carteiro e o poeta. Rio de Janeiro: Record; 1996.

SONTAG, Susan. A doença como metáfora, Rio de Janeiro: Graal; 1984.

TOLSTÓI, Leon. A morte de Ivan Illich. Porto Alegre: L&PM Pocket; 2008.

TOLSTÓI, Leon. Anna Karenina. 2. ed. São Paulo: Ed. Kosaf & Naify; 2005.

\* \* \*

**Stela Nazareth Meneghel** é graduada em Medicina UFRGS (1977), com especialização em saúde pública pela ENSP (1978), mestrado e doutorado em Ciências Médicas pela UFRGS (1989; 1996) e pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Autônoma de Barcelona (2005/6). Atualmente é professora associada da UFRGS e coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde da Família/UFRGS. Participa do Grupo de Estudos Rotas Críticas: desigualdades sociais, generificadas e racializadas/UFRGS.



A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página  
<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>  
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa as vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA  
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

[editora.redeunida.org.br](https://editora.redeunida.org.br)







## Publicações da Editora Rede UNIDA

### Séries:

Pensamento Negro Descolonial  
Mediações Tecnológicas em Educação e Saúde  
Educação Popular & Saúde  
Saúde Mental Coletiva  
Atenção Básica e Educação na Saúde  
Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde  
Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde  
Saúde & Amazônia  
Saúde Coletiva e Cooperação Internacional  
Vivências em Educação na Saúde  
Clássicos da Saúde Coletiva  
Outros

### Periódicos:

Revista Saúde em Redes  
Revista Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia



FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE

[www.redeunida.org.br](http://www.redeunida.org.br)

